

**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

MARIANA RIBEIRO DO NASCIMENTO

**JINWAR: A GUERRA DAS GUERRILHEIRAS CURDAS EM TRÊS *FRONTS*:
GÊNERO, ESTADO ISLÂMICO E A REVOLUÇÃO DE ROJAVA**

RECIFE

2017

**JINWAR: A GUERRA DAS GUERRILHEIRAS CURDAS EM TRÊS *FRONTS*:
GÊNERO, ESTADO ISLÂMICO E A REVOLUÇÃO DE ROJAVA**

MARIANA RIBEIRO DO NASCIMENTO

Monografia apresentada à Faculdade Damas da Instrução Cristã - FADIC, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

**ORIENTADOR: Prof. Dr. Antonio
Henrique Lucena Silva**

RECIFE

2017

Ficha catalográfica

Elaborada pela biblioteca da Faculdade Damas da Instrução Cristã

N224j Nascimento, Mariana Ribeiro do.
Jinwar: a guerra das guerrilheiras curdas em três *fronts*: gênero, Estado Islâmico e a Revolução de Rojava / Mariana Ribeiro do Nascimento. – Recife, 2017.
109 f.

Orientador: Prof^o. Dr^o. Antonio Henrique Lucena Silva.
Trabalho de conclusão de curso (Monografia – Relações Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2017.
Inclui bibliografia

1. Relações internacionais. 2. Guerrilheiras curdas. 3. Movimento de libertação curdo. 4. Estado Islâmico. 5. Revolução de Rojava. I. Silva, Antonio Henrique Lucena. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título.

CDU 327

MARIANA RIBEIRO DO NASCIMENTO

**JINWAR: A GUERRA DAS GUERRILHEIRAS CURDAS EM TRÊS *FRONTS*:
GÊNERO, ESTADO ISLÂMICO E A REVOLUÇÃO DE ROJAVA**

Monografia apresentada à Faculdade Damas da Instrução Cristã - FADIC, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Aprovado em: ____/____/____
Nota: ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Orientador Antonio Henrique Lucena Silva
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

Prof. Dr. Rodrigo Santiago da Silva
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

Prof^a. Dra. Letícia Loreto Quérette
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

Agradecimento

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado tranquilidade durante minha pesquisa.

Agradeço à minha mãe, Leide, e aos meus avós maternos, Alda e Cícero. Obrigada por todo amor e apoio que sempre me deram e que foram essenciais nesses quatro anos de graduação. Sobretudo pelo o exemplo de força, coragem e luta que os três me ensinam todos os dias mesmo sem perceber. Sem vocês nada disso teria sido possível.

Aos meus amigos de colégio, Carolina, Rebeca, Halley e Natalie que, após todos esses anos e mesmo com a distância, sempre estão comigo e torcendo por mim. Sobretudo, à Carolina pelas nossas conversas ainda no ensino médio sobre o curso de RI.

Aos meus amigos de sala, Fernanda, Marília, Cecília, Bruna, Milena, João, David e Maria Luiza. Que a diversidade da sala seja sempre a nossa marca e o exemplo de que pessoas diferentes podem se amar e conviver em harmonia. Foram quatro anos com a melhor turma do curso de RI, quatro anos de risadas e companheirismo. Da graduação para vida.

Aos meus amigos de Itamaraty, por sempre me incentivaram a continuar, sobretudo à minha amiga Cecília Peres pelo apoio.

À Faculdade Damas pela oportunidade de estudar as Relações Internacionais.

Aos meus professores que, durante quatro anos, transmitiram seus conhecimentos acadêmicos e humanos. Vocês ajudaram-me bastante em minha caminhada na graduação.

E ao Professor Antonio, meu orientador e amigo, que me acompanhou e incentivou. Obrigada pela paciência e apoio.

Resumo

Este estudo tem como intuito entender a luta da mulher (*jin*, em curdo) curda, por meio de sua atuação como guerrilheira em um dos grupos militares curdos ligados ao movimento de libertação curdo, o YPJ (Unidade de Defesa da Mulher). Para tal finalidade, este trabalho vai analisar as três variáveis que estão ocorrendo de forma simultânea em sua sociedade, em que as guerrilheiras curdas atuam como *players* para garantir que os direitos das mulheres sejam respeitados visando findar a opressão e exploração da mulher no âmbito estatal e familiar. Também lutam como agentes ativos da guerra contra os terroristas do Estado Islâmico, que estão cometendo atrocidades contra mulheres. Por fim, lutam pela consolidação do movimento de libertação curdo com a Revolução de Rojava, onde as guerrilheiras estão construindo um novo contrato social em sua localidade para assegurar que as mulheres sejam excluídas e oprimidas novamente.

Portanto, este trabalho irá explicar os três fronts que as guerrilheiras curdas estão atuando, contra as discriminações de gênero, contra o Estado Islâmico e pela defesa da Revolução de Rojava.

Palavras-Chave: Mulher curda; Guerrilheiras curdas; Movimento de libertação curdo; YPJ; *Players*; Direito das mulheres; Agentes ativos; Estado Islâmico; Revolução de Rojava; Três *fronts*.

Abstract

This study intends to understand the Kurdish woman's (Jin, in Kurdish) fight, through her acting as a guerrilla fighter in one of the Kurdish military groups linked to the Kurdish liberation movement, the YPJ (Women's Protection Unit). For this purpose, this study will analyze three variables that are simultaneously occurring in their society, where the Kurdish women guerrilla fighters act as players to ensure that women's rights will be respect in order to end the oppression and exploitation of women by the State and family. They also fight as active agents of the war against terrorists of the Islamic State, which are committing atrocities against women. Finally, they are fighting for the consolidation of the Kurdish liberation movement with the Revolution of Rojava, where they are building a new social contract of their locality to ensure that women will no longer be excluded and oppressed again. Therefore, this work will explain the three fronts that the Kurdish women guerrillas fighters are working against, against the discriminations of gender, against the Islamic State and for the defense of the Revolution of Rojava.

Keywords: Kurdish woman; Kurdish women guerrilla fighters; Kurdish liberation movement; YPJ; Players; Women's Rights; Active agents; Islamic State; Revolution of Rojava; Three fronts.

Lista de Quadro e Figuras

Quadro 1 – Metodologia.....	36
Figura 1 – Mapa da região do Curdistão.....	38
Figura 2 – Acordo Skykes-Picot.....	44
Figura 3 – População curda na Turquia.....	61
Figura 4 – Mapa de Rojava.....	65
Figura 5 - Campos de petróleo na região da Síria, Iraque.....	71
Figura 6- Ataques aéreos contra o EI até 13 de maio de 2017.....	74
Figura 7 – Situação da geopolítica do conflito até 15 de maio de 2017.....	79
Figura 8 – Perdas territoriais do EI de janeiro 2015 até 3 de abril de 2017.....	79

Lista de siglas

EI - Estado Islâmico

FDS - Forças Democráticas da Síria

HRW - Human Rights Watch

KDP - Partido Democrático do Curdistão

KDPI - Partido democrático do Curdistão do Irã

KDPS - Partido Curdo Democrático da Síria

KRG - Governo Regional do Curdistão

ONU - Organização das Nações Unidas

OSDH – Observatório Sírio para os Direitos Humanos

PJAK - Partido da Vida Livre do Curdistão

PKK - Partido dos Trabalhadores do Curdistão

PUK - União Patriótica Curda

PYD - Partido da União Democrática

YAJK - União das Mulheres Livres do Curdistão

YJA Star - Unidade da Mulher Livre

YPG - Unidade de Proteção Popular

YPJ - Unidade de Defesa das Mulheres

Sumário

Introdução.....	12
1 AS TEORIAS FEMINISTAS E CONSTRUTIVISTAS: O ESTADO DA ARTE SOBRE A ASCENSÃO DA MULHER NO SETOR MILITAR.....	18
1.1 Feminismo: breve introdução, conceitos e revisão da literatura.....	18
1.2 O ideário do “sexo frágil”: a construção da feminilidade.....	23
1.3 De agente passiva para agente ativa.....	29
1.4 Metodologia.....	34
2 CURDISTÃO.....	37
2.1 Geografia e recursos naturais.....	37
2.2 Contingente populacional e idioma.....	39
2.3 Ancestralidades e religiões.....	41
2.4 Geopolítica da região com o fim do Império Otomano.....	44
2.5 Movimento nacionalista e de libertação curdo dos séculos XX – XXI no Iraque, Irã, Turquia e Síria.....	46
2.5.1 Movimento nacionalista curdo no Iraque.....	46
2.5.2 Movimento nacionalista curdo no Irã.....	52
2.5.3 Movimento nacionalista e de libertação curdo na Turquia.....	55
2.5.4 Movimento nacionalista e libertação curdo na Síria.....	62
3 AS GUERRILHEIRAS CURDAS E A GUERRA POR TRÊS <i>FRONTS</i>: CONTRA AS DISCRIMINAÇÕES DE GÊNERO, CONTRA O ESTADO ISLÂMICO E POR ROJAVA.....	68

3.1 Estado Islâmico no Curdistão.....	68
3.2 O conflito: as guerrilheiras curdas como <i>players</i>.....	72
3.3 Guerrilheiras curdas: a mulher como agente ativo da guerra.....	82
Considerações finais.....	93
Referências bibliográficas.....	97
Anexo I- Entrevista.....	113

Introdução

O povo curdo é uma etnia nativa do Curdistão que surgiu na região da Mesopotâmia durante a Antiguidade. Em razão disto, há uma forte ligação de identidade do povo com sua terra.

No início do século XX, por conta dos desdobramentos que ocorreram devido a dissolução do Império Turco Otomano e o fim da I Guerra Mundial, o Curdistão não conseguiu consolidar-se como Estado. Isto ocorreu, pois a região teve suas fronteiras artificialmente criadas por interferências de países europeus para formação de novos Estados. Devido a isso, a área do Curdistão está majoritariamente inserida entre os territórios da Turquia, do Iraque, Irã e da Síria, porém o povo curdo nomeia de Curdistão do norte (Turquia), Curdistão do sul (Iraque), Curdistão oriental (Irã) e Curdistão ocidental (Síria).

A população curda é bastante expressiva. Estima-se que existem 36 milhões de curdos no mundo, o que faz deles a maior etnia sem pátria do mundo. Contudo, a etnia curda não está somente nas localidades citadas, pois a opressão promovida pelos países que o Curdistão está inserido ocasionou migrações forçadas, ataques e conflitos. Em razão disso, muitos curdos buscaram refúgio no Líbano, nos EUA e países europeus.

Por conta da opressão, a história do Curdistão é marcada pela luta do movimento nacionalista curdo, que nasce como uma resposta a institucionalização da opressão que os Estados promoviam por meio da utilização de mecanismos de assimilação da cultura curda para que ela fosse silenciada, apagada e substituída pelas culturas hegemônicas da região (turca, árabe e persa).

Turquia, Iraque, Irã e Síria adotaram políticas como a de *arabização*, pan-arabismo, assimilação à cultura turca e persa para manter suas unidades geográficas, visto que a região do Curdistão é uma região bastante fértil devido aos rios Tigres e Eufrates e possui grandiosas reservas de petróleo, gás e água. Por ser uma região rica em recursos, os Estados envolvidos não desejam perder seus territórios e suas riquezas para outro povo, então, eles adotaram políticas para manter suas unidades e dominar o povo curdo, e isto gerou a eclosão de revoltas.

Como consequência, o povo curdo inicia a formação de partidos políticos para aumentar sua participação na esfera política, e essa manobra fortalece o movimento nacionalista em todo Curdistão. No âmbito dos partidos, foram criados grupos militares,

como o *Peshmerga*, especializados na tática de guerrilha, para aproveitar geografia montanhosa do Curdistão. A partir disso, mais revólveres eclodem e até repúblicas, como a de Mahabad, porém todas sempre eram violentamente reprimidas pelos governos centrais, como ocorreu com o genocídio de Anfal em 1988, onde o Estado iraquiano atacou os civis e militares curdos, acarretando na morte de milhares de pessoas.

A fase inicial do movimento curdo era liderada por chefes tribais e religiosos, logo, reflete a organização em clãs que a sociedade curda estava dividida e sustentada pela cultura patriarcal. Esse fato configurava na exclusão da mulher curda da sociedade e isso se estendia à participação no movimento nacionalista, mesmo este primando pela participação de toda a comunidade para construir um futuro comum. Logo, a sociedade curda também apresentou influências da cultura patriarcal. Assim, o homem curdo estava em situação de privilégio em relação a mulher, e para assegurar sua posição, eles construíram uma relação onde a mulher era aprisionada no núcleo familiar para consolidar sua presença dominante. Então, se assemelhava às demais culturas da região, em que a mulher ainda está em situação de submissão ao homem, visto que ele construiu as regras do âmbito familiar e estatal sob sua ótica.

O homem constrói uma realidade para que a mulher seja vista como vulnerável e que não deve realizar determinadas atividades, pois essas foram feitas somente para os homens. Entre essas ocupações estão as do setor militar, pois a figura da mulher foi construída para ser protegida por eles e não ser o agente que protege. Seguindo os preceitos apresentados, há a construção da imagem da mulher atrelada a ideia de “sexo frágil” que somente poderia realizar atividades previamente delimitadas pelos homens, estes taxaram essas atividades como “afazeres de mulher” como as atividades domésticas, maternais e matrimoniais.

A partir da década de 1970 o movimento curdo dava sinais de fortificação de suas bases. Considerando a conjuntura política mundial, o movimento nacionalista curdo modifica-se na Turquia, pois passou a ser organizado por estudantes e ter ligação com o socialismo. Devido a isso, o movimento não pode ser considerado como uma unidade, mesmo que a base do problema seja a opressão do povo curdo.

Além disso, inicialmente a luta do movimento nacionalista das quatro partes do Curdistão é para a formação do Estado do Curdistão, porém, a partir dos anos 1990, os curdos do norte (Turquia) reformulam as bases de seu movimento, como consequência ele não iria mais se espelhar no Estado, pois é no âmbito estatal que ocorre a legitimação da opressão de minorias étnicas e da mulher. Assim, o movimento passa a

ser nomeado de movimento para libertação curda. Devido a reformulação do movimento curdo nesta localidade, a mulher curda consegue a possibilidade da inserção na vida social, militar e política. Ademais, o Curdistão ocidental (Rojava) adota o mesmo modelo.

Nesse contexto, algumas mulheres passaram a enxergar que era o momento ideal para garantir sua autonomia e lutar pelo movimento de seu povo. A mulher curda percebe que sua inserção no movimento nacionalista, no âmbito militar, traria sua libertação, pois ela teria liberdade do aprisionamento que a instituição familiar fazia e iria garantir sua autonomia para exercer outras atividades que não estivessem ligadas as que ela era obrigada a cumprir. Outro fator é que ela também estaria lutando diretamente com a estrutura do Estado que foi moldada pelos homens para legitimar a submissão da mulher. Logo, ela tinha intuito de modificar a opressão institucionalizada que ela sofria. A partir disso, as mulheres curdas ingressaram como guerrilheiras do PKK e *Peshmerga* que foram os primeiros grupos curdos a ter mulheres em suas fileiras.

A presença pioneira das guerrilheiras curdas que atuaram na segunda metade do século XX, trouxe representatividade para que outras mulheres fizessem o mesmo. Este exemplo deu aporte para que mais mulheres se rebelassem contra a estrutura hegemônica que as oprimia e foi possível a criação de pelotões exclusivos para mulheres, nos anos de 1990 no Curdistão do norte (Turquia), em que atuavam como guerrilheiras lutando contra a cultura patriarcal de sua sociedade e contra a opressão do Estado.

Esta ação impactou e modificou a sociedade curda no Curdistão ocidental (Rojava), que em razão da ingerência do Estado sírio causada pela guerra civil, iniciada em 2011, as mulheres curdas se organizaram e juntamente com os homens, reviveram o movimento curdo nessa parte do Curdistão. Então, a participação de toda a sociedade, com ênfase no papel decisório que as mulheres curdas desempenham como guerrilheiras, foi base para a Revolução de Rojava, em que foi estabelecida a administração de forma autônoma do território curdo ocidental.

A Revolução de Rojava tem ideologia basilar à libertação total do povo curdo. Posto isso, a mulher curda garante espaço para atuar e construir um novo contrato social, tendo como preceito o respeito pelos direitos das mulheres para que ela seja livre. Além disso, Rojava não se inspira na formação estatal para sua formação. Isso se dá porque o Estado foi moldado por homens e legitimava a opressão da mulher, então,

as guerrilheiras visam construir uma nova estrutura, em que as instituições recém-criadas devem garantir a participação plena da mulher no âmbito político e militar.

Inicialmente, para a defesa da Revolução, foi criado o YPG (Unidade de Defesa Popular) no qual as mulheres ingressavam e lutavam lado a lado aos homens, porém muitas mulheres se voluntariaram, então elas tomam como exemplo o pelotão exclusivo para mulheres que surgiu nos anos 1990, e em 2014, criam o YPJ (Unidade de Defesa da Mulher) para o ingresso exclusivo de mulheres.

Paralelamente à Revolução de Rojava surge o Estado Islâmico (EI), reivindicando o território que abrange o Curdistão do norte (Iraque) e Rojava. Em suas ações, o EI invade, destrói as cidades que toma e comete barbaridades contra a população feminina, como sequestros para vender mulheres e meninas em mercados de escravos, além de, mais uma vez, o estupro como arma de guerra ser utilizado em conflitos, como ocorreu na Bósnia nos anos 1990, acarretando no genocídio e na limpeza étnica de uma minoria étnica-religiosa curda, os yazidi. Devido a essas práticas, mais mulheres se voluntariam ao YPJ como uma forma de combater a barbárie contra elas que o EI promove e evitar que outras mulheres e meninas sofram qualquer tipo de opressão.

As guerrilheiras curdas, foco deste trabalho, são mulheres que se voluntariam para o grupo militar YPJ. Elas devem ter 18 anos para ingressar, porém adolescentes podem solicitar treinamento militar junto ao YPJ para quando atingirem a idade requisitada, pois somente são enviadas para atuação nos *fronts* da batalha mulheres que recebem treinamento militar, visto que em sua maioria as mulheres curdas nunca manusearam armamentos. No treinamento militar, a aspirante a guerrilheira vai aprender as táticas de guerrilha que são utilizadas pelo povo curdo desde a Antiguidade e também devem receber aulas teóricas que normalmente são ministradas por alguma comandante do grupo. Quanto às aulas teóricas, é utilizada a teoria desenvolvida por Öcalan (líder do PKK), a Jineologia. É importante explicar que *jin* significa mulher em curdo, então Jineologia é a ciência da mulher e foi desenvolvida para ensinar as civis curdas e guerrilheiras sobre a história de opressão da mulher em todo mundo e sobre os direitos das mulheres.

Após a conclusão do treinamento que tem duração de 6 meses, a guerrilheira está pronta para atuar como *player* nos *fronts* de batalha contra os terroristas do EI e para defender Rojava, visto que os terroristas tentam retomar a região novamente. Então, por conta de sua atuação como guerrilheira curda, elas tornam-se uma figura de

representatividade do empoderamento da mulher e trazem uma nova perspectiva de libertação para todas as mulheres. Mostrando que é possível a mulher ter voz e autonomia em uma sociedade do Oriente Médio, além disso, elas mostram que uma mulher tem plena capacidade de ocupar cargos militares e ser um agente de segurança. Contrariando os preceitos da cultura patriarcal que dita que uma mulher somente pode ter atividades ligadas à família.

Isso se desenvolve porque as guerrilheiras curdas estão redefinindo o papel da mulher tanto na guerra quanto na sociedade, desconstruindo paradigmas opressores que sempre atingiram a figura da mulher, com os padrões de feminilidade em que a mulher é classificada como frágil.

Os fatos apresentados sobre as guerrilheiras curdas motivaram o questionamento para o desenvolvimento deste trabalho: como se desenvolve a luta das guerrilheira curda considerando os três fatores (luta pelos direitos das mulheres, EI e Revolução de Rojava) que estão ocorrendo de forma simultânea no Curdistão?

A análise deste trabalho será realizada por meio da teoria feminista, com foco em Segurança Internacional, e da teoria construtivista. No primeiro capítulo, iremos explicar como o agente hegemônico da sociedade, o homem, constrói os preceitos de feminilidade e masculinidade para moldar, sob sua experiência, a estrutura da sociedade e do Estado para garantir sua posição de privilégio e a exclusão da mulher por ser vista como “sexo frágil”. A partir disto, iremos analisar a exclusão da mulheres, o impedimento de sua presença como agente ativa da sociedade, e sua ascensão no setor militar como agente de segurança.

No segundo capítulo, iremos analisar as características do Curdistão, história e identidade do povo curdo, para explicar como surge e se desenvolve o movimento nacionalista e de libertação curdo. Isto porque é no âmbito do movimento curdo que ocorre a inserção da mulher curda no setor militar atuando como guerrilheiras, em organismos militares do movimento curdo.

No terceiro capítulo, o trabalho vai explicar como ocorre a luta travada pelas guerrilheiras curdas, visto que os três eventos que estão ocorrendo simultaneamente envolvem diretamente os direitos das mulheres. Então, iremos analisar a guerra por três *fronts*, pois a guerrilheira curda luta pela defesa de seus direitos e para que nenhuma mulher seja oprimida, contra as violações feitas pelos terroristas do Estado Islâmico e lutam pela defesa da Revolução de Rojava, visando construir uma realidade democrática sem bases estatais.

Para esta pesquisa também utilizaremos uma entrevista (ver em anexo). Devemos salientar que tentamos contato com as guerrilheiras curdas e estrangeiras que estão atuando no YPJ, e obtivemos resposta. Todavia, devido à intensificação das operações, elas não puderam conceder entrevista, pois estavam lutando. Então, iremos utilizar alguns dados, como o contingente de alguns grupos militares curdos que o entrevistado concedeu.

Este estudo é extremamente relevante para as Relações Internacionais e para o Feminismo, pois ele concede uma ampla visão sobre a mulher como agente ativa do conflito, modificando e contribuindo com uma nova ótica aos estudos sobre mulher em guerras. Além disso, também é interessante para o Construtivismo, visto que mais uma vez ocorre um movimento popular que se opõe ao modelo padrão de estrutura. Dessa forma, é importantíssimo que seja explicada a situação das guerrilheiras curdas, pois se trata de uma Revolução que conta com a participação da mulher como agente da mudança. Além disso, é importante entender os possíveis desdobramentos que a Revolução pode tomar. E também, a representatividade que as guerrilheiras curdas estão fornecendo a outras mulheres da região, onde uma mulher que se encontra em situação de opressão tem alternativa de se despendar da estrutura opressora.

Considerando que é um evento que está em vias de desenvolvimento, visto que as batalhas contra o EI ocorrem todos os dias, há a carência de material que aborde a questão das guerrilheiras curdas, sobretudo em português do Brasil. Devido a isso, os primeiros livros foram lançados recentemente, porém em sua maioria, estão em inglês. Considerando isso, este trabalho é uma contribuição acadêmica, e segundo pesquisas feitas pela autora, a forma como o assunto foi desenvolvido, com uma visão ampla na análise da guerrilheira curda, não foi abordada ainda.

1. AS TEORIAS FEMINISTAS E CONSTRUTIVISTAS: O ESTADO DA ARTE SOBRE A ASCENSÃO DA MULHER NO SETOR MILITAR

1.1.Feminismo: breve introdução, conceitos e revisão da literatura

Analisando o meio social em que vivemos percebemos as mais variadas formas de disparidades que existem entre homens e mulheres. Essas diferenças surgem por meio da relação de poder que o homem implementa visando estar em situação de controle e privilégio em relação a mulher.

O hegemônico da sociedade, o homem, constrói uma realidade por meio de suas ideias e vontades visando estruturar um ambiente social onde os papéis que cada pessoa deve desempenhar sejam delimitados pelo sexo que ela nasceu. Considerando isso, as relações entre homens e mulheres foram desenvolvidas com base no determinismo biológico.

Nos dias atuais, por meio da análise da teoria feminista, de acordo com Monte (2010, p. 9), temos que a divisão entre homens e mulheres não está apenas ligada à biologia, isso porque existem eventos históricos e culturais que foram atribuídos ao comportamento social esperado de mulheres e homens (preceitos de feminilidade e masculinidade). Devido aos atributos, há uma série de variáveis que impactam a vida das mulheres e, por conta disso, a classificação de gênero surge para conceder sentido às disparidades sociais que foram estabelecidas entre homens e mulheres.

A divisão entre homens e mulheres não está apenas nos corpos sexualmente diferenciados, mas em um amplo sistema de oposições homólogas que fundamenta o pensamento ocidental – a ideia de que pares de opostos como razão/emoção, alto/baixo, doméstico/internacional, importantes para as interpretações da realidade, equivalem à oposição primordial homem/mulher, que organiza nosso pensamento de forma hierarquizada, é essencial para a crítica feminista da construção do conhecimento científico, principalmente em relações internacionais (MONTE, 2010, p. 9).

A atuação do homem, construindo e moldando a estrutura estatal e social como agente dominante, gera impactos na organização das sociedades e dá aporte ao surgimento do feminismo, que nasce justamente por conta da opressão da mulher. Isto se desenvolve porque o setor hegemônico da sociedade constrói uma realidade que, ao longo dos séculos, impacta as vidas das mulheres por meio de relações de poder e hierarquização social em que há a valorização do masculino em relação à

marginalização e opressão do feminino. Então, o feminismo surge como uma forma das mulheres se rebelarem contra os preceitos que as oprimem.

Para o desenvolvimento do feminismo, foram analisadas as experiências de opressão que as mulheres sofreram e sofrem até os dias atuais em todo o mundo. Como a marginalização, violência e supressão de direitos das mulheres perante a sociedade global, como é abordado por Tickner (1992, p. 8): “Feminists claim that women are oppressed in a multiplicity of ways that depend on culture, class, and race as well as on gender.”¹.

A partir disso, devemos explicar que a teoria feminista possui diversas interpretações, pois a opressão contra a mulher desenvolve-se de formas diferentes, uma vez que cada sociedade tem suas particularidades. Também devemos considerar os impactos da época colonial em muitos locais do mundo, uma vez que, muitos países foram invadidos por Estados hegemônicos e os impactos causados na sociedade são sentidos até os dias atuais pelas populações nativas, sobretudo quando consideramos as mulheres nativas, pois sua figura foi sexualizada pelo invasor (ENLOE, 2014, p. 100-101). Nesse contexto, o feminismo divide-se em diversas categorias de análise, como: liberal, radical, socialista, psicanalista, pós-colonial, pós-modernista (TICKNER, 2001, p. 11). Todavia, devemos considerar as questões étnicas que também impactam a vida das mulheres, pois neste trabalho iremos tratar de um povo que é minoria e, por se tratar de uma sociedade do Oriente Médio, as mulheres curdas sofrem por serem curdas e por serem mulheres.

Ainda de acordo com Tickner (2001, p. 18-19), tanto os Estudos de Relações Internacionais no âmbito do feminismo, quanto os leitores que fazem parte do setor hegemônico da sociedade (pessoas brancas) devem fazer uma análise que ultrapasse a visão ocidental hegemônica (branca, cristã, heteronormativa) para analisar as disparidades entre os sexos, gêneros e suas implicações. Isso se dá, pois é de suma importância que a pessoa que está analisando determinado objeto de estudo (mesmo se tratando de uma mulher) deve considerar que existem diversas visões, vozes e que há características particulares de cada cultura e povo. É importante focar isso para que o objeto de estudo não seja analisado de forma errônea, visto que uma mulher branca não sofre as mesmas opressões que uma mulher de outra etnia (indígenas, negras, curdas,

¹ As feministas expõem que as mulheres são oprimidas de múltiplas formas que dependem da cultura, classe, raça e gênero (Tradução livre).

árabes, asiáticas etc). Desta forma, muitas vezes, ela não compreende a situação analisada porque nunca passou por determinada opressão.

Seguindo essa linha, devemos explicar que mesmo fazendo parte do setor hegemônico da sociedade por ser branca e ocidental, ainda assim a mulher não está no topo do estrato social de sua comunidade, pois somente os homens ocupam este espaço. Dessa forma, a hegemonia do homem está presente em todas as culturas e independe de sua etnia, orientação sexual e posição econômica, embora também ocorra a hierarquização quando esse ponto é analisado. Portanto, para que a pesquisa de fato explique o real problema enfrentado, todas as características do local e suas consequências devem ser levadas em consideração para que tenhamos uma justa conclusão do estudo de caso.

Ainda no contexto da opressão sofrida pelas mulheres no geral, temos que considerar o que Simone De Beauvoir (*apud* TICKNER, 1992 p.1) expôs: “Representation of the world, like the world itself, is the work of men; they describe it from own point of view, which they confuse with absolute truth”², visto que, em razão das disparidades na relação entre os gêneros, os setores do Estado e sociedade (âmbito político e securitário) se dão sob a ótica masculina. Tal ótica está enraizada nos setores público e privado, como no âmbito diplomático e militar, que, em sua maioria, são espaços ocupados por homens. Consequentemente, há a exclusão da presença da mulher e também há o impedimento de sua inserção, conforme colocado por Eleanor Roosevelt (*apud* TICKNER, 2011, p.44) no epílogo de seu discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas em 1952, “Too often the great decisions are originated and given form in bodies made up wholly of men, or so completely dominated by them that whatever of special value women have to offer is shunted aside without expression”³.

Portanto, por conta da configuração que os homens formularam a sociedade (influenciando as instituições por meio de sua ótica e fazendo que os grandes cargos e decisões sempre estivessem em seu poder), observamos que nos âmbitos institucionais envolvem a tomada de decisões, será um universo majoritariamente ocupado por homens. Uma vez que, esses ambientes foram feitos por eles e para eles e justamente

² Representação do mundo, como o mundo em si mesmo, é um trabalho dos homens; eles o descrevem a partir do seu ponto de vista, o que confundem com a verdade absoluta (Tradução livre).

³ Comumente, grandes decisões são originadas e dadas formas em instâncias formadas inteiramente por homens ou tão completamente dominadas por eles que qualquer contribuição especial as mulheres tenham para oferecer é posta de lado sem expressividade (Tradução Livre).

por este fato, os grandes cargos da política internacional são ocupados por homens (TICKNER, 1992, p. 1).

Assim, de acordo com Tickner (2011), devido a existência da classificação de papéis sociais que cada gênero deve ocupar na sociedade, implica em consequências gerando padronizações dos papéis sociais. Esse fato caracteriza-se em um enorme empecilho para o ingresso de mulheres na elite global, tanto no âmbito público quanto no privado, sobretudo no universo militar, onde é esperado que este seja ocupado somente por homens e formado por normas que são masculinas (VIA, 2010).

Logo, a cultura patriarcal é reforçada, e, segundo Enloe (2014, p. 31), é uma sociedade em que as relações entre os gêneros são moldadas a partir do privilégio da masculinidade aportado na subordinação e dependência da mulher.

Entre as dependências, podemos citar a econômica, que se desenvolve por conta das relações de aprisionamento familiar que iremos explicar ademais, com isso a mulher se enxerga em uma posição em que ela deve acatar todas as obrigações que forem ditadas. Além disso, em uma sociedade hierarquizada (que sempre foi organizada tanto no setor público quanto no privado por homens), a estrutura social serve de base para que ocorra a perpetuação da opressão da mulher. Fica claro que as imposições de um sistema patriarcal não abrangem somente a divisão de atividades que vão ser realizadas em sociedade, mas, principalmente, impactam a organização dos setores político e securitário de uma sociedade, onde prevalecem os valores e normas masculinas, assim, garantindo a hegemonia do privilégio masculino (PETERSON, 2010, p. 20).

[...] instituições associadas com política e poder – historicamente dominada por homens – mantêm-se masculinas das seguintes maneiras: traços comportamentais considerados apropriados e por vezes essenciais para o sucesso político ainda são estereotipicamente masculinos; horários e locais de reunião, assim como redes e atividades de socialização são, na prática, convenientes para rotina dos homens e sua mobilidade geográfica; temas de importância central não são os mais imediatamente relevantes para mulheres (questões “femininas” ainda são periféricas para a política convencional) (MONTE, 2010, p. 77).

É importante destacar que esta marginalização gera a discriminação e a desvalorização da mulher, como pode ser observado no âmbito da divisão do trabalho e da remuneração de trabalhadores. Isso é perceptível quando comparamos a remuneração entre homens e mulheres (no geral), a mulher sempre está em situação de desvantagem e, se levarmos em consideração uma mulher que pertence a minorias (étnicas, religiosas), sua remuneração será ainda mais baixa em comparação ao homem (mesmo que este também faça parte das minorias). Assim, a discriminação contra a mulher se

faz presente nos âmbitos culturais, econômicos e na estrutura da sociedade (TICKNER, 1992, p. 8). Portanto, a forma que a sociedade foi estruturada, as leis, os costumes e as instituições são pautados e construídos sob a ótica masculina, mesmo com todos os avanços advindos da luta das mulheres para garantirem espaço e voz ativa perante a sociedade, o meio social ainda é altamente excludente e desigual para as mulheres.

Por conta desses fatores e do Feminismo, diversas mulheres no mundo tomam conhecimento que a forma que são tratadas no meio social ocorre de forma opressiva e excludente justamente porque estes espaços não foram construídos para elas participarem, mas foram feitos por homens e para homens, os quais impunham sua dominação contra as mulheres através da determinação dos papéis que elas devem executar na sociedade, os chamados “afazeres de mulher”. Estes “afazeres” foram impostos a toda sociedade, sobretudo no início da infância, quando ocorre a denominação das atividades que meninos e meninas devem fazer, brincar, ou cores que devem utilizar, pois nada pode estar fora do padrão estabelecido pelo hegemônico.

Desde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos. Eles nunca abdicaram o privilégio; alienaram parcialmente sua existência na natureza e na mulher, mas reconquistaram-na a seguir. Condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino. [...] O lugar da mulher na sociedade sempre é estabelecido por eles (BEAUVOIR, 2009, p. 91).

Considerando os impactos da cultura patriarcal logo na primeira infância de uma pessoa, isso impede que muitas crianças desenvolvam áreas do conhecimento, porque somente são expostas a determinados tipos de brinquedos e atividades. Além disso, na divisão dos brinquedos e atividades podemos perceber a forte presença da construção social e a cultura patriarcal para inferiorizar e treinar a pessoa do sexo feminino para sua vida adulta. Isso se dá porque os brinquedos de meninas envolvem bonecas e cozinhas, reforçando a ideia de que ela deve ser treinada e acostumada desde a infância para as atividades maternas e do lar que a menina deve exercer na vida adulta. Quanto ao brinquedo de meninos envolve áreas que desenvolvem a robótica e engenharia, por exemplo.

Socialist feminists claim that women's position in society is determined both by structures of production in the economy and by structures of reproduction in the household, structures that are reinforced by the early socialization of children into gender roles (TICKNER, 1992, p. 8)⁴.

⁴ Feministas socialistas afirmam que a posição das mulheres na sociedade é determinada pelas estruturas de produção na economia e pelas estruturas que reproduzem atividades domésticas, onde essas estruturas são reforçadas na primeira socialização das crianças (Tradução livre).

Assim, tem-se o aporte para a construção da hierarquização e é iniciada a perpetuação da reprodução de preceitos sexistas em que a mulher é classificada como “sexo frágil”, pois tem sua figura atrelada a uma pessoa vulnerável. É importante destacar que, por conta dessa imposição dos papéis sociais que as mulheres devem exercer, muitas delas acabam reproduzindo os ensinamentos impostos, justamente porque elas passaram por um processo de dominação, desta forma, a subordinação da mulher perante o homem é reforçada. Além disso, os preceitos da feminilidade (comportamento padrão que a mulher deve ter e a imagem que ela passa para a sociedade) e os preceitos de masculinidade (padrões a serem seguidos e a imagem do homem) são reforçados da mesma maneira, uma vez que não há oposição perante a dominação e, caso surja, ela será sumariamente silenciada pelo patriarcado.

1.2 Ideário do “sexo frágil”: a construção da feminilidade

Ao longo dos séculos, a imagem da mulher foi construída para que ela estivesse em uma posição de subalternidade e submissão na sociedade, como Beauvoir (2009, p. 90) explica: “A desvalorização da mulher representa uma etapa necessária na história da humanidade, porque não era de seu valor positivo, mas de sua fraqueza que ela tirava seu prestígio”. Desta forma, ainda seguindo essa linha, ocorre desvalorização da mulher atrelada ao privilégio do homem desde os primórdios dos tempos e por conta desta construção de imagem, os impactos sociais permanecem até os dias atuais (PETERSON, 2010, p. 20).

É importante ressaltar que, juntamente ao processo de construção da imagem da mulher utilizando de mecanismos para inferiorizá-la (feminilidade), há o processo de construção do padrão de masculinidade para que esta fosse consolidada como superior em relação à mulher, com intuito de dominá-la. Dessa forma, a construção dos padrões de feminilidade e masculinidade foi posta como padrões a serem seguidos na sociedade.

Considerando o âmbito da política internacional, a imagem construída da masculinidade foi feita para representar uma ideia de aventura, modernidade, civilização, progresso, expertise, racionalidade, estabilidade, crescimento, confiança e segurança (ENLOE, 2014, p. 357), além de força, poder, autonomia, independência e racionalidade (TICKNER, 1992, p. 8). Por sua vez, a imagem da mulher está

diretamente associada com fraqueza, dependência, pessoa emocional, passividade (TICKNER, 2001, p. 15).

Ainda no contexto da feminilidade, levando em consideração o âmbito político e militar internacional, a ideia de imagem que a mulher passa não é igual a do homem, já que para todos os âmbitos sociais ela foi construída para ser frágil, vulnerável. Então, ainda seguindo esse pré-julgamento excludente, por qual razão ela deveria ocupar cargos de liderança e chefia se é vista como fraca e que não suportaria este tipo de trabalho porque foi feita para ocupar-se dos “afazeres de mulher”?

Seguindo este pensamento excludente que o hegemônico moldou a sociedade, a mulher não estaria apta para ocupar cargos que homens ocupam, uma vez que, por ser vista como frágil, ela estaria colocando em risco o progresso e a segurança da localidade.

Consideramos a participação da mulher em setores de política externa, segurança nacional, devido à construção social feita na sociedade, eles passaram a ter seu significado atrelado diretamente à figura masculina e não à feminina, pois é esperado que mulheres não participem como agentes ativos de uma guerra, mas que elas sejam protegidas pela figura que passa imagem de protetor, o homem.

A partir disto, o acesso a esses setores das instituições sempre foi negado às mulheres, uma vez que ela somente poderia se ocupar de assuntos que diziam respeito a elas, seguindo as normas da feminilidade que foram impostas. Logo, a exclusão da mulher dos setores estratégicos era legitimada. Como consequência, há o impedimento da mulher agir como *player* na sociedade, pois não seria inteligente confiar uma tarefa tão importante quanto a segurança de uma localidade a uma pessoa ou grupo social que é visto como fraco. Seguindo esses termos expostos acima, a mulher é retratada como uma ameaça à segurança do Estado, uma vez que, segundo os preceitos opressores, supostamente não seria capaz de conseguir gerir o mesmo.

Nesse contexto, somente quem possuísse as características elencadas poderia ocupar cargos que envolvam a segurança de uma localidade. Então, somente pessoas que possuíssem as características de “manliness” estão aptas a exercer tais papéis. Como é abordado por Tickner (1992, p. 2): “Weakness is always considered a danger when issues of national security are at stake: the president's dual role as commander in

chief reinforces our belief that qualities we associate with ‘manliness’ are of utmost importance in the selection of our presidents.”⁵.

Assim, a construção da imagem do sexo feminino tem como objetivo criar noções de um padrão como uma “boa mulher” de agir, somente exercendo os “assuntos e atividades de mulher”, como a maternidade, educação dos filhos e os trabalhos domésticos, que foram delimitados pelo agente hegemônico e impactam todas as culturas até os dias atuais. Como é abordado por Beauvoir (2009, p. 81):

Os trabalhos domésticos a que está voltada, porque só eles são conciliáveis com os encargos da maternidade, encerram-na na repetição e na imanência; reproduzem-se dia após dia sob uma forma idêntica que se perpetua quase sem modificação através dos séculos: não produzem nada de novo.

A partir disso, devemos abordar o papel da família analisando a situação da mulher. A sociedade foi construída sob bases patriarcais, conseqüentemente, as relações familiares são altamente hierarquizada, em que a mulher e a menina não passam de uma posse da figura masculina de sua família (pai, marido, irmão, tio avô etc.).

A menina é ensinada desde a infância, devemos lembrar a delimitação dos brinquedos e atividades para meninas explicadas anteriormente, que seu futuro será voltado para atividades do lar e maternas. Então, ela deve ser ensinada pela mãe ou membro mais velho do sexo feminino de sua família (que também passou pelo mesmo processo excludente de dominação quando era criança e jovem, assim, sendo passado de geração em geração como uma tradição) todos os ensinamentos necessários para exercê-los quando contrair matrimônio. Dessa forma, ao longo dos anos ela deve permanecer em casa aprendendo a ser uma “boa mulher”, e há casos em que a pessoa do gênero feminino tem o direito à educação em escolas e universidades negados por sua família.

Como consequência, a mulher sempre estaria em situação de dominação, porque, além dela ser economicamente dependente da figura masculina líder de sua família, ela passará a ser economicamente dependente de seu marido. Considerando isso, a mulher se caracteriza como posse do membro masculino de sua família e o único papel que ela desempenha socialmente é ser membro de sua família. A partir disso, podemos classificar o núcleo familiar como um núcleo de dominação (se ela se desenvolver nestes termos), visto que a mulher passa de filha para mãe e dona de casa, sem ter sua autonomia e liberdade.

⁵ Fraqueza é sempre considerada um perigo quando abordamos as questões de segurança nacional estão em jogo: o duplo papel do Presidente como chefe, reforça a nossa crença que as qualidades que associamos com “manliness” são de máxima importância na seleção de nosso Presidente (Tradução livre).

Outro fator agravante quando consideramos as relações familiares e a mulher, devemos analisar que é no âmbito familiar que ela sofre pressão para que gere herdeiros do sexo masculino para seu marido, uma vez que é de interesse do progenitor da família, o nascimento de homens para que o nome da família seja perpetuado e riquezas sejam geradas para a família.

Por sua vez, caso a criança nasça do sexo feminino, muitas delas eram mortas logo após o seu nascimento ou abandonadas somente pelo fato de terem nascido meninas (BEAUVOIR, 2009, p. 95-96). Dessa forma, a hierarquização da sociedade parte das bases da família, transformando a figura da mulher em uma mera figura reprodutora e terminam com a moldagem do Estado para que essas práticas fossem legitimadas.

Housewifisation⁶ is the oldest form of slavery. [...] Housewifisation became institutionalized when the sexist society became dominant. Gender discrimination is not a notion restricted to the power relations between woman and man. It defines the power relations that have been spread to all social levels (ÖCALAN, 2013, p. 26)⁷.

Nesse contexto, a mulher se torna prisioneira de um sistema que não a permite oposição. Por conta disso, ela acata a tradição e permanece exercendo suas funções no seio familiar (TICKNER, 1992, p. 8). Para exemplificar isso, temos o caso da Arábia Saudita onde mulheres sequer podem dirigir carros e as demais sociedades do Oriente Médio, com poucas exceções como parte da população curda.

É importante explicar que caso alguma mulher se negar a seguir a “tradição” implantada por homens é automaticamente taxada como louca, ou depravada e até mesmo de prostituta. Vale ressaltar que também há casos em que a mulher se desvincula desse padrão “boa mulher” e tenta conseguir espaço na vida política ou militar, então, por conta disso, ela passa a ser questionada sobre sua sexualidade, já que sob a ótica da sociedade, com essa decisão, a mulher está renegando o padrão heteronormativo que a sociedade foi construída.

Em verdade, as mulheres nunca opuseram valores femininos aos valores masculinos; foram os homens, desejosos de manter as prerrogativas masculinas, que inventaram essa divisão: pretenderam criar um campo de domínio feminino — reinado da vida, da imanência — tão somente para nele encerrar a mulher (BEAUVOIR, 2009, p. 82).

⁶ “Housewifisation” é um neologismo criado pelo autor por meio da união das palavras “house” (casa) e “wife” (esposa), visando denominar que no âmbito familiar, o único papel da mulher é cuidar dos assuntos domésticos e de esposa, atrelado ao último estão as questões maternas.

⁷ “Housewifisation” é a mais antiga forma de escravidão. [...] “Housewifisation” se tornou institucionalizada quando a sociedade sexistas se tornou dominante. Discriminação de gênero não é uma noção restrita de poder entre mulher e homem, mas isto define as relações de poder que foram disseminadas em todos os níveis sociais (Tradução livre).

Portanto, segundo VIA (2010, p. 43) devido a um modelo de dominação que foi reproduzido e perpetuado durante séculos ao redor do mundo e que está presente em praticamente todas as culturas, em que os homens se colocam em uma posição de privilégio em relação as mulheres. É importante enfatizar que conseguiram chegar até este ponto através da opressão e marginalização das mesmas e por conta dessa relação de poder os homens acabaram por legitimar sua autoridade e assim impõe sua hegemonia perante a sociedade. Portanto, utilizando-se desses mecanismos, o homem reafirma a imagem de sua masculinidade hegemônica.

Analisando a abordagem construtivista na relação agente *versus* estrutura, temos que considerar as consequências da moldagem que o setor hegemônico faz na sociedade, visando a dominação e o controle de todo meio social em todos os âmbitos das instituições. Também é importante salientar que esta dominação é feita de forma legitimada pelo Estado, visto que ele foi moldado pela ótica masculina. Assim, o hegemônico, o homem, garante o poder de delimitar as ações, direitos e deveres de todas pessoas, segundo Adler (1999, p. 210):

Os construtivistas acreditam que também as “ideias” têm características estruturais – entendidas mais genericamente como conhecimento coletivo institucionalizado em práticas – são o meio mais propulsor da ação social; definem os limites do que é cognitivamente possível ou impossível para os indivíduos. Simultaneamente, práticas baseadas em conhecimento são o resultado de indivíduos que interagem e que agem propositalmente com base em suas ideias, crenças, julgamentos e interpretações pessoais.

Dessa forma, através da análise do meio social e dos preceitos elencados acima, é possível identificar que de fato o agente (pessoa do sexo masculino) influencia, interfere e por fim molda a estrutura social, consolidando a cultura patriarcal. Para atingir esse fim, ele utiliza de mecanismos argumentativos para legitimar sua ação afirmando que ela é para o bem coletivo da sociedade. Consequentemente, há a institucionalização da hegemonia da masculinidade nas sociedades e o processo de silenciamento da mulher se torna realidade. Com isso, ocorre a institucionalização da marginalização e opressão das mulheres, pois o agente hegemônico molda a estrutura para que ela o favoreça e legitime a opressão contra o agente inferior.

Quanto a opressão da mulher com base na estrutura do Estado, devemos considerar o que foi exposto por Monte (2010, p. 80) onde ela afirma que há possibilidades para as mulheres ascenderem a altos postos políticos, porém em seu caminho para alcançar a liderança e igualdade, essas mulheres não desafiam fundamentalmente o pensamento dicotômico e hierárquico, nem hierarquias de gênero. Assim, em sua ação, elas acabam

reforçando o pensamento dicotômico e as estruturas que foram estabelecidas para oprimi-la, mesmo que algumas consigam o que almejam. A partir disso, se este modelo for seguido, as bases da sociedade continuarão excludentes, sobretudo para minorias étnicas. Além disso, não haveria a reformulação das instituições e políticas, mas sim uma adequação do agente oprimido à estrutura opressora.

De acordo com Robertson (2016, p. 11-12), o Estado está intrinsecamente ligado à concepção do domínio masculino, pois o desejo de estabelecer uma nação é constante e está baseada nos desejos dos homens para que futuramente eles solidifiquem sua posição dominante nas hierarquias sociais. Assim, o Estado reflete a cultura patriarcal em que foi construído e reforça que o agente hegemônico influencia e molda a estrutura do Estado para que ele possa dominar os outros agentes que foram colocados em situação de inferioridade em relação a posição dele. Como é o caso das mulheres e seus direitos, pois o hegemônico enxerga os direitos das mulheres como uma ameaça a sua estrutura dominante, um privilégio que ela quer e não um direito que deve ser respeitado pela sociedade e garantido pelo Estado.

No contexto da atuação da mulher para sua libertação de estruturas dominantes, as mulheres devem atuar para remodelar as bases do Estado e da sociedade ou construir uma nova realidade juntamente com sua comunidade em uma região autônoma (como é o caso das curdas de Rojava⁸).

É importante observar que há casos em que o Estado oprime toda uma população, sobretudo as mulheres e, por conta disto, caso esteja em curso algum movimento revolucionário no Estado ou região autônoma, as mulheres podem optar em não reformular as instituições pautadas no modelo padrão do Estado, uma vez que ele tem como pilar a exploração da mulher nos mais diversos âmbitos. Desta forma, elas se opõem a buscar uma igualdade junto a estrutura falida do Estado (considerando a hierarquização social deste) porque esta ação não iria modificar sua realidade.

Devemos destacar que, muitas vezes, o modelo excludente que foi implantado pelo hegemônico tinha como base ou pilar crenças religiosas para justificar esta submissão da mulher. Vale ressaltar que este modelo está justamente em processo de desconstrução nos dias atuais devido ao fato das mulheres terem observado e se rebelado contra um sistema que desde o início foi montado para excluí-las e silenciar

⁸ Região autônoma situada no Curdistão ocidental (Síria) e é controlada pelo povo curdo. Iremos explicar mais sobre esse tema no segundo e terceiro capítulo.

sua voz. Como se desenvolve na exclusão da presença da mulher em cargos de chefia porque foram classificadas como o “sexo frágil”.

1.3 De agente passiva para agente ativa

Por conta da construção sob a ótica masculina que a sociedade foi estruturada, como foi explicado nos tópicos anteriores, as mulheres sempre foram atingidas pelos desdobramentos desse evento. Dessa forma, nunca atuavam como agentes ativos nos diversos âmbitos que correspondem a sociedade, como o familiar, social, político, militar e diplomático. Assim, as mulheres eram e ainda são caracterizadas como agentes passivos dos setores. Sobretudo, quando consideramos o âmbito securitário e militar. Porém, devemos destacar que houve casos em que mulheres atuaram como *players* de conflitos.

Quanto à atuação expressiva de mulheres no setor militar, segundo Mello (2017), ocorreu por causa do contexto da I Guerra Mundial, quando as mulheres britânicas foram trabalhar em fábricas na produção de armamentos e munições, embalagens, ferramentas e em serviços auxiliares, como bombeiras, guardas de trânsito, paramédicas, motoristas, porém elas recebiam menos que os homens mesmo exercendo a mesma função. Devido a sua atuação, elas provaram que poderiam exercer as mesmas funções chegando a quebrar recordes de produção. No âmbito da II Guerra Mundial, novamente as mulheres participaram, em diversos países, de cargos no setor militar. Elas atuaram em mais setores da indústria da guerra em seus países, como soldadoras, enfermeiras⁹, pilotos de aviões, motoristas, secretárias etc. Devido a estes fatos, a mulher passa a atuar o papel de *player* a medida que elas ingressaram e ascenderam em ambientes que eram vistos como masculinos e que dependiam da pessoa possuir as características de “manliness” para atuar.

A partir disso, devemos citar personalidades femininas que atuaram como agentes ativas de conflitos durante os séculos, como as Mulheres de Tejucupapo¹⁰,

⁹ Há mais casos de mulheres atuando como enfermeiras antes do conflito da II Guerra Mundial, assim podemos considerar que a atuação como enfermeira em guerras, foi um meio de inserção da mulher no setor militar.

¹⁰ Foram mulheres que lutaram para expulsar os holandeses na Insurreição Pernambucana no século XVII. Este acontecimento é o primeiro evento registrado da participação de mulheres participando de um

Maria Quitéria¹¹, Margarita Neri¹², Joana d’Arc¹³, Milunka Savić¹⁴, Blanca Canales¹⁵, Lydia Litvyak¹⁶, Ching Shih¹⁷, Anna Yegorova¹⁸, Liudmyla Pavlychenko¹⁹, as guerrilheiras da Armênia²⁰, as Zapatistas²¹, Sakine Cansiz²², Margaret George²³ e, com o conflito atual, temos o exemplo de outras guerrilheiras curdas²⁴. Assim, as personalidades citadas fazem parte do seletto grupo de mulheres que por meio da luta armada conquistaram seu espaço e autonomia em suas localidades. Todavia, em sua

conflito armado juntamente com homens. Disponível em: <http://www.unicap.br/webjornalismo/heranca/site/index.php/2016/10/21/as-heroinas-de-tejucupapo/>.

Acesso em: 19/06/2017.

¹¹ Maria Quitéria de Jesus Medeiros, a primeira brasileira a integrar uma unidade militar no Brasil. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/defesa-e-seguranca/2012/04/maria-queriteria>. Acesso em: 15 mai. 2017.

¹² Foi uma Comandante do movimento Zapatista, uma agente ativa da Revolução Mexicana, no começo do século XX. Disponível em: <http://super.abril.com.br/galeria/11-mulheres-que-participaram-de-revolucoes/>. Acesso em 06 jun. 2017.

¹³ A francesa Joana d’Arc é outro nome tradicional quando se pensa em mulheres que lideraram batalhas e rebeliões. Disponível em: <http://super.abril.com.br/galeria/11-mulheres-que-participaram-de-revolucoes/>. Acesso em: 15 mai. 2017.

¹⁴ Milunka Savić é considerada a mulher mais condecorada de toda a história. Lutou na guerra dos Balcãs em 1912 e na I Guerra Mundial. Disponível em: <http://thefemalesoldier.com/blog/milunka-savi>. Acesso em 15 mai. 2017.

¹⁵ Considerada uma das primeiras mulheres do mundo a liderar uma revolta contra os Estados Unidos, Blanca Canales (1906-1996) chegou a armazenar armas em casa, artilharia usada contra os norte-americanos, em Porto Rico. Disponível em: <http://super.abril.com.br/galeria/11-mulheres-que-participaram-de-revolucoes/>. Acesso em 15 mai. 2017.

¹⁶ Piloto russa que lutou durante a II Guerra Mundial. Disponível em: <http://airway.uol.com.br/lydia-litvyak-a-cacadora-de-avioes-nazistas/>. Acesso em 20 mai. 2017.

¹⁷ Pirata que comandou uma frota de navios tão poderosa que derrotou a Marinha Imperial da China. Disponível em: <http://super.abril.com.br/galeria/11-mulheres-que-participaram-de-revolucoes/>. Acesso em 20 mai. 2017.

¹⁸ Pilota e heroína da União Soviética na Segunda Guerra Mundial. Disponível em: <http://super.abril.com.br/galeria/11-mulheres-que-participaram-de-revolucoes/>. Acesso em 20 mai. 2017.

¹⁹ Foi uma soldado soviética que lutou na II Guerra Mundial e é a mais sucedida *sniper* da história, com total de 309 mortes. Disponível em: <http://thefemalesoldier.com/blog/liudmyla-pavlychenko>. Acesso em 20 mai. 2017.

²⁰ Foram guerrilheiras que faziam oposição aos soldados do Império Turco Otomano durante o massacre Hamidian em 1895. Disponível em: <http://thefemalesoldier.com/blog/armenian-guerrillas>. Acesso em 20 mai. 2017.

²¹ As Zapatistas foram mulheres mexicanas, em sua maioria indígenas, que atuaram na região de Chiapas no México nos anos de 1990 no movimento de libertação nacional (EZLN). As mulheres zapatistas lutavam lado a lado com os homens da comunidade e utilizavam as táticas de guerrilha em sua atuação. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/zapatismo-vinte-anos-depois-6195.html>. Acesso em 07 jun. 2017.

²² Sakine Cansiz é considerada a mais importante guerrilheira e ativista curda. Foi uma das fundadoras do PKK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão e uma das responsável por incluir a pauta feminista no movimento curdo na Turquia. Ela foi assassinada em 09 de janeiro de 2013 em Paris. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2013/jan/10/sakine-cansiz-pkk-kurdish-activist>. Acesso em: 20 jun. 2017.

²³ Segundo Gunter (2011, p. 103), ela foi uma guerrilheira curda nos anos de 1960 que liderou uma unidade de guerrilheiros formada somente por homens. Devido sua atuação ela ficou conhecida como Joana d’Arc curda.

²⁴ Guerrilheiras que fazem parte de grupos militares curdos como o YPJ (Unidade de Defesa da Mulher). Atualmente elas estão lutando contra o Estado Islâmico e as discriminações de gênero e para defesa da Revolução de Rojava.

maioria, as mulheres não atuaram como *players* em questões militares porque o setor ainda dificulta que uma mulher atue em determinados cargos.

Nos dias atuais, as mulheres lutam diariamente para conquistar este espaço nos vários setores da sociedade. Contudo, devemos observar que em caso de ocorrência de conflitos ou de situação de opressão de uma comunidade, as mulheres também buscam participar do movimento, pois ele é visto como uma forma de conquistar sua participação e autonomia. Como observamos em movimentos que visam a libertação da opressão do povo e em movimentos de cunho nacionalistas e separatistas, como ocorre na Escócia, Catalunha²⁵ e Curdistão.

A partir disso, devemos explicar que a formação natural de uma nação retrata o aglomerado de pessoas que habitam o mesmo local, onde estas possuem um passado comum e desejam construir juntos um futuro comum e isso abrange homens e mulheres. Como consequência, estas pessoas naturalmente aceitam e compartilham a mesma identidade (GUIMARÃES, 2008, p. 145). Assim, devemos considerar as bases sociológicas de formação de determinado povo, pois é a partir desse ponto que se estabelece uma ligação entre a nação e a formação da identidade cultural (JAGUARIBE, 2008, p. 275). Nesse contexto, as pessoas reconhecem os símbolos de sua cultura e, por conta disso, tem-se a base para o surgimento do nacionalismo. Além disso, devemos analisar que o sentimento de nacionalismo se desenvolve a partir da identidade de um povo, este podendo possuir Estado ou não. Contudo, considerando o nacionalismo, devemos sinalizar que ele também nasce por conta da opressão de grupos étnicos que habitam determinado Estado e é no âmbito destes movimentos com bases étnicas que surge a necessidade efetiva de mobilização de toda a comunidade, então as mulheres observam que podem conseguir construir seu espaço.

A “nation” is an idea, a powerful idea. At the core of this idea is the image of a collection of people who have come to believe that they have been shaped by a common past and are destined to share a common future. That belief is usually (though not inevitably) nurtured by a common language and a sense of otherness, of being distinct from groups around them. Nationalism is a package of interwoven ideas and values, one of which is a commitment to fostering those beliefs and promoting those policies that permit the nation to stay cohesive and control its own destiny (ENLOE, 2014, p. 94).²⁶

²⁵ Comunidade autônoma situada na Espanha que apresenta um grande sentimento separatista. Disponível em: <http://www.editora1.com/anais-congeio/arquivos/978-85-63800-17-6-p752-760.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2017.

²⁶ A nação é uma ideia poderosa. No centro da ideia está a imagem de diversas pessoas que acreditam ter um passado comum e que estão destinadas a compartilhar um futuro comum. Esta crença usualmente é (embora não seja inevitavelmente) natural aportada em um idioma comum e senso de alteridade, de ser distinto de outros grupos que estão ao seu redor. Nacionalismo é um pacote de ideias e valores

Como exemplo podemos citar o caso das guerrilheiras curdas que vai ser tratado com detalhes nos segundo e terceiro capítulos deste trabalho. A partir disso, nos dias atuais, é no âmbito do movimento como esses que a mulher está buscando espaço para garantir sua participação como agente ativo e ter voz perante a sociedade. E é em movimentos como este que ela consegue inserir a questão das disparidades de gênero visando desconstruir assuntos que prejudicam sua vida.

Em sociedades patriarcais, discutir a relação entre gênero e nacionalismo significa tocar em uma das instancias nas quais um discurso hierárquico é construído. As demandas dentro da nação são hierarquizadas e algumas suprimidas no processo de criação de consenso, no qual a posição do mulher em relação ao nacionalismo é importante para entender a vontade ou interesse nacional assim criadas (MONTE, 2016, p. 94).

Dessa forma, surge o espaço para que a mulher se desvincule das atribuições opressoras que foram impostas a ela, assim, saindo da situação de agente passiva. Com isso, elas têm a oportunidade de desconstruir os preceitos de feminilidade que elas foram designadas em somente estarem aptas a trabalhos domésticos e maternos, como é abordado por Enloe (2014, p. 87):

[...] thousands of women have discovered in nationalist movements a new public persona and an opening for new political participation. Seeing themselves as, and being seen by others as, members of a nation have given these women an identity larger than that defined by domesticated motherhood or marriage²⁷.

Vale destacar que, como o objeto de estudo deste trabalho são mulheres de uma localidade específica no Oriente Médio, as curdas, então devemos levar em consideração a importante participação das mulheres na Primavera Árabe²⁸. Segundo Knapp; Flach; Ayboga (2016, p. 59), as mulheres foram para as ruas protestar pelo fim dos regimes ditatoriais em seus países e melhores condições de vida, logo, elas passam a “quebrar” antigos paradigmas de que mulheres não podem participar da vida política de suas culturas, porque elas deveriam seguir à risca os padrões ditados pela estrutura patriarcal. Dessa forma, elas perceberam que deveriam participar ativamente de eventos como estes para tentar mudar a realidade de seu povo, assim elas mostram que não

entrelaçados, um dos quais é um compromisso de promover essas crenças e políticas que permitem que a nação se mantenha coesa e controle seu próprio destino (Tradução livre).

²⁷ Milhares de mulheres descobriram em movimentos nacionalistas uma nova pessoa pública e um espaço para participação política. Sua participação faz que elas se enxerguem e faz que os outros as enxerguem como membros da nação e isto concedeu essas mulheres uma identidade maior que as definições de assuntos domésticos, maternos e matrimoniais (Tradução livre).

²⁸ Manifestações que eclodiram em 2010 em países do Norte da África e Oriente Médio, onde a população se rebelou contra a condição de vida, e os regimes ditatoriais de seus países. Disponível em: <http://topicos.estadao.com.br/primavera-arabe>. Acesso em: 10 mar. 2017.

somente podem como desejam participar da vida social e política. Devemos explicar que os países em questão possuem população de maioria islâmica, em razão disso, muitas mulheres também enfrentaram os preceitos impostos pela religião e que foram perpetuados ao longo dos séculos, em que a mulher deve cobrir seus cabelos e corpos com roupas ou panos.

Contudo, os desdobramentos da Primavera Árabe não foram tão proveitosos como no início mostravam ser, pois grupos fundamentalistas islâmicos tomaram os Estados e passaram novamente a oprimir as pessoas, sobretudo a mulher, visto que muitos desses países não são seculares e têm sua política basilar na religião islâmica.

É importante explicar que mesmo no âmbito de movimentos nacionalistas, as mulheres podem ser excluídas da participação social. Dessa forma, o hegemônico trabalha para manter as disparidades entre os gêneros, como exemplo temos as mulheres curdas do Curdistão do Iraque em comparação com as curdas de Rojava, que iremos explicar no segundo e terceiro capítulo deste trabalho.

[...] the national interest also reproduce gendered power relations and privilege a masculine state ideal. [...] gender “is a primary way of signifying relationships of power.” Gender is delineated by four elements: symbols, normative interpretations of these symbols, politics, and subjective identity. Because the national interest, and its defense, is heavily laden with the symbols of masculine power, we might also argue that these elements are replicated on the international level as gendered relationships of power that have become solidified in the rhetorical conception of the national interest (FERNANDES 1997 *apud* HORN 2010, p. 60)²⁹.

Logo, mesmo em movimentos de cunho nacionalista, o setor hegemônico da sociedade pode sentir que o modelo social masculino que ele faz parte foi enfrentado, afinal ele não deixará de fazer parte do setor hegemônico por conta de sua participação no movimento nacionalista. Assim, o homem pode se sentir ameaçado com a nova situação que as mulheres estão estabelecendo por meio da sua inserção na vida política, pública e militar, desconstruindo a ideia que seus progenitores, irmãos, tios, ou maridos, são proprietários da mulher.

Devemos destacar que, por conta da participação da mulher nos movimentos nacionalistas, elas passam a se questionar sobre diversas disparidades que estão presentes na sociedade e, a partir disso, incluir na luta dos movimentos essas questões

²⁹ O interesse nacional também reproduz as relação de poder de gênero e o privilégio masculino. Gênero é a forma primária de significação das relações de poder. Gênero é delineado por quatro elementos: símbolos, interpretação normativa destes símbolos, sua defesa e a identidade subjetiva. Isto se dá porque o interesse nacional e sua defesa estão fortemente carregados de símbolos de poder masculino. Devemos explicar que estes elementos são replicados em níveis internacionais como relações de gênero de poder que se solidificaram na concepção retórica do interesse nacional (Tradução livre).

também, uma vez que elas passaram a ser atores ativos que vão construir uma nova realidade para sua comunidade.

Portanto, a atuação em movimentos como estes é uma forma da mulher garantir seu espaço como *player* na sociedade, uma vez que é justamente com a participação ativa de mulheres em ações como estas que há a possibilidade de mudança dos paradigmas que foram estabelecidos anteriormente.

Ademais, é importante ressaltar que, por conta de sua participação, a mulher pode aprender assuntos que ao longo de sua vida foram negados, inclusive sobre sua própria cultura, como exposto anteriormente. Dessa maneira, ela pode contribuir com o movimento nacionalista e trabalhar para que, por meio de sua participação, finalmente, ocorra a desconstrução dos preceitos excludentes que baseiam a sociedade. Assim, a mulher tem a oportunidade de criar novos preceitos visando acabar com as disparidades entre os gêneros e consegue espaço para reconstruir a imagem do que de fato é ser mulher, por meio da desconstrução da imagem que foi atrelada a sua figura pela feminilidade. Logo, finalmente a mulher pode garantir sua autonomia.

Como exemplo de participação da mulher no movimento nacionalista e de libertação podemos citar as guerrilheiras curdas que, além da atuação do atual conflito contra o Estado Islâmico, elas estão a frente do movimento nacionalista e de libertação do Curdistão, como iremos expor no capítulo 2 e 3.

1.4 Metodologia

A escolha da metodologia científica é de grande importância para realização do trabalho de monografia, pois a escolha do método vai guiar a construção da estrutura e o desenvolvimento do trabalho.

O trabalho utiliza o método qualitativo que, segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 31-32), se preocupa com o aprofundamento e a compreensão de um grupo social, e não utiliza representatividade numérica na análise. Este tipo de método busca entender os porquês dos fatos. Então, nesse modelo, a análise busca descrever, compreender e explicar a situação das guerrilheiras curdas no âmbito de sua participação como agentes ativas de segurança.

Dentro do método qualitativo este trabalho se desenvolverá de forma explicativa, pois observa aspectos gerais, históricos e acontecimentos que estão em curso para se chegar às conclusões que serão apresentadas. Visto que as batalhas que as guerrilheiras curdas estão atuando ocorrem no momento que o trabalho foi escrito, então, acarretou na atualização constante do resultado das batalhas. Dessa forma, esta pesquisa é um estudo de caso, que permite o conhecimento amplo e detalhado do objeto de estudo (GIL, 2008, p. 57-58), que neste caso são as guerrilheiras curdas e sua inserção como agente ativa do movimento de libertação e nacionalista curdo acarretando as mudanças nos paradigmas de gênero e sua luta contra o Estado Islâmico.

Para o desenvolvimento da pesquisa utilizamos fontes bibliográficas onde constam livros, artigos, vídeos, revistas e jornais que tratam do assunto analisado. Também utilizamos uma entrevista (ver em anexo) com um homem curdo, que concedeu considerações importantes sobre o tema. Para garantir a integridade do entrevistado, nós optamos por proteger sua identidade e neste trabalho ele será nomeado de “curdo 01”. A entrevista ocorreu por ligação telefônica, logo, é uma entrevista semiestruturada.

Nesse contexto, o estudo tem como objetivo explicar e entender quem são as guerrilheiras curdas, como e por que elas estão atuando no âmbito do conflito atual. Para isso iremos analisar de forma profunda três aspectos importantes.

Primeiro iremos explicar como são formadas as questões de gênero que atingem a mulher e como elas podem ser modificadas para a mulher conseguir ser um agente ativo na sociedade e no âmbito militar.

O segundo aspecto é explicar como a inserção da guerrilheira curda se desenvolve no âmbito do movimento nacionalista e de libertação curdo. Para isso, utilizaremos o marco temporal do século XX até os dias atuais. A escolha do marco temporal é de suma importância para entender por completo como surge o movimento nacionalista e de libertação curdo em que a mulher curda luta como *player* para libertação de seu povo na Revolução de Rojava. Além disso, como o Curdistão está dividido em quatro partes, onde cada uma delas possui suas particularidades, considerando isso, resolvemos desmembrar e explicar como se desenvolveu o movimento, pois ele influencia diretamente a figura da guerrilheira curda.

O terceiro é analisar a situação atual da luta da guerrilheira curda com o advento do Estado Islâmico. Dessa forma, ao longo deste trabalho, as situações que envolvem o

objeto de estudo selecionado vão ser aprofundadas e explicadas, assim as causas e consequências de tal acontecimento poderão ser expostas (GIL, 2008, p. 58).

Cabe salientar que, devido à gama de siglas e organizações que o povo curdo criou ao longo dos anos, nesta pesquisa iremos abordar os grupos militares em que as guerrilheiras curdas atuaram e atuam. Todavia, o foco deste trabalho são as guerrilheiras curdas do YPJ (Unidade de Defesa da Mulher). Para isso, desenvolvemos um quadro para auxiliar o entendimento do leitor.

Grupos militares que as guerrilheiras curdas atuam ou atuaram	
Peshmerga	Formado por homens e mulheres
PJAK - Partido da Vida Livre do Curdistão	Formado por homens e mulheres
PKK - Partido dos Trabalhadores do Curdistão	Formado por homens e mulheres
YAJK - União das Mulheres Livres do Curdistão	Formado exclusivamente por mulheres
YJA Star - Unidade da Mulher Livre	Formado exclusivamente por mulheres
YPG – Unidade de Defesa do Povo	Formado por homens e mulheres
YPJ - Unidade de Defesa da Mulher	Formado exclusivamente por mulheres

Elaborado pela autora.

Portanto, em razão do trabalho abordar os grupos militares curdos, pontuamos no quadro acima os mais importantes na história do movimento curdo. Isto se dá porque, os capítulos 2 e 3 são capítulos analisam e explicam a situação do Curdistão para entender o surgimento e a atuação da guerrilheira curda. Então, é importante destacar os grupos mais importantes, ainda que o foco seja o YPJ. Além disso, descrevemos a formação dos militares para que previamente o leitor entenda os grupos, visto que há grupos militares que são formados por homens e mulheres, e há os que são exclusivamente formado por mulheres.

2. CURDISTÃO

2.1 Geografia e recursos naturais

O Curdistão é uma área montanhosa que se encontra majoritariamente entre os territórios de países como Iraque, Irã, Turquia e Síria, de acordo com Rodrigues (2010, p. 1): “A área de 500.000 km², agregando os territórios do Irã (oeste), Iraque (norte), Síria (nordeste) e Turquia (leste), denominada Curdistão, recebe esse nome por, em sua natureza, agregar a nacionalidade curda”, mas também há uma pequena parte (2% do território) na Armênia e Azerbaijão, seguindo de porções de 43% na Turquia, 31% no Irã, 18% no Iraque e 6% na Síria, como é abordado por Gunter (2011, p. 2):

Although only approximations can be cited, Turkey has the largest portion of Kurdistan (43 percent), followed by Iran (31percent), Iraq (18 percent), Syria (6 percent), and the former Soviet Union (now mainly Armenia and Azerbaijan—2 percent).³⁰

Além disso, é importante explicar que os curdos se referem às quatro partes do Curdistão, por Curdistão ocidental – Rojava (Síria), Curdistão oriental (Irã), Curdistão do norte (Turquia) e Curdistão do sul (Iraque).

Com base no que foi exposto anteriormente, podemos visualizar a localização do Curdistão no mapa a seguir:

³⁰ Embora apenas aproximações possam ser citadas, a Turquia possui a maior parte do Curdistão (43%), seguido por Irã (31%), Iraque (18%), Síria (6%), e antiga União Soviética (agora principalmente Armênia e Azerbaijão – 2%) (Tradução livre).

vendidos, eles podem ser utilizados como meio de desenvolvimento do Curdistão (como ocorre no Curdistão do sul (Iraque), onde os curdos têm gerência das reservas de petróleo). Partindo desse ponto, caso alguma parte do Curdistão venha se a tornar um país soberano, ele pode vir a ser uma ameaça às economias dos países vizinhos, pois além da perda de território, os países também estariam cedendo riqueza. Dessa forma, para os países envolvidos não seria interessante conceder autonomia ou independência ao Curdistão. Além disso, os países envolvidos também iriam perder as reservas de água e a exploração do potencial hidroelétrico que a região tem por conta da vazão dos Rios Tigre e Eufrates.

A partir disso, devemos considerar a oferta de água em toda região do Oriente Médio, uma vez que, no geral, a região possuiu clima praticamente desértico, em que os países sofrem em relação a escassez, captação e disponibilidade de água doce e potável. Com a diminuição da água doce e potável ao redor do mundo, os Estados estariam perdendo um bem que pode suprir suas necessidades. E com o aceleração da mudança climática, considerando que petróleo é um recurso escasso, a água pode vir a ser o recurso natural mais importante do mundo. Logo, os países não iriam ceder uma reserva tão importante para que outro povo o possuía.

Considerando o que foi exposto anteriormente, quanto aos recursos naturais que da região do Curdistão, esta é uma das razões pelas quais os curdos ainda não conseguiram a autonomia da região (com exceção do Curdistão do sul [Iraque] e de Rojava [Síria]), ou a concretização de sua independência, pois além dos países desejarem manter suas unidades, e a cessão de riquezas, os países enxergam a consolidação do Curdistão como uma ameaça.

2.2 Contingente populacional e idioma

Apesar do fato de não existir um censo populacional que conceda a quantidade exata de curdos no mundo, há um consenso entre os pesquisadores do tema, que por meio de levantamentos populacionais nos países onde o Curdistão está e em locais que ao longo dos anos eles migraram, há uma estimativa que a população curda é formada por aproximadamente 36 milhões de pessoas (STOKES, 2009, p. 379), com isso, o povo curdo é a maior nação sem um Estado independente (GUNTER, 2011, p. 1).

Atualmente, estima-se que o maior número se encontra na Turquia, onde há entre 12 a 15 milhões, assim eles compõem entre 18% e 23% da população total do país; no Irã estão 6.5 milhões de curdos, formando 11% da população iraniana; no Iraque há entre 4 e 4,5 milhões, somando entre 17% e 20% da população iraquiana; na Síria existe 1 milhão, contabilizando 9% de toda população síria; também há cerca de 200 mil curdos na região da antiga União Soviética, que nos dias atuais é a Armênia e o Azerbaijão (GUNTER, 2011, p.3-4).

Como foi citado acima, os curdos sofreram opressão com migrações forçadas para outros países, gerando diásporas, conseqüentemente há uma pequena quantidade de curdos no Líbano³², na Europa são aproximadamente 1 milhão, e 250 mil nos EUA (GUNTER, 2011, p.3-4). O que faz dos curdos a maior etnia sem pátria do mundo e também são classificados como o quarto maior grupo étnico que compõe o Oriente Médio, atrás da população de origem árabe, persa e turca (STOKES, 2009, p. 380).

Quanto ao idioma, os curdos possuem seu próprio idioma, que deriva de um subgrupo de idiomas persas e que tem ligação aos idiomas de base indo-europeia (STOKES, 2009, p. 381). Entretanto, o idioma curdo não é uma unidade, e apresenta diversos dialetos que são característicos de cada região que o Curdistão está dividido. Entre esses dialetos curdos, temos o Kurmanji³³, o Sorani³⁴, ambos possuem a tradição escrita, porém mesmo diferentes, eles estão relacionados (STOKE, 2009, p. 381-382).

Apesar dos curdos terem seu idioma, é de suma importância explicar que não implica que a sua prática é institucionalizada pelos países onde o Curdistão se encontra, já que há relatos históricos que o uso do idioma sempre foi oprimido. A proibição do idioma foi intensificada com os acontecimentos do século XX. A prática e o ensinamento do curdo passaram a ser proibidos em todos os países, contando com punições às pessoas que falassem ou ensinassem o idioma. Logo, é importante explicar que a proibição foi um mecanismo dos Estados hegemônicos para suprimir a identidade curda (STOKES, 2009, p. 382).

Potências hegemônicas frequentemente utilizam o conceito de assimilação como arma quando se enfrentam a grupos étnicos desafiantes. Língua e cultura são vetores de possível resistência, o que pode ser evitado por meio de assimilação. A proibição da língua nativa e a aplicação forçada de uma língua estrangeira têm se provado armas altamente eficazes. Um povo ao qual

³² De acordo com a Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos há aproximadamente 100 mil curdos vivendo no Líbano (RODRIGUES, 2010, p. 2).

³³ Presentes no Curdistão da Turquia, Síria e Iraque, em partes do Irã, e na região do Cáucaso (MACKENZIE, 1961 *apud* VAN BRUINESSEN, 1992, p. 21-22).

³⁴ Presente em outras partes do Curdistão do Irã e Iraque (MACKENZIE, 1961 *apud* VAN BRUINESSEN, 1992, p. 21-22).

o uso de sua língua materna é proibido tem tendência a deixar de valorizar suas características de origem, sejam elas étnicas, geográficas ou culturais. [...] Consequentemente, a língua e a cultura hegemônica ganham terreno entre os grupos étnicos conquistados. Forçados a utilizar a língua predominante, o resultado é um desprestígio da língua nativa até que esta última tornar-se irrelevante. Este processo é ainda mais rápido quando a língua nativa não é uma língua literária, como é o caso da língua curda. As canções e histórias tradicionais curdas foram banidas. Assim, a própria existência da língua curda, que havia produzido várias obras literárias na antiguidade, foi ameaçada. A cultura e a língua curda foram declaradas como elementos subversivos. A educação no idioma nativo foi igualmente banida. As línguas hegemônicas passaram a ser as únicas línguas permitidas no sistema educativo e consequentemente as únicas utilizadas para ensinar os feitos da época moderna (ÖCALAN, 2008, p. 20-21)

Cabe salientar a oralidade como um fator de identidade do idioma curdo, com isso a prática do idioma e a expressão da cultura curda sempre estiveram ligadas. Nesse contexto, Turquia, Iraque, Irã e Síria adotaram políticas de assimilação da cultura curda em um processo de opressão institucionalizada uma vez que eles enxergavam a prática do idioma como parte do movimento de resistência, assim configurava uma ameaça. Como consequência, os curdos organizaram sua resistência. Vale ressaltar que a prática e o ensino do idioma sempre foram pauta das reivindicações do movimento nacionalista curdo do século XX até os dias atuais.

2.3 Ancestralidade e religiões

Para o entendimento do surgimento do povo curdo é importante considerarmos as questões geográficas e as inúmeras migrações que ocorreram ao longo dos séculos na região da Mesopotâmia. Nesse sentido, devemos destacar que a formação do povo curdo data da Antiguidade na região da Mesopotâmia, período que diversos povos se fixaram no território da cordilheira de Zagros³⁵.

Vale ressaltar que há certa divergência em relação à ascendência do povo curdo, justamente porque eles são fruto da presença de diversos povos que povoaram a Mesopotâmia na Antiguidade. Porém, os pesquisadores acreditam que os curdos são descendentes de diversas tribos indo-europeias, dos *medos*³⁶ (GUNTER, 2011, p. 5) e

³⁵ Segundo Peixinho (2010, p. 4) Zagros é uma: “Cordilheira montanhosa que se estende desde o Cáucaso até o Golfo Pérsico numa extensão aproximada de 1.500 km percorrendo o Curdistão e acompanhando a actual linha de fronteira Irã/Iraque até ao Estreito de Ormuz”.

³⁶ O povo *medo* é de origem ariana e fundou o Império Medo no Oriente Médio.

dos *hurritas*³⁷ (ÖCALAN, 2008, p. 11). Dessa forma, eles não ascendem a partir de um só grupo (RODRIGUES, 2010, p. 1-2). Além disso, também devemos destacar a presença dos árabes na região, que chegaram na localidade por conta da diáspora do Islã durante o Período Medieval, fazendo influência na cultura curda, no tipo de organização em clãs que a sociedade curda foi dividida (ÖCALAN, 2008, p. 12) e principalmente quando consideramos a religião, já que 75 % da população curda segue o islamismo sunita (MCDOWALL, 2007, p. 10) e na cultura patriarcal.

Outro fator importante que está ligado ao surgimento dos curdos é a ligação do povo com a região montanhosa, pois devido as invasões dos povos na região, o povo curdo adotou táticas de guerrilha³⁸ que são utilizadas até os dias atuais em conflitos. E, justamente em razão das invasões e dominações que o povo curdo sofreu, o grupo étnico possui um provérbio que diz que os curdos não têm amigos, somente têm as montanhas (GUNTER, 2011, p. 2).

Além disso, devemos considerar que as crenças religiosas também foram influenciadas pela interação dos povos, como a religião zoroastriana e sua influência na relação igualitária entre homens e mulheres, religião, liberdade, técnicas agrícolas, e amor aos animais (ÖCALAN, 2008, p. 11).

Quanto à religião, devemos destacar os yazidi³⁹, que é um grupo étnico-religioso curdo que habita as montanhas de Sinjar no Curdistão iraquiano e que sofre perseguições até os dias atuais (ALLISON, 2001, p. 5).

O grupo cultua um único Deus e também a figura de Tamusi Malak, que os seguidores acreditam ser o anjo pavão, que foi criado por Deus. Justamente por conta da crença na figura do anjo que se manifesta em forma de pavão o grupo sempre foi mal entendido por outros povos, sobretudo pelos islâmicos, conseqüentemente passaram a ser perseguidos por serem considerados adoradores do diabo (BUARQUE, 2016, p. 46). Além disso, é importante explicar que não se sabe ao certo a origem da religião, justamente porque além da influência zoroastriana ela também tem relação com cultos iranianos, o islamismo (BUARQUE, 2016, p. 45).

³⁷ Povo que habitava a Mesopotâmia.

³⁸ Segundo Visacro (2009, p. 260), esta é uma tática de guerra que se baseia na surpresa e na rapidez para o ataque de pontos fracos do adversário. Além disso, a pessoa que utiliza deve conhecer o local que está atuando e muitas vezes deve ter apoio da população local. Devido a esses fatores, as táticas são utilizadas até os dias atuais pelos curdos em suas ações militares. E eles ainda contam com o tipo do terreno, montanhoso, que facilita as ações dos guerrilheiros. Outro fator é que, em sua maioria, os grupos militares curdos não atuam por via aérea, portanto as táticas de guerrilha são as mais adequadas.

³⁹ É importante explicar que há diversas formas de escrita do nome, podendo der Yazidi, Yezidi e Ezidi.

A tradição yazidi não possui um livro sagrado, então a cultura é passada de forma oral (utilizam o Kurmanji), e é justamente pelos ensinamentos serem passados de forma oral que passa a ser a marca para os yazidi, e é uma das causas que grupos que perseguem até os dias atuais justamente para pôr fim a comunidade, visto que para os yazidis a questão de pertencimento do grupo se dá pelo nascimento, não pela conversão (ALLISON, 2001, p. 3). Por consequência da perseguição contra os yazidis houve uma grande migração e também há pessoas do grupo que se converteram a outras religiões, como o Cristianismo e até mesmo ao Islamismo para tentar evitar serem perseguidos (VAN BRUINESSEN, 1992, p. 24).

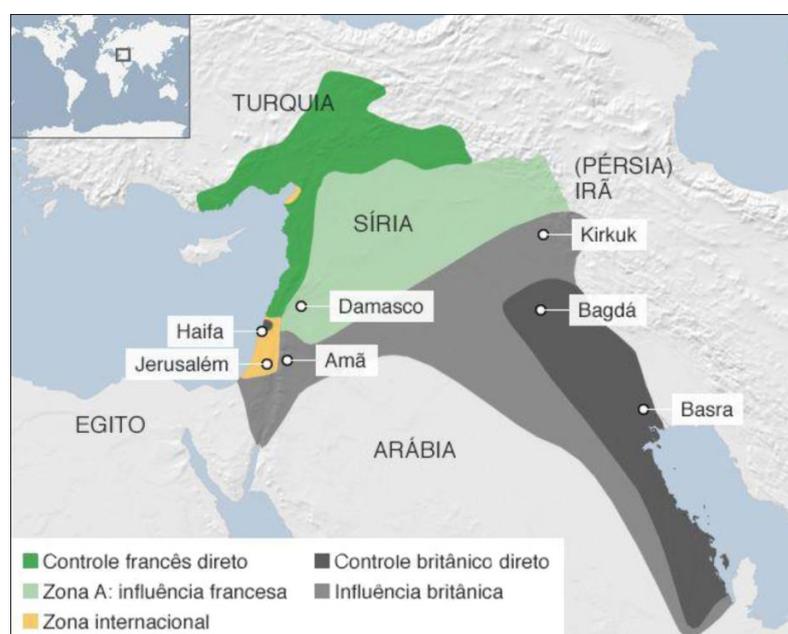
Nos dias atuais, os yazidis estão sendo perseguidos pelo Estado Islâmico, onde os terroristas realizaram um massacre contra a população. Segundo Buarque (2016, p. 45), uma das razões para a perseguição feita pelo Estado Islâmico é justamente a falta de um livro sagrado no Yazidismo, como existe no Islamismo, Cristianismo e Judaísmo, e ligado a isso estão as oportunidades de sobrevivência que povos que possuem livro sagrado têm em comparação aos yazidis, uma vez que há casos de povos que seguem um livro sagrado que o EI ofereceu a opção que eles pagassem para não serem mortos. Contudo, iremos discorrer sobre o ataque e a situação dos yazidis no terceiro capítulo. Vale destacar que além dos yazidis, há a presença de curdos cristãos (VAN BRUINESSEN, 1992, p. 24) e judeus curdos na região. Quanto aos judeus⁴⁰ curdos, após a criação do Estado de Israel eles migraram em busca de sua segurança.

⁴⁰Segundo Brauer; Patai (1993, p. 16), há uma estimativa de que até 1947 existiam 187 comunidades ao longo do território do Curdsitão (turco, iraquiano, iraniano e sírio), e uma soma total que gira em torno de 20 mil a 30 mil judeus curdos na região.

2.4 Geopolítica da região com o fim do Império Otomano

Com o fim da I Guerra Mundial e a dissolução do Império Otomano, a região do Oriente Médio foi loteada pelas nações europeias, sobretudo pelos britânicos e franceses. Assim, os europeus passam a interferir na organização geopolítica da região, já que desejavam criar suas próprias áreas de influência. Isto se dá pela riqueza em minérios e sua localização estratégica. Então, em 1916, ocorre o acordo de Sykes-Picot⁴¹ para dividir a área.

Figura 2 - Acordo Sykes-Picot



Fonte: BBC (2016). Adaptado pela autora.

No contexto da divisão do território, as potências europeias observaram que se apoiassem determinados grupos no Oriente Médio, receberiam um retorno positivo porque iriam conseguir se firmar no território para explorar recursos, sobretudo petróleo, visto que foi nos anos 1920 que houve a descoberta de diversas jazidas de petróleo na região e principalmente na área de cidades curdas. Então, os países ocidentais passam a procurar firmar alianças com chefes locais, visando ter controle das áreas, para definir as fronteiras dos Estados que iriam ser criados com essa aliança.

⁴¹ O acordo de Sykes-Picot foi um plano orquestrado entre os representantes Mark Sykes (Inglaterra) e Georges Picot (França) em 1916, que tinha como objetivo a divisão do Oriente Médio e criação de zonas de influência para exploração dos recursos presentes. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-36320891>. Acesso em 28 mai. 2017.

Ademais, os pontos do acordo se consolidam na Conferência de São Remo em 1920 e a divisão do Oriente Médio entre britânicos e franceses se consolida (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 29).

Contudo, por conta da criação artificial de novos países sob a influência europeia, gerou mais instabilidade em uma localidade que por séculos tinha sido mantida unificada pelo Império Otomano, mas que na então época estava completamente dividida. Com consequência, todos os povos não turcos que tinham sido mantidos unificados, agora reclamavam autonomia e/ou independência. No contexto desse evento, os próprios turcos estavam iniciando seu processo de criação de Estado, de delimitação de suas fronteiras, da mesma forma que os iraquianos e sírios estavam fazendo para fortalecer as bases dos recém-formados países e os iranianos continuavam sob a administração da antiga monarquia (ÖCALAN, 2008, p. 15).

Ainda no contexto da interferência estrangeira, o então Presidente dos EUA, Woodrow Wilson, lançou seus 14 pontos em 1918. O documento continha que as minorias não turcas que faziam parte do Império Otomano deveriam receber autonomia. Então, em agosto de 1920 advém o Tratado de Sèvres⁴², o qual nos artigos 62 e 64 previam a autonomia e também tratava da independência para a área do denominado Curdistão. Todavia, o Tratado de Sèvres não se efetiva por influência da recém-formada Turquia que trabalhava para manter sua unidade (GUNTER, 2011, p. 6). Além disso, devido a modernização do Estado turco, os britânico, desejavam que parte da área do Curdistão se tornassem um Estado tampão para evitar a expansão dos turcos, contudo o projeto não foi concretizado (MCDOWALL, 2007, p. 120).

Os fatores elencados concederam aporte para o surgimento do movimento nacionalista curdo em todas as partes do Curdistão, contando com a participação ativa de homens e mulheres. Então, o movimento nacionalista curdo se desenvolve por conta dos desdobramentos que a criação artificial das fronteiras pelas potências europeias e negação de sua independência ou autonomia. Porém, devemos citar que sua luta é intensificada por conta das políticas opressoras de proibição do idioma curdo e de expressão da cultura, que Turquia, Iraque, Irã e Síria adotaram para manter a unidade de seus países e suprimir a presença curda neles, todavia este assunto irá ser tratado com mais detalhes no próximo tópico.

⁴² Segundo Gunter (2011, p.6) o Tratado também envolvia a criação do Estado da Armênia, que durante a guerra sofreu com o genocídio de sua população. Ademais, a Armênia garantiu sua independência.

2.5 Movimento nacionalista e de libertação curdo dos séculos XX-XXI no Iraque, Irã, Turquia e Síria.

Antes de iniciarmos a explicação sobre o movimento nacionalista e de libertação curdo nos quatros países onde o Curdistão está majoritariamente inserido, devemos expor que seu desenvolvimento será explicado de forma separada, e isto se dá porque o movimento curdo não deve ser tratado como uma unidade, mesmo que a base da problemática seja opressão do povo curdo no geral. Dessa forma, o assunto será abordado em tópicos diferentes porque, em cada local onde foi desenvolvido, ele apresentou suas particularidades e resultados.

2.5.1 Movimento nacionalista curdo no Iraque

Para darmos início à explicação do surgimento e desenvolvimento do movimento nacionalista curdo no Iraque, devemos nos ater que o início da problemática surge por conta do Acordo Sykes-Picot, explicado anteriormente, e influência britânica na criação artificial do Estado iraquiano (GUNTER, 2008, p. 11). Além deste fator, soma-se o fracasso do tratado de Sèvres quanto à questão curda. Devido a isso, os curdos passam a resistir à situação estabelecida, mas é importante destacar que esse tipo de manobra só foi possível porque o recém formado Estado do Iraque possuía flancos que possibilitavam esse tipo de resistência e organização de revoltas.

Entre as razões para a existência de flancos, era a porção territorial do Curdistão no Estado do Iraque, além do quantitativo de população em comparação com os outros locais onde os curdos habitam. Outro fator foi que o recém-criado Iraque tinha pouca legitimidade quanto a sua política, pois até 1932 o Iraque foi um Protetorado britânico. Além da presença curda, a população do Iraque era completamente dividida, no âmbito religioso, em muçulmanos sunitas e xiitas, e por conta dessa divisão a população tinha problemas de cunho religioso e de identidade. Fato que se destaca ao longo dos anos facilitando o crescimento do movimento nacionalista como forma de participação dos curdos na sociedade (GUNTER, 2011, p. 13-14), entretanto isso não significa que os curdos do Iraque não sofreram opressão.

Outro ponto a ser destacado é o descobrimento de petróleo na região do Curdistão do sul (Iraque) que passa a possuir dois terços da reserva de petróleo (além das terras mais férteis), fazendo dessa parte do Curdistão um grande centro econômico, e impulsionando os curdos a lutarem para garantir sua autonomia e independência para gerir de forma unilateral seu território (GUNTER, 2011, p. 14). Com a descoberta de petróleo, os britânicos convidaram Barzinji⁴³ para atuar como governador em Mossul⁴⁴, em uma tentativa de solucionar o problema curdo. Contudo, Barzinji se autoproclamou Rei do Curdistão e, com isso, inicia-se uma revolta contra os britânicos, dando os primeiros sinais da estruturação do movimento nacionalista curdo no Iraque, porém a revolta foi suprimida pela ação da Força Aérea Real Britânica (GUNTER, 2011, p. 14).

Com o exemplo do que tinha ocorrido, os curdos passaram a organizar mais revoltas entre 1919-1922, que foram suprimidos pelos britânicos (STOKES, 2009, p. 387). As revoltas seguiram fortemente logo após dos britânicos findarem seu controle como mandatário do Iraque em 1932, com o Iraque se tornando um Estado de fato (ROMANO, 2006, p. 188) e passa a ser controlado por sua monarquia. Entretanto, mesmo com a independência o Iraque enfrentava graves problemas quando o nacionalismo curdo.

Somados aos problemas elencados acima, como havia diversas formas de identidade no país, o Iraque adotou mecanismos de assimilação para criação de uma nova e única identidade nacional, mas por se tratar de uma medida implementada a força, acabou por contribuir com crescimento do movimento curdo (PEIXINHO, 2010, p. 55).

O Estado iraquiano adotou mecanismos para supressão de direitos das minorias para promover o pan-arabismo e implantar forçadamente uma identidade com intuito de unificar todas as etnias que habitavam o local, visando fortalecer a unidade do Estado iraquiano (ROMANO, 2006, p. 186-187). Como consequência desta política, mais revoltas eclodem, e a figura de Mulla Mustafa Barzani⁴⁵ surge, vindo a se tornar o líder do movimento nacionalista do Curdistão iraquiano. Quando o movimento, ele sempre teve o objetivo de criação de um Estado, portanto ele é um movimento nacionalista de

⁴³ Sheikh Mahmud Barzinji de Sulaymaniya, que na época tratada foi um influente líder curdo.

⁴⁴ Cidade situada no Iraque.

⁴⁵ Mulla Mustaffa Barzani tinha como base de sua política o setor religioso dos Sheiks curdos, além das habilidades de luta, assim ele tinha como base o conservadorismo e a mentalidade tribal, completamente diferente ao movimento nacionalista curdo de bases estudantis e socialistas na Turquia (GUNTER, 2011, p. 14).

fato. Ademais, em 1946, Barzani cria o Partido Democrático do Curdistão (KDP) para lutar pelo direito dos curdos no Iraque (GUNTER, 2011, p. 14).

Com as revoltas que foram lideradas por Barzani, a frente do KDP gerou a ação militar por parte do Iraque, que encurralou os clã de Barzani e seus guerrilheiros na fronteira do Iraque-Irã. Além disso, é iniciada a política de *arabização*⁴⁶ (STOKES, 2009, p. 387). Como consequência da *arabização*, milhares de curdos foram forçados a migrar para que árabes tomassem seus territórios, contudo essa ação só gerou mais revoltas entre os curdos. Quanto a Barzani e seu grupo de civis e guerrilheiros do *Peshmerga*⁴⁷ foram para o Curdistão do Irã, mais precisamente para a cidade de Mahabad, onde o movimento nacionalista curdo estava em atividade e, com isso, posteriormente, a República de Mahabad é declarada em 1946 (PEIXINHO, 2010, p. 59), que irá ser tratada no próximo subtópico.

No contexto dos conflitos armados, as mulheres curdas passam a ingressar no *Peshmerga* pois enxergavam que elas também deveriam participar ativamente do movimento nacionalista curdo contra as ofensivas do Estado iraquiano. Dessa forma, no Curdistão do sul (Iraque), desde 1960 existem mulheres curdas como guerrilheiras do *Peshmerga*, como a figura de Margaret George, uma guerrilheira curda que é considerada a Joana d'Arc curda. Ela foi líder de uma unidade masculina e, por conta de suas ações, os guerrilheiros passaram a carregar sua fotografia com uma forma de talismã para as batalhas (GUNTER, 2011, p. 103).

Ademais, o partido Baath toma o poder por meio de um golpe militar, há a intensificação da política de *arabização* e a situação torna-se mais complicada. Consequentemente ocorrem mais combates entre o *Peshmerga* e o Estado do Iraque, então cria-se uma situação de oscilação entre combates e cessar fogo entre as partes. Devido a esses embates, em 1970, as partes propõem, em conjunto, um Manifesto⁴⁸ para apaziguar a situação (MCDOWALL, 2007, p. 327-328). Todavia, mesmo com o Manifesto, as crises continuaram e de acordo com McDowall (2007, p. 335) elas passaram a envolver a questão da produção e venda do petróleo em Kirkuk, pois os

⁴⁶ A política de *arabização* foi implantada no Curdistão do Iraque e tinha como propósito a deslocação forçada de curdos para o assentamento de árabes em suas áreas (STOKES, 2009, p. 387).

⁴⁷ *Peshmerga* é a denominação para quem faz parte do exército curdo para defesa do território do Curdistão iraquiano. A palavra *Peshmerga* é de origem curda e significa “aqueles que enfrentam a morte”, sendo “*Pesh*” equivalente a enfrentar, e “*Marg*” equivalente à morte.

⁴⁸ O acordo de 11 de março de 1970 previa que o idioma curdo seria a língua oficial em cidades de maioria curda, e seria segunda língua nos outros locais. Nos pontos do acordo também estabeleciam a liberdade de expressão da cultura curda, a participação em cargos públicos, reforma agrária e o pagamento de pensão para pessoas em situação de vulnerabilidade (MCDOWALL2007, p. 327-328).

curdos reivindicavam o repasse dos lucros da venda do petróleo. Entretanto, o Governo do Iraque não aceita afirmando que lucros são controlados pelo governo central visto que são riquezas nacionais, então o lucro continua a ser controlado diretamente por Bagdá.

Com a questão da cessão da autonomia sendo tratada pelas partes, o governo do Iraque era contrário pois enxergava a situação como a criação de um Estado dentro de outro Estado, e com isso, em 1974, a Lei da Autonomia⁴⁹ é posta em pauta pelos iraquianos, mas esta somente afirmou o poder do governo central e em razão disto ela foi rejeitada pelos curdos (MCDOWALL, 2007, p. 335-337).

Em 1979, Barzani (líder o movimento nacionalista do Curdistão do sul) morre, e gera impactos na sociedade curda e principalmente no KDP, mas seus filhos dão continuidade ao seu legado, consolidando o clã Barzani no âmbito político do Curdistão. Ademais, outro partido curdo surge, PUK (União Patriótica Curda).

É importante citar que o KDP e PUK tinham visões diferentes, com isso divide os curdos, gerando um conflito paralelo ao que ocorria com o Estado iraquiano. Consequentemente favoreceu a política de opressão realizadas pelo Baath que estava sob a liderança de Saddam Hussein. Para acabar com a situação de divergência no movimento nacionalista curdo, o KDP e PUK se unem para findar os conflitos e propõem a criação da Frente Nacional de Oposição iraquiana, visando a unificação do povo curdo e principalmente na área militar do *Peshmerga* (PEIXINHO, 2010, p. 80). Entretanto, os partidos voltam a entrar em conflito nos anos 1990, o que quase levou a região a viver uma guerra civil. A situação foi resolvida por conta da intervenção dos EUA (GUNTER, 2011, p. 15).

Durante a Guerra Irã-Iraque (1980-1988), o Iraque aumenta as investidas militares contra os curdos e, em 1987–1988, é posta em prática a Operação Anfal⁵⁰ com os ataques químicos contra a população (GUNTER, 2008, p. 14). O Human Rights Watch publicou um dossiê classificando a operação como genocídio do povo curdo, com uso de armas químicas ceifando a vida de civis e militares curdos. Além do grande número de mortos, o genocídio contra os curdos gerou uma enorme quantidade de refugiados, com isso houve uma reunião no Conselho de Segurança da ONU para discutir o assunto para que os curdos fossem respeitados com bases nos direitos

⁴⁹ Os termos da Lei da Autonomia podem ser encontrado em McDowall (2007, p. 336-337).

⁵⁰ Anfal Significa “Espólios de Guerra” em árabe (RODRIGUES, 2010, p. 5). Em 1993 o Human Rights Watch publicou um dossiê sobre o genocídio: Genocide in Iraq: The Anfal Campaign against the Kurds. Disponível em: <https://www.hrw.org/reports/1993/iraqanfal/>

humanos e tivessem seus direitos políticos garantidos. Como consequência, é estabelecida uma área de “safe zone⁵¹” no Curdistão do Iraque (GUNTER, 2011, p. 15). É importante destacar que os *Peshmergas*, guerrilheiros e guerrilheiras, atuaram para defender os civis nesta época, porém eles também sofreram com os ataques orquestrados pelo Iraque (STOKES, 2009, p. 388).

Após a Guerra do Golfo, Saddam Hussein ainda tentou realizar limpeza étnica em Kirkur, com intuito de manter o controle total da região visto que é nessa cidade que quase 70 % do petróleo é produzido (RODRIGUES, 2010, p. 5). Como consequência, os EUA interferem diretamente na situação, por conta disto foi estabelecida a “no-fly zone”⁵² (GUNTER, 2011, p. 138).

Além disso, é importante citar que, nessa época, os curdos ganharam o direito de administrar parte das vendas de petróleo, então a região passa a viver momentos de prosperidade (GUNTER, 2011, p. 16). Em razão disto, a democracia passou a crescer nesta parte do Curdistão.

Em 2003, a invasão dos EUA no Iraque trouxe mudanças significativas na situação dos curdos e do Curdistão. Nos desdobramentos do conflito, eles passam a gerir sua região de forma autônoma, formando o Governo Regional do Curdistão (KRG) com o Presidente Massoud Barzani (reconhecido pelo Governo central). Então, os curdos assumiram o controle da produção e a venda do petróleo em seu território, utilizado como impulso para o desenvolvimento do Curdistão do Iraque. Essa nova configuração que os curdos do Iraque forneceram ao seu território gerou impactos nos outros locais do Curdistão.

Atualmente a situação é de confronto por conta da presença do Estado Islâmico, mas por conta da atuação dos *Peshmergas*, guerrilheiros e guerrilheiras, e da coalizão internacional (liderada pelos EUA), eles estão participando ativamente para a defesa do KRG.

Para este trabalho, além da pesquisa por fontes secundárias, foi realizada uma entrevista (ver em anexo) com um curdo, ex-soldado do *Peshmerga*, morador da cidade de Erbil (uma das primeiras cidades tomadas pelo EI) que nomearemos de “curdo 01”. O curdo 01 relatou que atuou no *Peshmerga* entre os anos de 2011 e 2012 e explicou

⁵¹ Área onde os refugiados poderia receber ajuda de organismos humanitários como o ACNUR, a Agência da ONU para Refugiados.

⁵² Foi estabelecida a proibição de ações militares aéreas nesta área do Curdistão iraquiano para que ataques aéreos não ocorressem contra os curdos.

que sua família tem histórico militar, portanto há membros da família que perderam suas vidas em batalhas no *Peshmerga* ao longo dos anos.

O curdo 01 explicou que há mulheres curdas nas linhas do *Peshmerga* e que o número varia entre 10 a 12 mil guerrilheiras. Ele também relata informações sobre o contingente total do *Peshmerga* atualmente é de 200 mil guerrilheiros⁵³, porém, devido à batalha com o EI, ele relatou que aproximadamente 2 mil guerrilheiros do *Peshmerga* morreram em combate. Quanto ao contingente do *Peshmerga*, curdo 01 explicou que 90% dos militares são curdos, mas, com o conflito atual, 10% é formado por pessoas de outras etnias. Além disso, ele relatou que os guerrilheiros do *Peshmerga* são remunerados em aproximadamente 2 mil dólares por mês, mas que caso o guerrilheiro não for pago, ele pode optar por não lutar e buscar outra atividade.

Outro ponto perguntado na entrevista foi quanto a situação das mulheres na localidade. Curdo 01 explicou que nesta parte do Curdistão, a sociedade é dividida em 80% da atuação masculina para 20% da feminina, desta forma concluímos que mesmo com a participação de mulheres no *Peshmerga*, a sociedade do Curdistão do sul (Iraque) ainda possui características patriarcais em sua cultura, o que impacta na participação das mulheres como *players* absolutas nos setores estratégicos, como foi abordado no primeiro capítulo. Além disso, a autora já tinha observado por meio de vídeos que o âmbito político desta parte do Curdistão tem a presença exclusiva de homens. O que podemos considerar que é um dos reflexos do movimento nacionalista curdo nesta região, onde teve sua formação por bases tribais e religiosas as quais normalmente há a exclusão da figura da mulher. Portanto, mesmo contando com a participação de mulheres curdas, como guerrilheiras nas linhas do *Peshmerga*, em sua maioria o grupo militar é formado por homens.

No contexto do conflito, os curdos estão aproveitando a luta contra o EI para aumentar a região do Curdistão iraquiano, fortalecendo o movimento nacionalista curdo na localidade e fomentando a realização de um referendo para sua independência que

⁵³ Verificamos se a quantidade de guerrilheiros do *Peshmerga* condiz, para isso analisamos a matéria da Folha de São Paulo de 2015, que enviou dois correspondentes a cidade de Kirkuk e eles atestaram que na época o *Peshmerga* tinha aproximadamente 150 mil militares. Portanto, o contingente que curdo 01 apresentou pode condizer a realidade se considerarmos que as batalhas foram intensificadas, como consequência há a necessidade maior de militares. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/02/1588787-folha-acompanha-exercito-curdo-que-tenta-evitar-avanco-do-estado-islamico.shtml>. Acesso em: 09 jun. 2017.

segundo a notícia vinculada em 07/06/2017 do site de notícias curdo, Rudaw⁵⁴, o referendo ocorrerá em 25 de setembro de 2017, seguido pela votação parlamentar da região autônoma em 6 de novembro de 2017.

2.5.2 Movimento nacionalista curdo no Irã

Devido aos desdobramentos no pós I Guerra Mundial, eclode a revolta de Simko nos anos de 1920, liderada por Ismail Agha Simko. Nesta revolta o líder declarou independência da área do Curdistão que ele governava, resistindo aos ataques do exército do Irã por quatro anos. Nesta época, Reza Khan (posteriormente seria Xá, o Rei) tinha iniciando o processo de modernização do Irã, por conta disto conseguiu diversos aliados internos, pois existem outras etnias⁵⁵ que não desejavam que os curdos conseguissem a autonomia ou independência de seu território. Então, em 1924 a revolta sucumbe às ações do exército iraniano (ROMANO, 2006, p. 222-223).

Ademais, durante a II Guerra Mundial EUA, URSS e Grã Bretanha, ocuparam o Irã em 1941 e, com isso, destroem a estrutura que foi iniciada no período de modernização. Como consequência desse evento o Xá Reza (Rei) abdica de sua posição para que seu filho Mohammed Reza Pahlevi (Príncipe) assumisse o posto de novo Xá do Irã.

O Irã vivia momentos de instabilidade por conta da presença dos estrangeiros, mas a presença soviética inicialmente foi frutífera para os curdos, visto que eles passam a negociar e forneceram apoio intelectual. Somado a isso, havia o fato que o novo Xá não tinha autonomia suficiente para administrar de forma soberana o Irã vide a presença estrangeira. A instabilidade, influência soviética e os exemplos dos movimentos nacionalistas dos curdos de outros locais, fizeram terreno fértil para que os curdos do Irã se organizem e criam o primeiro partido político curdo no Irã: o Komala Jiyaneewey Kurdistan, Comitê para o Renascimento do Curdistão (ROMANO, 2006, p. 224). Devemos destacar que a presença soviética no Curdistão iraniano foi crucial para

⁵⁴ A informação foi anunciada em primeira mão por Barzani, Presidente do KRG em sua rede social. A matéria pode ser lida na íntegra em: <http://www.rudaw.net/english/kurdistan/070620171>. Acesso em 07 jun. 2017.

⁵⁵ Os grupos étnicos presentes do Irã são os persas, azeris, curdos, balúchi, lur e árabes (ROMANO 2006, p. 229).

desenvolvimento do movimento nacionalista curdo no local, e assim eles dão suporte para a criação do KDPI⁵⁶ em 1945 para substituir o Komala. Como consequência da organização em partidos, os curdos fortalecem o movimento nacionalista, e com isso eclode a revolta na cidade de Mahabad: a República de Mahabad.

A República de Mahabad é criada e recebe apoio dos curdos de outros locais, além das fronteiras do Curdistão iraniano, com Barzani em sua fuga do Curdistão iraquiano se instala em Mahabad levando consigo guerrilheiros *Peshmerga* para fortalecer o movimento. Por conta disso o movimento passa a contar com o apoio de outros grupos tribais e mais curdos passam a se vincular à República recém-formada. Devido ao estabelecimento da República Mahabad, ela se torna um exemplo do Estado moderno curdo e para o movimento nacionalista em outras partes do Curdistão (GUNTER, 2011, p. 204).

Uma das razões para a queda da República de Mahabad foi o contato com os soviéticos, pois os outros países isolaram a área. Outro fator foi o setor de defesa, pois mesmo com o auxílio dos *Peshmerga* e dos soviéticos, os curdos não tiveram tempo suficiente para estruturar um exército que pudesse defender a República contra os ataques do exército iraniano. Outro ponto é que os soviéticos fizeram um acordo com o governo do Irã, onde este se comprometeu a retomar a concessão de petróleo para a URSS (ROMANO, 2006, p. 227) e deixando de apoiar os curdos. Como consequência desta manobra, a República de Mahabad sucumbe após um ano de sua fundação. Contudo, ela se torna um marco revolucionário feito pelos curdos que demandaram políticas de autodeterminação do povo. O ponto mais importante da República é que ela mostrou que os curdos poderiam administrar seus próprios assuntos, e com isso a Revolução gerou impactos em toda área do Curdistão (ROMANO, 2006, p. 245).

Com o fim da República de Mahabad, o Xá adota medidas para fortalecer a unidade do Irã. Ele inicia o processo de imposição de uma identidade iraniana, adotando o modelo que a Turquia tinha utilizando. Contudo, essa política não obteve sucesso e isso se deve ao grande número de etnias que formavam o Estado (ROMANO, 2006, p. 229).

Em razão disso, os curdos passam a fazer oposição ao Xá de forma mais forte, visando que ele tivesse seus poderes limitados e o processo político passasse a ser mais democrático. Este fato se concretiza e o Xá tem seus poderes reduzidos, porém por

⁵⁶ Partido democrático do Curdistão do Irã (ROMANO, 2006, p. 225).

conta da interferência externa de estadunidenses e britânicos, ocorre um golpe de Estado o Xá Reza Pahlevi volta a ter poder absoluto no Irã (ROMANO, 2006, p. 230). Com a retomada de poder do Xá, as ações contra os curdos passam a ser mais fervorosas, como o assassinato de líderes curdos como forma de silenciá-los. Logo, o assassinato por parte do Estado iraniano é estabelecido como uma forma não oficial de resolver a problemática curda ao longo dos anos (GUNTER, 2011, p. 20).

Em 1979, eclode a Revolução iraniana, que inicialmente foi apoiada pelos curdos para derrubar o Xá, e com ela surge um governo com líder islâmico xiita, Khomeini⁵⁷. Devido a isso, o novo governo adota medidas mais impositivas aos curdos, e implanta de vez a política de preservar as fronteiras do Irã, da mesma forma que ocorreu antes. Outro fator é que, por se tratar de um governo teocrático, foi implantada a ideia de identidade islâmica com intuito de unificar os grupos étnicos do país, visando evitar a ocorrência de revoltas de cunho étnico e garantir que o Irã não fosse dividido (ROMANO, 2006, p. 234). Dessa forma, muda-se o modelo de governo, mas a situação curda continua a mesma.

Ademais, ocorre a Guerra Irã-Iraque, em que os curdos do Irã reconhecem uma oportunidade para criar o Curdistão oriental (Irã) barganhando junto ao governo a participação dos guerrilheiros curdos para expulsar o exército iraquiano (ROMANO, 2006, p. 337), porém o acordo é negado.

É importante ressaltar que os curdos que se envolveram no conflito e atuaram utilizando as táticas de guerrilha. Todavia, com o passar dos anos as ações foram suspensas, devido as consequências que geravam causando a morte de inocentes e a destruição das cidades e vilas. Como foi estabelecido a não utilização de ações militares pelo movimento, os curdos orientais optam por ações políticas integradas junto à população visando que ocorra uma saída democrática para a situação. Outro fator atenuante para essa decisão é que eles não possuíam o quantitativo necessário para continuar lutando contra as investidas do exército do Irã como ficou claro com o fim da República de Mahabad. Portanto, as atividades não iriam continuar como eram antes, visto que além do visível enfraquecimento político e econômico do Estado do Irã, ainda existia as pressões feitas pelo EUA e pelos países europeus, logo, a solução do problema viria com o tempo (ROMANO, 2006, p. 246).

⁵⁷ Com a Revolução iraniana, o Aiatolá Khomeini assume o Governo do Irã.

A situação de não utilização de ações militares por parte dos curdos se modifica em 2005 com o surgimento do partido Vida Livre no Curdistão, o PJAK, que deu uma nova roupagem para as ações de partidos políticos na região. Outro ponto a ser destacado é a presença dos EUA na região do Curdistão iraquiano, fazendo que o PJAK se aproximasse dos EUA na tentativa de derrotar o governo do Irã (RODRIGUES, 2010, p. 4-5). Assim, eles observam que poderiam obter ganhos, como os curdos do Iraque, e conseguir seu território autônomo (ROMANO, 2006, p. 246).

No contexto do conflito atual contra o Estado Islâmico, é importante explicar que os terroristas do EI não tomaram a área do Curdistão oriental, mas como a atuação do PJAK também desenvolvida na área de fronteira com o Curdistão do sul (Iraque), o grupo também está lutado contra os terroristas. Além disso, devemos citar que o PJAK é alinhado ao PKK e devido a isso recebeu influência da ideologia do grupo, tanto nas táticas de guerrilha quanto aos direitos das mulheres, como consequência há mulheres atuando como guerrilheiras no PJAK e estima-se que 50% do contingente atual do grupo é formado por mulheres.

2.5.3 Movimento nacionalista e de libertação curdo na Turquia

Como explicado anteriormente, o fracasso do Tratado de Sèvres⁵⁸ dá aporte para a formação da base para o nacionalista curdo em todas as partes do Curdistão. Porém devemos citar que após o fracasso de Sèvres, é proposto o Tratado de Lausanne para substituí-lo, mas o novo Tratado somente teve como finalidade reconhecer o Estado da Turquia e legitimou a negação dos turcos em reconhecer a existência da questão curda dentro de suas fronteiras (RODRIGUES, 2010, p. 2). A partir disso, devemos explicar que o insucesso dos Tratados é consequência da estruturação e modernização do recém formado Estado turco, liderado por Atatürk⁵⁹.

⁵⁸ Após a dissolução do Império Otomano, o Tratado é proposto e abordou a questão da autonomia e independência para o Curdistão (GUNTER, 2011, p. 6).

⁵⁹ Mustafa Kemal Atatürk, fundador da República da Turquia e 1º Presidente, dando início a modernização do Estado turco.

Além da influência turca, há outra razão para a falha do projeto de criação do Curdistão, pois, na época, a elite⁶⁰ curda estava dividida. Então, uma parte da elite apoiava a volta ao poder do Sultão governante do Império, parte apoiava Atatürk, e outro segmento apoiava o movimento nacionalista curdo, desta forma, por conta do setor que detinha o poder dentro da comunidade curda acabou prejudicando toda comunidade (ROMANO, 2006, p.27).

Para a modernização do Estado turco foram adotadas medidas de cunho nacionalistas, seculares, além da experiência da República dos Jovens Turcos⁶¹ no fim do século XIX. Com essas medidas, o Estado turco passa a ignorar as diferenças de cunho religioso e de classe das pessoas que habitavam a Turquia. Então, inicia-se o processo de assimilação forçando a identidade turca para todas as etnias presentes no país (VAN BRUINESSEN, 1992, p. 274).

Nesse contexto, constrói-se o processo de silenciamento da comunidade curda na Turquia, e, para atingir esse fim, o idioma e cultura curda foram proibidos, pois, com a política de assimilação o Estado turco visava excluir toda cultura que não fosse turca, com intuito de abafar todo tipo de manifestação separatista para que a unidade do país fosse mantida (GUNTER, 2011, p. 6). Cabe citar que, no processo de assimilação, e supressão dos curdos, os turcos passaram a nomear o povo curdo de “turcos das montanhas” visando forçar a cultura turca a qualquer custo para abafar a mobilização popular curda (MCDOWALL, 2007, p. 2010).

Como consequência da opressão institucionalizada, o movimento nacionalista curdo (que inicialmente era organizado sob bases tribais e religiosas) é reestruturado e passa a atuar, então, diversas revoltas eclodem, como a revolta de Sheikh Said em 1925. Esta revolta torna-se o estopim para que outras ocorressem, como a revolta em Ararat⁶², contudo, ambas foram violentamente suprimidas. Apesar da repressão para abafar as revoltas, elas servem como exemplos para dar força ao movimento nacionalista curdo e ao uso da guerrilha na atuação contra o Estado turco (VAN BRUINESSEN, 1992, p. 265). Também houve a revolta de Dersim em 1938 que foi igualmente reprimida e com

⁶⁰ Inicialmente o movimento nacionalista curdo na Turquia era comandado pela elite formada por líderes de clãs e religiosos (Aghas e Sheiks), logo, tinha caráter tribal. Como é tratado por Van Bruinessen (1992).

⁶¹ Segundo Öcalan (2008, p. 22) o movimento tinha cunho nacionalismo agressivo, e tinha o *slogan* “uma língua, uma nação, um país”.

⁶² Posteriormente viria a ser a proclamada a República de Ararat, a qual obteve o apoio da Grã Bretanha (VAN BRUINESSEN, 1992, p. 265).

seu fim, é encerrada a liderança tribal no movimento nacionalista curdo na Turquia (MCDOWALL, 2007, p. 209).

Ainda no contexto da política, há o agravamento da situação, e o Estado turco implementa medidas em seu código penal com punições para quem as desobedecesse, visto que a Turquia considerava essa ação uma provocação e o incentivo a desobediência civil (GUNTER, 2011, p. 7). Devido ao aumento do autoritarismo da Turquia, os curdos tomam consciência de que a identidade do povo estava sendo afetada diretamente por conta destas medidas, e ocorre a reformulação na organização do movimento nacionalista curdo, com isso ele passa a ser organizado junto ao movimento estudantil e com base na ideologia socialista (ÖCALAN, 2008, p. 24).

Os curdos resolvem se organizar em forma de partidos para tentar mudar a situação e garantir voz perante a sociedade, visto as perseguições e opressões que o povo sofria, assim cria-se no Curdistão do norte (Turquia) uma série de partidos políticos (ROMANO, 2006, p. 47).

Em 27 de novembro de 1978, nasce o PKK, Partido dos Trabalhadores do Curdistão, sob a liderança de Abdullah (Apo)⁶³ Öcalan, que ainda lidera o movimento curdo até os dias atuais na Turquia e em outras partes do Curdistão. O partido também é fundado por Sakine Cansiz⁶⁴, que foi mantida como prisioneira e sofreu torturas durante o cárcere promovidas pelo Estado da Turquia entre os anos de 1979 a 1992 (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 50). Mesmo durante seu cárcere, ela articulou o movimento curdo junto com Öcalan até 2013, ano que foi assassinada. Ela foi a responsável por introduzir a questão dos direitos das mulheres na pauta curda.

O PKK tinha como prática a luta armada para combater a opressão que a comunidade curda sofria pelo Estado. Devido a sua base socialista, declarou-se como anticolonial (VAN BRUINESSEN, 1992, p. 33), seguindo a conjuntura do mundo bipolar e eliminando diretamente qualquer diálogo com os EUA. Devemos explicar que após o surgimento do PKK, os integrantes do grupo migraram para áreas rurais do território, pois tinham intuito de ampliar sua atuação e agenda para além dos grandes centros. Também devemos considerar que essa foi uma escolha estratégica visto que eles migram para uma área montanhosa visando facilitar a atuação dos guerrilheiros (ROMANO, 2006, p. 49). Além disso, podemos observar que eles desejavam atuar nas cidades de maioria curda na área rural da Turquia, Curdistão do norte (ver Figura 3).

⁶³ Codinome de Öcalan.

⁶⁴ Sakine adotou o codinome de Sara.

A situação de conflito entre as partes continua a mesma e, nos anos 1980, há um novo agravamento por conta da implementação da nova Constituição da Turquia que proibiu partidos políticos com bases étnicas e o idioma curdo (STOKES, 2009, p. 368). Como desdobramento desta medida diversos membros do PKK foram presos e esses fatores acarretaram no agravamento da situação, pois o PKK resistiu por meio de medidas violentas dos guerrilheiros e guerrilheiras (ÖCALAN, 2008, p. 27). Uma das consequências das ações foi a visibilidade que a questão ganhou, forçando as autoridades a admitirem que existia a questão curda na Turquia (VAN BRUINESSEN, 1992, P. 45). Ademais, por conta das ações violentas utilizando táticas de guerrilha, o PKK foi classificado como organização terrorista por diversos países. De acordo com Gunter (2008, p. 64), Öcalan admitiu que utilizou-se de métodos terroristas nas ações do PKK, mas também acusou o Estado turco de promover o terror contra os curdos.

No contexto da luta do movimento nacionalista curdo na Turquia, as mulheres curdas também participam dos grupos militares, atuando lado a lado aos homens para resistir as investidas do governo turco. Como exemplo temos a figura de Sakine Cansiz, como explicamos anteriormente, que foi uma das responsáveis para inserção da mulher curda no movimento curdo. Com o passar dos anos e a reestruturação do movimento nos anos de 1990, onde ele deixa de ser nacionalista para ser de libertação⁶⁵, suas ideias de luta pelos direitos das mulheres influenciaram e se tornaram um dos pilares do movimento curdo na Turquia. Como consequência de sua atuação tanto para o movimento curdo quanto para a inserção da mulher curda na vida militar e política, Sakine é considerada a mais importante ativista e guerrilheira curda.

Ainda em relação à inserção da mulher curda no movimento curdo, elas observaram que sua inserção no grupo significava autonomia, então elas ingressam aos grupos para lutar por seus direitos. Como consequência, temos as guerrilheiras curdas do PKK que formam 15% do contingente total de guerrilheiros e atuam juntamente com os homens nas ações do grupo desde os anos de 1980.

Devido a participação das mulheres curdas como guerrilheiras no movimento nacionalista, em 1993 é criado um pelotão feminino do PKK, o YAJK (União das Mulheres Livres do Curdistão), que posteriormente viria se tornar o YJA Star (Unidade

⁶⁵ O movimento curdo nesta localidade se transforma, pois os curdos observaram que a formação de um Estado oprime minorias étnicas e sociais, assim, caso continuassem a lutar para formação de um Estado (como ocorre no Curdistão no Iraque e Irã) eles estariam reforçando uma estrutura opressora. Logo, há a reestruturação do movimento curdo nesta localidade, e ele passa a ser nomeado de movimento de libertação. Iremos discorrer sobre a reestruturação com mais detalhes ao longo do capítulo 2.

da Mulher Livre) (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 196). O grupo tem como objetivo confrontar e rejeitar a cultura patriarcal que era imposta às mulheres para buscar liberdade por meio da luta armada. Dessa forma, as mulheres curdas do YAJK foram pioneiras na questão da criação de um pelotão exclusivo para guerrilheiras, tendo intuito de desconstruir os preceitos da cultura patriarcal que impactam a vida das mulheres (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 46). Devido a isso, os preceitos do grupo foram disseminados para outras partes do Curdistão, se fez presente no Curdistão ocidental (Síria), Rojava, como iremos explicar posteriormente.

O grupo também previa que a autonomia da mulher era uma consequência de sua participação ativa nos setores da sociedade (administração pública, política, diplomática, militar), com isso afirmavam que em todas as áreas da sociedade as mulheres deveriam ter uma participação de pelo menos 40% do total (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 46).

A situação do PKK modifica-se por completo com a prisão de Öcalan em 1999, pois, ao ser preso, Öcalan modifica as bases ideológicas do PKK, como iremos abordar ademais. Devemos destacar que, com a prisão de Öcalan, a Turquia estabelece pena de morte por traição, mas por conta da intenção de Erdogan⁶⁶ em ser aceito como membro da União Europeia, a pena foi modificada para prisão perpétua, pois a Turquia deve seguir preceitos de respeito aos direitos humanos e a não descriminalização dos povos para ser aceito (RODRIGUES, 2010, p. 4).

No âmbito dos acontecimentos da década de 90, devido a prisão de Öcalan e o fim da URSS, houve a reformulação ideológica do grupo, como consequência, foram adotados preceitos pra uma solução democrática para a problemática curda na Turquia. Como fruto disso, é formulado o Confederalismo Democrático que, de acordo com Öcalan (2011), prevê que uma comunidade se organize para construir em conjunto uma nova realidade, todavia esta não pode ser pautada no modelo tradicional de Estado. Isto se dá porque a formação tradicional que temos de Estado oprime as pessoas por ter sido construída diretamente ligada ao capitalismo, causando a exploração da mulher em relação ao privilégio do homem, a opressão de outras minorias étnicas que fazem parte do local e a exploração do meio ambiente. Ainda segundo Öcalan (2011), o movimento deixa de ser nomeado de nacionalista, pois não deseja se basear no Estado, e passa a ser nomeado movimento de libertação curda. Isto também implica na modificação da

⁶⁶ Recep Tayyip Erdogan ocupa o cargo de Presidente da Turquia desde 2014, porém no período de 2003 – 2014 ele foi o Primeiro Ministro do país.

nomenclatura do movimento curdo na Síria, devido a ligação entre os curdos de ambas as localidades, como iremos explicar adiante. Assim, este modelo de organização social com bases na participação social visa construir uma realidade oposta a que temos, pois o novo formato deve primar pela equidade e liberdade de todos. Devido a esses fatores, o modelo é caracterizado como uma democracia sem a formação de um Estado.

Podemos observar em Öcalan (2013) que a nova ideologia do grupo prima pelo respeito aos direitos das mulheres por meio da desconstrução de estruturas criadas para aprisionar a mulher, visto que as estruturas criadas são moldadas por influência do patriarcalismo como foi explicado no primeiro capítulo. Com isso, o modelo prevê que a sociedade somente iria ser libertada por meio da liberdade das mulheres. Então, novos preceitos de respeito aos direitos das mulheres e a democracia para a resolução da questão curda forma postos em prática.

Enquanto a liberdade e os direitos da mulher não forem discutidos em um contexto histórico e social, enquanto uma teoria adequada não for formulada, tampouco existirá prática adequada. Em vista disso, a liberdade e os direitos da mulher devem constituir uma parte estratégica da luta pela liberdade e democracia no Curdistão (ÖCALAN, 2008, p. 33)

É importante citar que na década de 1990 muitos guerrilheiros e guerrilheiras do PKK e YAJK foram para a região do Curdistão da Síria (atualmente chamado de Rojava), conseqüentemente as novas ideias do PKK influenciaram o movimento curdo na localidade, sobretudo se considerarmos a ideologia, os ensinamentos das táticas de guerrilha (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 107).

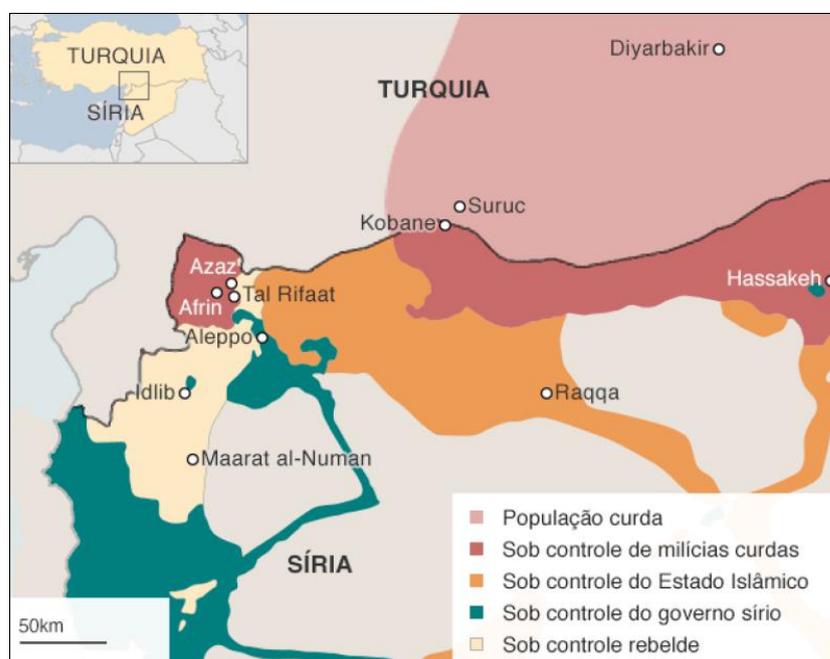
Atualmente, devido a presença do Estado Islâmico na região de Rojava, os guerrilheiros e guerrilheiras curdos da Turquia fornecem apoio ao movimento de libertação curdo em Rojava para que eles resistam ao expansionismo do EI. Com isso, devemos destacar a influência que as guerrilheiras curdas do YJA Star (antigo YAJK) forneceram para as curdas de Rojava, como consequência, no início da Revolução de Rojava muitas guerrilheiras curdas foram à Rojava para auxiliar na Revolução (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 60-61). Em razão da presença das guerrilheiras, sua experiência e ideologia se tornaram base para a criação do YPJ⁶⁷ (Unidade de Defesa da Mulher).

Ainda no contexto do conflito atual, o Estado turco adotou ações militares em suas fronteiras com o Curdistão do sul e em Rojava, tendo intuito de impedir a entrada de migrantes curdos que estão em constante trânsito para se refugiar das atrocidades

⁶⁷ Grupo militar de Rojava para ingresso exclusivo de mulheres.

cometidas pelos terroristas do EI. Além disso, estão realizando bombardeios aéreos tendo como alvo os curdos de Rojava, por esta razão, os guerrilheiros e guerrilheiras denunciam que as ações turcas têm como alvo os curdos para que eles não obtenham sucesso em suas ações. Isto se dá porque a região de fronteira entre a Turquia e Rojava existe a presença majoritária da população curda. Logo, o Estado turco teme novas ações do PKK e que os curdos que moram na parte da Turquia tomem como exemplo Rojava ou do Curdistão do sul e estabeleçam uma área autônoma. Também temem que os curdos de Rojava expandam seu território a parte do Curdistão do norte (Turquia). Para visualizar a população curda na parte do Curdistão do norte (Turquia), temos o mapa a seguir:

Figura 3 – População curda na Turquia



Fonte: BBC (2016). Adaptado pela autora.

Assim, o governo turco prefere que o EI tome o controle da situação e não os curdos, em razão disto, durante a batalha por Kobani, que iremos explicar no próximo capítulo, houve a denúncia que a Turquia estaria auxiliando o EI, permitindo a livre circulação dos terroristas em sua fronteira com a cidade de Kobani. Podemos observar estas ações na reportagem realizada pela emissora estadunidense MSNBC⁶⁸, que enviou seu correspondente ao local e mostrou como estava a situação de Kobani em 2014. Este fato expõe a sabotagem que o Estado turco faz às ações de resistência curda.

⁶⁸ A reportagem mostrou a situação caótica que estava ocorrendo em Kobani em novembro de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UIQIs1f0gRI>. Acesso em 15 de mai. 2017.

2.5.4 Movimento nacionalista e libertação curdo na Síria

Com o fim da I Guerra Mundial, a Síria estava sob administração francesa devido ao acordo de Sykes-Picot, e somente se tornaria um Estado soberano em 1945. Nesse contexto ocorre uma onda de migrantes curdos fugindo da Turquia por conta da política de assimilação de Atatürk e também em razão da repressão gerada com a revolta de Sheikh Said. Devido ao grande número de migrantes na Síria, os administradores franceses permitiram que os curdos morassem na Síria, mas eles somente foram aceitos por conta das habilidades agrícolas que tinham e poderiam desenvolver no território sírio. Em razão disso, os franceses concederam a cidadania síria para os migrantes curdos da Turquia (STOKES, 2009, p. 390) aumentando ainda mais o quantitativo de curdos no país.

Em 1945, a França deixa a região, e o Partido Baath assume o poder. Os baathistas enxergavam os curdos como uma ameaça a unidade do território sírio e iniciam a política de *arabização*, que consistia na migração forçada de curdos para que árabes fossem alocados em suas terras, assim como ocorreu no Iraque. Então, muitos curdos são deportados e expulsos para áreas de deserto ao sul da Síria que antes eram habitadas por outros povos árabes (STOKES, 2009, p. 391).

Outra medida utilizadas pelo governo da Síria para atingir os curdos foi a negação de direitos políticos, não concedendo a cidadania síria para que eles pudessem obter documentos e a proibição do idioma. Assim, proibindo a expressão da cultura curda para excluir de forma institucionalizada a presença dos curdos no país. Com essas medidas o Estado sírio visava suprimir a identidade do povo para que houvesse um processo forçado de assimilação com a cultura árabe. Essas medidas, eram uma tentativa que o governo sírio utilizava para evitar o nascimento de um movimento nacionalista curdo na Síria, visto que não era interessante para os sírios a eclosão de revoltas como as que ocorriam no Iraque, Turquia e Irã.

É importante salientar que essas medidas de assimilação e supressão da cultura e identidade curda foram eficazes até certo período, uma vez que os curdos sírios não se rebelavam quanto os de outras localidades. Além do processo de assimilação devemos considerar que o quantitativo da população curda na Síria não era tão grande quanto nas outras partes do Curdistão e, na época, devido a isso, caso ocorressem revoltas, eles não conseguiriam resistir como nos outros locais.

Para tentar se organizar e reivindicar seus direitos em 1957, os curdos criam o KDPS, Partido Curdo Democrático da Síria (STOKES, 2009, p. 390). Eles passam a organizar-se em partidos como nas outras áreas do Curdistão, pois também tinham o intuito de lutar contra as proibições que o governo sírio impunha aos curdos, como em 1992 quando o Estado sírio proibiu que os pais das crianças curdas batizassem seus filhos com nomes curdos (GUNTER, 2011, p. 23).

No contexto da Guerra Fria, o partido Baath⁶⁹ permitiu que os guerrilheiros do PKK e as guerrilheiras do YAJK se instalarem na Síria, devido a isso ocorre a interação entre os curdos da Síria com os curdos da Turquia. Este fato deu aporte para a modificação da sociedade local, sobretudo quando consideramos a ideologia do grupo. Como consequência, as novas ideias de liberação da mulher como um meio de libertar a sociedade curda influenciou a forma que de organização e posição política do povo (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 45). Por conta da influência que se fez presente ao longo dos anos, a população curda na Síria passou a valorizar mais o papel da mulher na sociedade, em razão disto as mulheres passam a fazer parte da vida pública em todos os setores da sociedade.

A situação curda na Síria apresentou sinais que poderia se modificar com o pronunciamento de Barzani⁷⁰, após a criação da região autônoma do Curdistão do sul, demandando que os direitos deles fossem garantidos de forma pacífica pelo país (GUNTER, 2011, p. 23). Nesse contexto, o governo sírio lança a Declaração para a Mudança Democrática Nacional, cujo os pontos das medidas envolviam uma solução democrática para a questão curda na Síria para garantir a equidade dos cidadãos curdos sírios, quanto aos seus direitos civis, cultura e idioma, contudo o Presidente Bashar Al-Assad não estipulou tempo para implementação dessas medidas (GUNTER, 2011, p. 23).

Devemos explicar que, segundo Knapp; Flach; Ayboga (2016, p. 74), o movimento de libertação curda em Rojava como conhecemos nos dias atuais, começou a se desenvolver muito antes da Revolução atual e surge por conta da interação com o PKK. Isto se dá porque os ativistas do movimento curdo passaram a atuar juntamente com a população, por meio da criação de comitês para ensinar a população local (de

⁶⁹ Segundo Knapp; Flach; Ayboga (2016, p. 45) o partido permitiu a entrada dos guerrilheiros e guerrilheiras na Síria porque tinha intenção de utilizá-los contra a Turquia, visto que era inimigos e no contexto da Guerra Fria eles se encontravam em lados oposto. A Síria era recebia o apoio da URSS, e a Turquia era um membro da OTAN.

⁷⁰ Presidente da região autônoma do Curdistão do Iraque.

forma clandestina) o idioma curdo e os direitos das mulheres. A partir disso, tem-se o aporte para criação do Partido da União Democrática (PYD), fundado em 2003, que teve papel importantíssimo para a Revolução atual, pois o grupo organizou a população local em conselhos populares (que nos dias atuais são instituições de Rojava). Como consequência, o partido garante o apoio da população e, no início da guerra civil da Síria, o PYD juntamente com a população dão os passos iniciais para o início da Revolução.

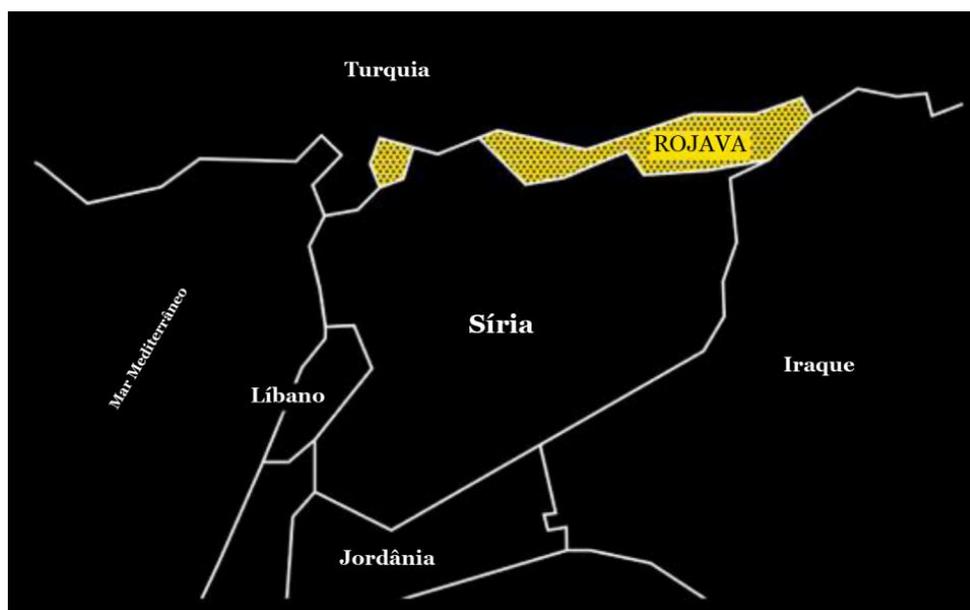
Todavia, a situação dos curdos realmente foi modificada com os desdobramentos da guerra civil da Síria iniciada em 2011. Ainda de acordo com Knapp; Flach; Ayboga (2016, p. 55), em Kobani, os curdos acompanhavam apreensivos os desdobramentos da guerra civil e as consequências para a população das áreas do conflito, pois em diversas cidades batalhas sangrentas estavam sendo travadas entre rebeldes e o regime de Assad. Então, a população de Kobani decide que não iria ocorrer o “banho de sangue” como em outras cidades estava ocorrendo, a partir disso homens e mulheres curdos tomaram as ruas para que, de forma pacífica, os soldados do regime de Assad se retirassem da cidade. Por conta da pressão popular, os soldados do regime se retiram de seus postos, alguns retornaram para suas cidades de origem e outros permaneceram em Kobani porque já viviam na cidade. Devemos destacar que todo esse movimento ocorreu de forma pacífica, e que desde seu início contou com a participação de mulheres.

É importante explicar que, no processo de expulsão dos soldados do regime de Assad, os curdos confiscam as armas dos soldados do regime de Assad com intuito de utilizá-las para a defesa do povo e da Revolução (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 55) e ademais elas foram utilizadas pelos guerrilheiros e guerrilheiras nas batalhas contra o Estado Islâmico, que iremos discorrer no próximo capítulo.

Como fruto da ingerência do Estado sírio e da mobilização popular nasce a Revolução de Rojava⁷¹, e devemos dar ênfase que ela começa em Kobani (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 55). Para visualização de Rojava em 2015, temos o mapa a seguir:

⁷¹ A revolução tem seu início em 2012 e tem sua política baseada no Confederalismo Democrático que explicamos anteriormente, e visa a liberdade de toda a sociedade que vive na área de Rojava, independentemente de sua etnia (visto o grande número de povos que habitam Rojava), gênero e religião, desta forma, prevê que toda a população construa sua realidade de forma pacífica. De acordo com Knapp; Flach; Ayboga (2016), Rojava está dividida em 3 cantões, Efrin, Kobani e Cizire, onde este último é o mais diverso em na questão de etnias encontradas que os outros, o que reforça os preceitos de consistência pacífica que os curdos sempre tiveram com etnias que são minorias na região. Em Ghotbi (2016, p. 5) há um mapa com a divisão dos cantões.

Figura 4 – Mapa de Rojava



Fonte: The New York Times (2015). Traduzido e adaptado pela autora.

Devemos salientar que logo após os curdos terem controle de Rojava, eles formulam um novo contrato social e com isso criam a Constituição de Rojava⁷² que contém as diretrizes para organização do território autônomo e da população. Além disso, foram formados grupos militares curdos para a defesa da Revolução, como o YPG (Unidade de Proteção Popular) e YPJ (Unidade de Defesa das Mulheres).

Ademais, o Estado Islâmico surge e impacta a região, com suas ações terroristas contra a população (sobretudo contra a mulheres e meninas), como sequestros para vendê-las em mercados de escravos, assassinatos em massa, utilização do estupro como arma de guerra, além do genocídio contra minorias religiosas. Como consequência desse fator, mais curdos passam a se organizar militarmente e se voluntariam para atuar com guerrilheiros dos grupos YPG e o pelotão exclusivo para mulheres, o YPJ em que ambos lutam lado a lado para defender os civis e expulsar o EI de suas terras.

No contexto do conflito, é importante destacar o papel fundamental que as mulheres curdas tiveram atuando como guerrilheiras, assim são classificadas como agentes ativas do conflito. Com sua atuação como *players*, as guerrilheiras curdas foram decisórias para a retomada de diversas cidades, entre elas a batalha de Kobani que iremos expor no próximo capítulo. Com isso, além de lutarem contra as barbaridades e a tirania do EI, elas lutam pela garantia dos direitos das mulheres e a igualdade de direitos

⁷² A Constituição de Rojava está disponível em: <http://www.kurdishinstitute.be/charter-of-the-social-contract/>. Acesso em 20 mai. 2017.

entre homens e mulheres, fato que é revolucionário em uma região marcada pelo patriarcalismo.

Observamos que há três eventos ocorrendo de forma paralela em Rojava, a primeira é a autonomia de Rojava por meio da Revolução, a segunda é o conflito com o Estado Islâmico, porém em ambos a presença da mulher curda no setor militar se sobressai pelo fato delas atuarem como *players* em ambos os eventos, e o terceiro é a desconstrução das questões de gênero que são impostas s mulheres, porém iremos abordar esta temática de forma mais aprofundada no próximo capítulo.

Outro ponto que devemos citar é a posição dos EUA quanto ao envio de armamento para auxílio dos curdos da região em sua luta contra o EI, porém esta posição passou a ser duramente criticada pelo governo da Turquia, pois como explicado anteriormente, os turcos temem que a Revolução de Rojava se consolide, expanda e permaneça como uma região autônoma. Como um meio de sabotar o movimento a Turquia estabelece embargo⁷³ contra Rojava, e isto se deve porque há o temor que a balança de poder da região seja modificada e o ressurgimento do movimento de libertação curdo na Turquia com a utilização da luta armada.

Todavia, o General Townsend do Departamento de Defesa dos EUA⁷⁴ declarou à imprensa em uma teleconferência que o receio da Turquia não se sustenta, pois os militares estadunidenses analisaram e conversaram com os guerrilheiros curdos sobre o assunto e os curdos expressaram que não tinham intenções de atacar a Turquia. Assim, os curdos não configuram como ameaça ao Estado turco, pois na verdade os curdos desejam ter uma boa relação. Então, não foram encontradas evidencias que os curdos são ameaça para os turcos, ou que algum ataque contra os turcos tenha partido dos curdos de Rojava pelos últimos dois anos.

Portanto, os curdos estão aproveitando a situação da ingerência do Estado e a presença do EI para fazer consolidar sua autonomia e administração de forma unilateral, tendo como base a cooperação popular prevista no Confederalismo Democrático pregado por Öcalan, democracia, defesa dos direitos humanos, o respeito aos direitos das mulheres e a ecologia. Logo, os curdos de Rojava finalmente têm a oportunidade de

⁷³ Segundo Knapp; Flach; Ayboga (2016, p. 149-150), Turquia e o Curdistão iraquiano estabeleceram embargo contra a região de Rojava logo após a autonomia da região. O embargo somente é quebrado em casos isolados, e então produtos em pequena quantidade são permitidos, porém há a elevação de seus preços. Por conta do embargo os curdos de Rojava têm que produzir seus próprios produtos para poderem suprir suas necessidades e continuar a luta contra o EI e a defesa da Revolução.

⁷⁴ A Teleconferência do Departamento de Defesa dos EUA para a Imprensa pode ser lida na íntegra neste link: <https://www.defense.gov/News/Transcripts/Transcript-View/Article/1099469/department-of-defense-press-briefing-by-gen-townsend-via-teleconference-from-ba/>. Acesso em 07 jun. 2017.

construir sua própria realidade por meio da participação popular e a criação de um novo contrato social e por conta disso, o movimento de libertação curdo se encontra em seu apogeu.

3. AS GUERRILHEIRAS CURDAS E A GUERRA POR TRÊS *FRONTS*: CONTRA AS DISCRIMINAÇÕES DE GÊNERO, CONTRA O ESTADO ISLÂMICO E POR ROJAVA

3.1 Estado Islâmico no Curdistão

O Estado Islâmico (EI)⁷⁵ é um grupo fundamentalista islâmico que realiza uma interpretação deturpada do islamismo sunita e utiliza suas pregações para promover o terror tomando cidades e cometendo barbaridades contra as pessoas que não concordam com o que eles pregam. É importante explicar que os crimes e violações dos direitos humanos que o EI pratica também são cometidos contra pessoas que são islâmicas, e isto faz do povo curdo alvo dos terroristas. A partir disto, há a desconstrução da visão ocidental (que é fruto da invasão dos EUA ao Iraque) que todos os povos do Oriente Médio são árabes e islâmicos (e que somente possuam a identidade islâmica).

Como contraponto dessa visão, temos os curdos, que apesar de serem majoritariamente de religião islâmica, a identidade do povo não está atrelada à religião⁷⁶, visto que eles se atem a sua etnia como foi apresentado no segundo capítulo e que foi confirmado na entrevista (ver anexo) com curdo 01, em que ele afirma que os curdos lutam por sua identidade e não por religião. Este fato reforça a colocação de Sen (2015, p. 75) em que há a possibilidade de existir diferenças no comportamento social de pessoas que compartilham a mesma religião, mesmo quando se trata de um caso que se acredita que a questão está estreitamente ligada à religião. Dessa forma, mesmo se uma pessoa for muçulmana, esta não é automaticamente sua única identidade, visto a pluralidade de influências que um povo possui (SEN, 2015, p. 81).

Evidentemente, é verdade que os chamados terroristas islâmicos têm tentado, repetidamente, ampliar a função da religião para outras esferas [...] É também verdade que os recrutadores para o terrorismo gostariam que os muçulmanos esquecessem que também têm outras identidades e que têm de decidir sobre muitas questões políticas e morais importantes, e assumir responsabilidade por suas decisões, em vez de serem conduzidos pela promoção dos recrutadores baseados em sua interpretação incomum do islamismo (SEN, 2015, p. 94)

Quanto às razões para o surgimento o EI primeiramente devemos abordar a presença das tropas estadunidenses com a invasão do Iraque em 2003 e o

⁷⁵ Na literatura, o grupo terroristas possui diversas nomenclaturas, entre elas estão EI, ISIS, ISIL, Daesh.

⁷⁶ Devemos enfatizar que os yazidi podem ser classificados com uma exceção deste pensamento, pois por mais que eles também sejam curdos, os yazidi têm sua identificação atrelada à sua religião.

estabelecimento da “Guerra ao Terror”⁷⁷ e os desdobramentos deste evento. Também devemos considerar a guerra civil da Síria e o grupo terrorista Al Qaeda⁷⁸.

Outro fator atenuante para o surgimento do EI foi causado pelo governo do partido Baath em ambos os países, pois foram realizadas políticas violentas contra os curdos e parte da população árabe. Como consequência, surge o ressentimento da população atingida por conta da opressão e também houve o aumento do nível de pobreza e da concentração de renda nos países (COCKBURN, 2015, p. 55-56). Analisando estes fatos, eles são as causas para as inquietações populares que foram postas nas reivindicações na Primavera Árabe.

Áreas de incidência de conflitos étnicos e religiosos vivem em estado de tensão latente e geram com notável facilidade um ambiente fecundo à proliferação da guerra irregular. Lutas tribais, disputas interétnicas ou de motivação religiosa são particularmente violentas, pois têm a capacidade de inflamar as paixões das massas e agregar extraordinária brutalidade às práticas militares. As populações desses territórios, normalmente, nutrem o ressentimento mútuo por meio do culto à lembrança de grandes massacres contra civis inocentes (VISACRO, 2009, p. 233-234).

Com a combinação desses fatores é criado um ambiente propício para o fundamentalismo religioso e a expansão do EI. Desta forma, o EI é um fruto da guerra, e seus membros desejam moldar o mundo de forma autoritária a partir dos exemplos opressores e violentos que eles tiveram na região, como é abordado por Cockburn (2015, p. 15): “ISIS is the child of war. Its members seek to reshape the world around them by acts of violence. The movement’s toxic but potent mix of extreme religious beliefs and military skill is the outcome of the war in Iraq since the US invasion of 2003 and the war in Syria since 2011.”⁷⁹

Quanto à expansão do EI é importante considerar o que foi exposto acima quando explicamos a opressão de parte da população do Iraque e Síria por seus governos, pois essas pessoas se tornaram potenciais apoiadores de regimes ou de grupos que se opunham as políticas do governo, mesmo que se tratasse de um grupo terrorista, como ocorreu com o advento do EI, uma vez que o grupo terrorista teve e ainda tem o apoio de parte da população (COCKBURN, 2015, p. 17). E para o êxito inicial das

⁷⁷ A Guerra ao Terror teve seu início após os ataques de 11 de setembro de 2001 contra os EUA. A campanha ocorreu durante o governo Bush e causou a invasão do Iraque em 2003 e se estendeu até o ano de 2011.

⁷⁸ Grupo terroristas fundado por Osama Bin Laden e uma das influências para o surgimento do EI, pois o EI tem seu início como um braço da Al Qaeda no Iraque (COCKBURN, 2015).

⁷⁹ O Estado Islâmico é o filho da guerra. Seus membros buscam remodelar o mundo a sua volta por atos de violência. O movimento é tóxico, porém é um misto do fundamentalismo religioso e conhecimento militar que estão ligados a guerra do Iraque que vem de 2003 com a invasão dos EUA e da Guerra da Síria desde 2011 (Tradução livre).

ações do grupo, os *ihadistas*⁸⁰ aproveitaram o apoio popular e impulsionam suas investidas militares nas cidades estratégicas da região. Além disso, devemos citar que parte da população árabe tem receio de sofrer retaliações, ou serem mortos pelos terroristas do EI, e este também é um dos fatores para parte dos árabes apoiarem os *ihadistas*. Todavia, caso os terroristas sejam derrotados por forças opositoras ao EI, estas pessoas vão deixar de apoiar os *ihadistas* em detrimento do novo grupo, assim, elas acabam apoiando o grupo que estiver mais forte no momento (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 37).

Nesse contexto, o EI surge e autoproclama seu califado abrangendo a região do Curdistão ocidental (Síria – Rojava), e o Curdistão do sul (Iraque). O grupo terrorista inicia seu processo de expansão para conquistar territórios, com a prática de ações violentas nas cidades que conquista. Além de atacarem a cidade com intuito de destruir, eles massacram a população que não os apoiam e que não aceita se converter (ao que os terroristas entendem ser o Islã).

Outra característica de sua ação é a prática de assassinatos em massa de homens em idade militar que não ingressam ou juram lealdade ao EI, além do sequestro de meninos para que eles sirvam de homens bomba (BUARQUE, 2016, p. 50). A partir disso, devemos analisar que em sua maioria, os homens recebem treinamento militar no Oriente Médio. Então, a atuação dos *ihadistas* visa eliminar os alvos que eles enxergam como forma de resistência de um povo para facilitar a tomada das cidades e a perpetuação de suas barbaridades contra a parte da população que não tem conhecimentos de defesa, uma vez que são vistos como vulneráveis (sendo classificados como o elo mais frágil do conflito). Entre as práticas está o estupro como arma de guerra contra mulheres e meninas para vendê-las como escravas sexuais nos mercados de escravos. Logo, o EI promove genocídio nas cidades que invade.

Outro alvo do EI são os grupos étnicos e religiosos que sempre foram perseguidos no Oriente Médio, mas que nunca ganharam as manchetes dos noticiários, como os yazidi de Sinjar e cristãos caldeus de Mossul, devido a isso, eles estão sofrendo grandes impactos por conta das ações cruéis feitas pelos terroristas (COCKBURN, 2015, p. 59).

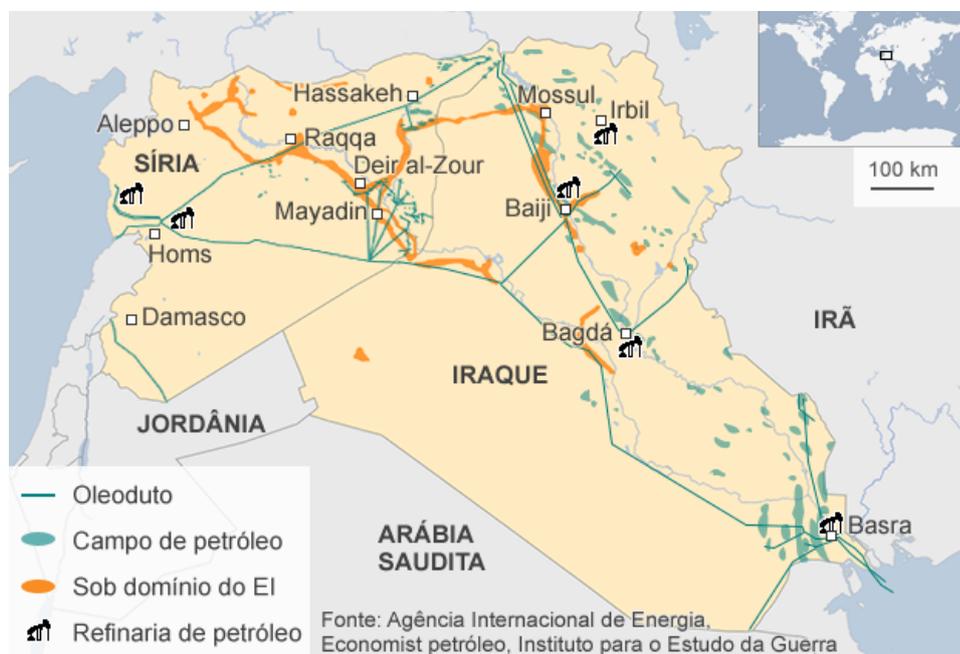
É importante salientar que os terroristas atuam por meios terrestres e utilizam táticas de guerrilha em suas ações no local, visto o tipo geográfico e por não possuírem

⁸⁰ Fundamentalistas islâmicos que promovem o terror.

aviões. Outra forma de atuação do EI é pela Internet, seja para convocação de mais soldados terroristas, ou para disseminação de vídeos de ações praticadas pelo grupo.

Devemos destacar que os terroristas do EI visam muitas cidades curdas (no Iraque e na Síria) justamente por conta dos poços de petróleo que elas possuem, além das reservas de gás (COCKBURN, 2015, p. 21) já que o grupo toma as cidades produtoras e vendedoras de minerais como forma de financiamento de suas ações. Podemos observar no mapa a seguir, a presença do EI em locais onde há importantes poços de petróleo:

Figura 5 – Campos de petróleo na região da Síria, Iraque



Fonte: BBC (2014).

É importante destacar que o expansionismo feito pelo EI inicialmente estava intensificado justamente devido ao financiamento por meio do petróleo, mas o grupo perdeu força em razão do corte no fornecimento do bem por conta dos bombardeios aéreos realizados pela coalizão internacional liderada pelos EUA e pela Rússia, tendo como alvo o maquinário de extração e refino do petróleo como iremos explicar ademais. Além disso, há outra forma de financiamento dos *jihadistas*, pois ao tomar as cidades eles cobram impostos aos comerciantes, chegando a levantar a quantia de quase 8 milhões de dólares em um mês, porém caso o comerciante não aceitasse pagar, o estabelecimento é atacado (COCKBURN, 2015, p. 28).

3.2 O conflito: as guerrilheiras curdas como *players*

O Estado Islâmico inicia seu processo de expansão para consolidar o califado, e, como as cidades curdas estão na área do califado, elas passaram a ser alvo do expansionismo dos *jihadistas*, como a cidade de Kobani, Mossul, Sinjar, Raqqa, Erbil, entre outras.

Com a invasão das cidades no Curdistão, os curdos passam a ingressar nos grupos militares de suas regiões para retomar suas cidades e defender a população das atrocidades propagadas pelo EI. Deve-se destacar que, por conta dos recorrentes ataques às cidades curdas, está ocorrendo novamente a perseguição do grupo étnico-religioso curdo, os yazidis⁸¹. Eles são vistos pelo Estado Islâmico como praticantes de uma religião imprópria, sendo assim são adoradores do diabo, como foi explicado no capítulo anterior. Por conta desta perseguição, as Nações Unidas afirmaram que está ocorrendo um genocídio contra os membros do grupo étnico religioso.

Em 2014, os terroristas do EI se aproximaram da cidade de Sinjar⁸², onde haviam aproximadamente 350 mil yazidis. É importante citar que o governo do Curdistão do sul (KRG), liderado por Barzani, assegurou que o *Peshmerga* iria proteger os yazidis, e de fato foram enviados, mas quando os terroristas do EI invadiram o local, os *Peshmergas* recuaram, deixando os yazidi desprotegidos (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 120), o que causou a morte de muitos deles, além da destruição de sua cultura.

Devido a invasão e ao massacre, parte dos yazidi fugiu para as partes mais altas das montanhas de Sinjar para não serem massacrados, mas ficaram encurralados e, por conta disso, há uma estimativa que mais de 10 mil yazidis perderam suas vidas (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 173). Para evitar que eles fossem de fato exterminados, o YPG e YPJ atuaram e liberaram a população que tinha sido encurralada (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 174).

É importante ressaltar que os terroristas do EI utilizaram o estupro como arma de guerra durante os ataques visando atingir as sociedades do Oriente Médio. Uma vez que

⁸¹ No ano de 2014 a Anistia Internacional publicou o dossiê nomeado “**Ehnic Cleansing on a Historic Scale: Islamic State’s Systematic Targeting of Minorities in Northern Iraq**”, onde é descrito em detalhes e depoimentos o massacre contra os yazidis.

⁸² Área montanhosa ao norte do Curdistão do sul (Iraque) e faz fronteira com Rojava. Também conhecida como Sengal, Shingal e Shengal.

a região tem como pilar o patriarcalismo, em que o estupro de uma mulher implica na perda da honra de sua família e também significa que a figura masculina líder da família não cumpriu seu papel de proteção do núcleo familiar (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 70). Como ocorreu com as mulheres e meninas yazidi que, após serem capturadas, foram sumariamente estupradas e vendidas como escravas sexuais. Assim, os terroristas utilizam (visto que ainda há mulheres e meninas em cativeiro para este fim) o estupro como arma de guerra visando atingir a parte da população que é vista como vulnerável.

(...) the intensification of sexual violence against women in ethnic conflict has multiple meanings. It means, as we have come to understand through the work of many feminist scholars, that the culture is being attacked through the symbol of its strength—its women (HALE, 2010, p. 112).⁸³

Destacamos que a prática do estupro como arma não é novidade em cenários de guerra. Esse fenômeno ocorre porque a maior parte das mulheres é privada ao acesso de mecanismos de defesa. Como consequência, elas tornam-se alvos primários quando tratamos de violações sexuais e escravidão sexual em contextos de conflito ou não. Para ilustrar isto, podemos lembrar e comparar as ações atuais com o que ocorreu no conflito na antiga Iugoslávia durante os anos 1990, onde o estupro foi utilizado como arma de guerra e com pretensões de realização de uma limpeza étnica na população. Como é observado abaixo:

Sexual slavery was also a prominent form of sexual violence in the conflict in the former Yugoslavia in the early 1990s. According to a European Union investigation, approximately 20,000 girls and women suffered rape in 1992 in Bosnia-Herzegovina (WOOD, 2010, p. 127).⁸⁴

Em razão da ocorrência destes ataques, as mulheres curdas, organizam-se para combater diretamente os *jihadistas* e evitar que mais ações como essas sejam praticadas contra outras mulheres e meninas. Dessa forma, com a finalidade de ajudar as vítimas da guerra e para não se tornar uma das vítimas, as mulheres passaram a ingressar cada vez mais aos grupos militares e receber treinamento militar para sua defesa e dos civis, o que causou um aumento significativo do contingente de guerrilheiras no conflito.

No contexto do massacre contra os yazidi, os EUA envolvem-se diretamente no conflito (COCKBURN, 2015, p. 23) e por conta das vitórias que o EI estava obtendo, é

⁸³ (...) a intensificação da violência sexual contra as mulheres em conflitos étnicos tem múltiplos significados. Isso significa que, analisando os estudos feministas, que a cultura está sendo atacada através do símbolo de sua força - suas mulheres (Tradução livre).

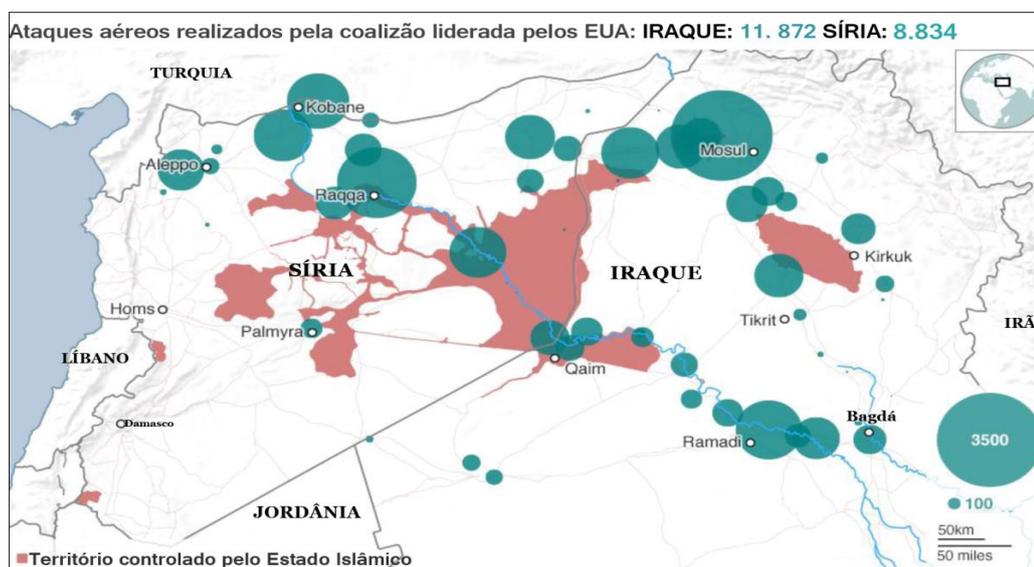
⁸⁴ A escravidão sexual também foi uma forma proeminente de violência sexual no conflito na ex-Iugoslávia no início da década de 1990. De acordo com uma investigação da União Europeia, cerca de 20 000 garotas e mulheres sofreram estupro em 1992 apenas na Bósnia-Herzegovina (Tradução livre).

formada a coalizão internacional⁸⁵ para o embate por via aérea dos terroristas. Fato que modifica o conflito que até então estava favorável ao EI.

Nos dias atuais, a coalizão internacional liderada pelos EUA continua realizando ataques aéreos. É notável a intensificação dos bombardeios e as consequências deles tanto para diminuição do poderio dos terroristas, pois segundo o Observatório Sírio de Direitos Humanos (OSDH), no segundo ano da coalizão, 5.357 terroristas do EI morreram devido aos ataques. Ainda de acordo com Observatório Sírio de Direitos Humanos (OSDH)⁸⁶, os ataques também causaram a morte de 611 civis.

Podemos observar a situação dos ataques aéreos do início de suas atividades até 31 de maio de 2017 no mapa a seguir:

Figura 6 – Ataques aéreos contra o EI até 13 de maio de 2017



Fonte: BBC (2017). Traduzido e adaptado pela autora.

Ainda no contexto de alianças formadas para o embate do EI, os EUA observaram que fazer uma aliança com o KRG para a atuação do *Peshmerga* seria positivo, pois os estadunidenses enxergavam que o grupo militar era superior ao exército iraquiano (COCKBURN, 2015, p. 11). Porém, de acordo com o que foi apresentado anteriormente sobre o *Peshmerga*, acrescido aos relatos colhidos pela Anistia Internacional (2014, p. 5), em que yazidis sobreviventes afirmaram que esta força militar curda se retirou do conflito no momento mais delicado do massacre,

⁸⁵ A Coalizão Internacional é formada em 26 de setembro de 2014 por Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha, França, Canadá, Austrália, Turquia, Itália, Polônia e Dinamarca.

⁸⁶ Disponível em: <http://www.syria.ohchr.org/en/?p=51006>. Acesso em 14 abr. 2017.

mostra que a análise dos EUA não teria embasamento se seu fim era a proteção dos yazidis.

Com o tempo, a coalização apresentou enfraquecimento por conta das diferentes agendas que os países tinham, como podemos observar no posicionamento da Turquia, que é um dos membros da coalizão, em relação aos curdos. Visto que o Estado turco não deseja que os curdos tenham sucesso em suas ações. Logo, os turcos estão sabotando os curdos de Rojava, pois para a Turquia o movimento nacionalista/ de libertação curdo está se fortalecendo cada vez mais, como explicamos anteriormente (COCKBURN, 2015, p. 60).

Ainda no contexto da batalha de Sinjar, as investidas contra os terroristas continuaram e, por conta da atuação dos grupos militares curdos via terrestre (YPG, YPJ, *Peshmerga*, PKK e de forças militares yazidi), em novembro de 2015, Sinjar foi retomada do EI (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 174). Além disso, devemos destacar que muitas mulheres que foram liberadas do cárcere, ou as que conseguiram fugir, ingressaram ao YPJ como guerrilheiras para libertar mais mulheres e meninas yazidi que continuam sofrendo as atrocidades praticadas pelos terroristas. Visto que há uma estimativa de 1500 mulheres e meninas que ainda são prisioneiras do EI, essas mulheres desejam se vingar pelo genocídio de seu povo (BUARQUE, 2016, p. 44).

Além da batalha de Sinjar, ocorreu a batalha mais importante quando consideramos a atuação de guerrilheiras curdas, que foi a batalha de Kobani.

Kobani é uma cidade que está localizada no Curdistão ocidental (Rojava – Síria), e faz fronteira com a Turquia. Devido a presença dos terroristas, durante um período eles conseguiram tomar parte da cidade. Por conta das atrocidades cometidas pelo EI, os habitantes da cidade tinham duas opções para salvar suas vidas, ou permaneciam na cidade para resistir através do ingresso ao YPG e YPJ, ou fugiram a procura de refúgio em outro lugar.

No âmbito da batalha, as guerrilheiras curdas carregavam consigo o que elas chamam de “bala da honra”, para que tirassem suas próprias vidas, pois elas preferiam o suicídio a serem capturadas pelo EI. Como exemplo, temos o caso da guerrilheira curda Arin Mirkan, que foi cercada por terroristas do EI, e por estar de posse de explosivos, preferiu retirar sua vida se explodindo do que ser capturada pelo EI (COCKBURN, 2015, p. 59).

No período da intensificação dos ataques em Kobani, a população não possuía armamento suficiente para lutar, culminando na morte de milhares de combatentes

curdos e civis. Segundo o Observatório Sírio para Direitos Humanos (OSDH), aproximadamente 300 mil pessoas conseguiram fugir, das quais mais de 200.000 pessoas fugiram em direção à fronteira com a Turquia. Contudo, a Turquia adotou ações de sabotagem aos guerrilheiros curdos, pois permitem que o EI transitem livremente entre Kobani e a fronteira turca, além dos bombardeios que os turcos estão realizando nas áreas onde os guerrilheiros curdos estão (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 114).

Na época, a ONU declarou que temia a ocorrência de um massacre em Kobani, pois milhares de civis estavam sitiados na cidade. Em um relatório publicado, um observador da ONU em Kobani afirmou que devido ao avanço do EI na cidade, havia o risco de massacre da população caso a Kobani fosse completamente tomada. No relatório, o representante da ONU afirmou que vários civis ainda estavam na cidade, além dos que estavam na área de fronteira com a Turquia. Devido ao possível desfecho, a situação foi comparada com o massacre na Bósnia nos anos 1990. Todavia, segundo Ghotbi (2016, p. 13) a ONU nunca enviou ajuda humanitária para o local, porque Kobani faz parte da região autônoma de Rojava e a ONU só auxilia Estados. Assim, só existiam dois cenários possíveis para Kobani, ou ocorreria um massacre caso a cidade fosse tomada, ou ocorreria uma vitória heroica dos curdos que estavam resistindo às investidas dos *ihadistas*.

No contexto do conflito, considerando a atuação das guerrilheiras, muitas mulheres curdas permaneceram na cidade para defender sua terra. Para este fim, elas se tornaram voluntárias para ingressar no YPJ (Unidade de Defesa das Mulheres), visando receber treinamento militar para garantir sua defesa, dos civis e do território. Em razão disso, há a estimativa que 80% do contingente de guerrilheiros que atuava em Kobani era formado por mulheres.

This may be the first time in history that women have played such an active role in organizing a revolution. They fight on the fronts, they serve as commanders, and they participate in production. There's no place in Rojava where women are not to be seen. They're everywhere and part of everything." (SARI 2013 *apud* KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 59).⁸⁷

⁸⁷ Esta pode ser provavelmente a primeira vez na história que mulheres atuaram de forma ativa na organização de uma revolução. Elas lutam nos fronts, elas servem como Comandantes, e participam na produção. Desta forma, não existe lugar em Rojava onde as mulheres não são vistas. Elas estão em todas as partes e são partes de tudo (Tradução livre).

Considerando a atuação das guerrilheiras curdas na batalha por Kobani, é importante destacar que ela ocorreu de forma revolucionária e deixou impactos que vão ficar marcados na história. Por conta desta atuação, o grupo de guerrilheiras tem o lema de que sua luta e força devem ser lembradas pelos inimigos, para que elas sejam temidas e mais mulheres não sofram com as ações que os terroristas fizeram. Logo, elas desejam viver para sempre na memória dos inimigos e no coração do povo que elas libertam. Todavia, devemos observar que a batalha foi sangrenta, e diversas guerrilheiras foram mortas em combate, porém cada integrante do YPJ assassinada, se tornava mártir do conflito, a partir disso, as guerrilheiras vivas também atuam para garantir que a luta das que morreram em combate não seja em vão.

Cabe salientar que, no momento mais difícil, a batalha por Kobani, os EUA auxiliaram com o envio de armas e medicamentos (além dos bombardeios por via aérea contra o EI), pois o material bélico que o YPG e YPJ possuíam era muito limitado, chegando ao ponto dos grupos fabricarem tanques de forma artesanal e improvisar munições. Devido a isso, o controle do EI na cidade de Kobani que era de 50%, foi reduzido de forma considerável. Assim, a atuação em conjunto foi essencial para expulsar o EI do local. Vale citar que em maio de 2017 os EUA anunciaram que iriam enviar mais armamentos para os curdos.

Kobani foi retomada em janeiro de 2015, e a atuação decisiva das guerrilheiras curdas foi o marco do conflito (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 25), isto se dá porque as guerrilheiras curdas estavam presentes em toda a batalha, como agentes ativas do conflito, contrariando a ideia de que a mulher não é forte o suficiente para lutar de forma armada devido à construção da imagem de frágeis que foi atribuída a mulher, sendo classificada como “sexo frágil”. Além disso, sua presença como *player* do conflito vai de encontro com os preceitos que o setor securitário é um local exclusivo para homens e que prega que uma mulher não pode ser uma agente que promove a segurança, pois é vulnerável e deve ser protegida. Assim, no âmbito do conflito contra o EI, a luta delas é dupla, pois além do embate aos terroristas, elas enfrentam e derrotam os preceitos sexistas de feminilidade e garantem voz ativa em sua sociedade.

Mesmo com a retomada de diversas cidades, os terroristas do EI avançaram contra cidades curdas, como em Raqqa e Mossul.

Logo no início da invasão de Mossul, os terroristas iniciaram os ataques contra a população local, sobretudo contra as esposas e filhas de oficiais do exército iraquiano (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 70). Analisando a invasão de Mossul, devemos

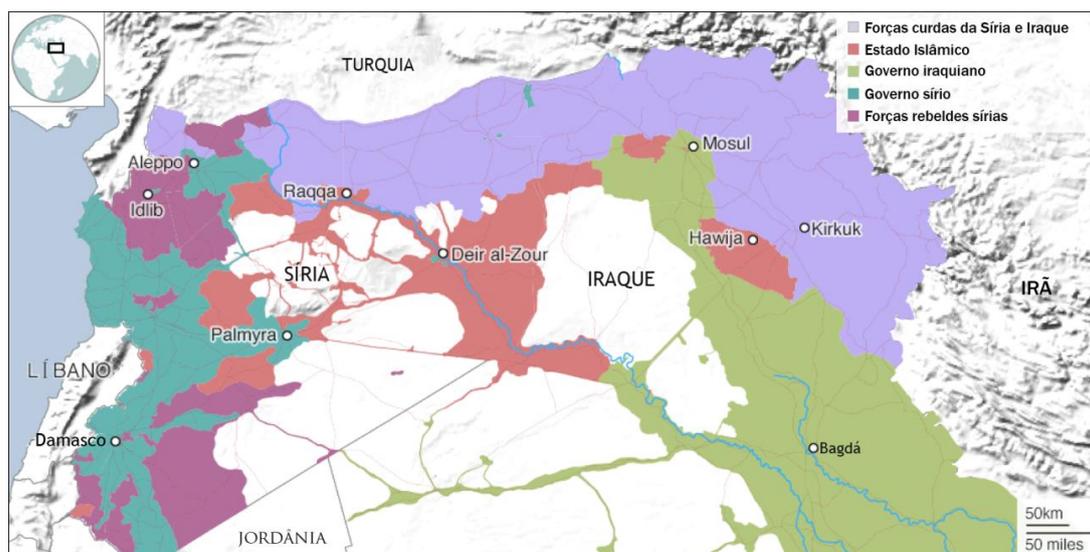
considerar que a cidade possui poços de petróleo (ver na Figura 3). Por ser uma cidade estratégica, foi nomeada de capital do EI no Iraque.

Em 2016, o EI percebe que está perdendo a batalha e parte dos terroristas foge de Mossul pela fronteira com a Síria e invade Raqqa (cidade rica em petróleo e gás). Esta ação torna-se um indicativo da perda de força do EI. Contudo, o grupo terrorista ainda controla uma parte de Mossul. Além disso, é importante explicarmos que a batalha conta com diversos atores lutando contra os *jihadistas*, como o exército iraquiano, a coalizão internacional e os guerrilheiros do *Peshmerga*. Quanto aos *Peshmerga*, até os dias atuais, a autora não identificou a presença de guerrilheiras em Mossul, devido a isso não iremos nos estender nesta batalha. Todavia, devemos lembrar que de acordo com a entrevista que curdo 01 (ver em anexo) concedeu, ele afirma que há entre 10 e 12 mil mulheres como guerrilheiras do *Peshmerga*.

Antes de iniciarmos a explicação sobre a Operação para liberação de Raqqa que conta com a atuação decisiva das guerrilheiras curdas, devemos analisar a razão para as ações militares em Mossul e Raqqa que tiveram intensificação de 2016 até os dias atuais e que estão sendo realizadas de forma simultânea. Este fator se desenvolve porque Mossul e Raqqa foram denominadas como capitais do califado do EI, com isso, a atuação simultânea visa evitar o que ocorreu com o início da operação em Mossul ocorra novamente, visto que os terroristas se evadiram de Mossul para Raqqa e outras localidades. Então, analisando ambas as operações, elas buscam cercar os terroristas para que eles sejam encurralados em ambos locais, para que ocorra a liberalização das cidades e o EI perca mais territórios.

Podemos analisar a situação do conflito por meio do mapa a seguir, onde diversos atores estão atuando contra o EI, porém devemos focar na presença dos curdos.

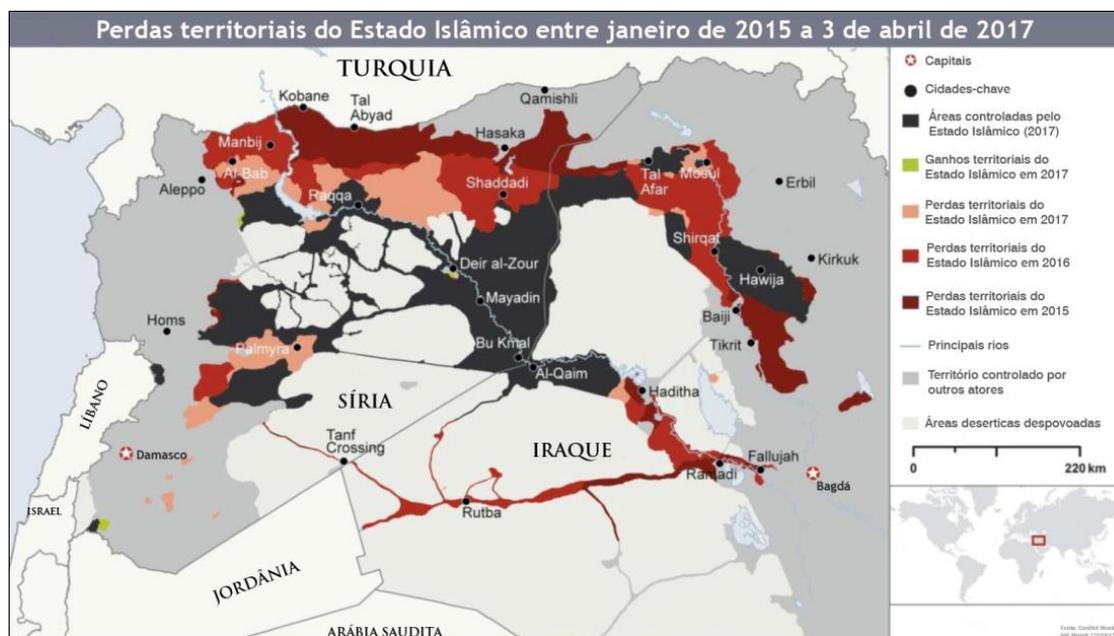
Figura 7 – Situação da geopolítica do conflito até 15 de maio de 2017



Fonte: BBC (2017). Traduzido e adaptado pela autora.

Por conta do embate por diversos *fronts* que o EI está sofrendo, o grupo apresenta uma considerável perda territorial e de membros⁸⁸, como podemos observar no mapa abaixo, onde são expostos os ganhos e perdas territoriais do EI no âmbito do conflito entre 2015 e abril de 2017:

Figura 8 – Perdas territoriais do EI de janeiro de 2015 até 3 de abril de 2017



Fonte: IHS (2017). Traduzido e adaptado pela autora.

⁸⁸ Segundo Gutiérrez (2015), em 2015, os EUA calculou que o EI possuía 31 mil membros, sendo 25 mil estrangeiros, incluindo 4500 ocidentais. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/09/internacional/1439132728_703778.html. Acesso em: 11 jun. 2017.

A cidade de Raqqa foi invadida em 2013 pelos terroristas do EI e foi declarada como capital do grupo na Síria, assim como ocorreu com Mossul no Iraque.

Logo após a invasão, os terroristas iniciam seu domínio sob o terror. Para aniquilar os terroristas foi lançada a operação nomeada de Fúria de Eufrates para liberação de Raqqa tendo início em 6 de novembro de 2016. Para a liberalização de Raqqa, foi proposta uma aliança do YPJ e YPG com as Forças Democráticas da Síria (FDS)⁸⁹. Também está ocorrendo a libertação de Tabqa⁹⁰, onde na data que este trabalho é escrito (06/06/2017), as guerrilheiras curdas lutam para liberar a cidade.⁹¹

Além disso, existe a presença direta dos EUA coordenando as investidas juntamente com as FDS, além da participação da Turquia, para garantir que os curdos não tomem controle da situação e consolidem ainda mais seu poderio na região.

Considerando a forte presença dos EUA, devemos lembrar o histórico do apoio que o país concede a grupos específicos quando ocorrem conflitos, pois analisando os eventos passados, os EUA sempre usam determinados grupos para um objetivo maior e que normalmente está ligado a exploração de recursos minerais como petróleo. Desta forma, os curdos podem ser usados como meio de acesso a recursos, e também devemos considerar que eles podem estar sendo utilizados como barreira humana para evitar o expansionismo do EI.

Quanto à atuação das guerrilheiras curdas do YPJ, devemos explicar que elas atuam como *player* do conflito, para acabar com o mercado de escravos onde eles ainda mantêm mulheres e meninas como escravas sexuais e visam eliminar os terroristas. Devemos destacar que, de acordo com o *site* libanês Al-Mashareq, a operação Fúria de Eufrates conta com a participação de 10 mil guerrilheiras do YPJ, além de mais guerrilheiras estarem em treinamento para atuar em outras fases da operação.

Entretanto, é importante explicar que muitos números divulgados sobre os contingentes dos grupos militares, YPJ e YPG, podem não ser compatíveis. Visto que os números não são amplamente divulgados para não comprometer a atuação dos grupos, pois se considerarmos a disseminação de informações na internet, o inimigo

⁸⁹ Segundo a agência de comunicação Sputnik News (2016), as SDF são uma aliança multiétnica formada por curdos, árabes, assírios, armênios, turcomenos e circassianos, mas a liderança do grupo é dos grupos militares curdos. Disponível em: https://br.sputniknews.com/oriente_medio_africa/201611076743283-ofensiva-raqqa-operacao-sdf-eufrates/. Acesso em 01 jun. 2017.

⁹⁰ Tabqa localiza-se nos arredores de Raqqa e tinha sido tomada pelos *jihadistas*. Vale citar que nesta cidade se encontra um dos maiores reservatórios de água da Síria.

⁹¹ No perfil da rede social Facebook é encontrado um perfil nomeado de “Kurdish Female Fighters/YPJ” que publica fotografias e vídeos das guerrilheiras curdas em sua atuação para a libertação das cidades.

teria livre acesso à elas. Para chegar neste embasamento, foi utilizada a publicação do Departamento de Defesa dos EUA quando houve uma reunião para discutir a operação Fúria de Eufrates, como foi exposto anteriormente, em que os números de guerrilheiros em ambos os grupos curdos foram omitidos por questões de segredo militar, todavia, o contingente de militares de outros grupos foi discutido na mesma reunião.

Quanto às perdas em batalhas que os grupos militares curdos de Rojava sofreram, segundo curdo 01 (ver entrevista em anexo), o YPG perdeu 3 mil guerrilheiros e o YPJ 800 guerrilheiras nas batalhas contra o EI. Como tinha sido exposto anteriormente, curdo 01 afirmou que o *Peshmerga*, perdeu 2 mil guerrilheiros. Em relação ao *Peshmerga*, curdo 01 não especificou a quantidade de homens ou mulheres, considerando que ele afirmou que existem entre 10 e 12 mil guerrilheiras no *Peshmerga* atuando no conflito atual.

No contexto do conflito, as guerrilheiras curdas têm consciência dos sacrifícios que devem fazer para obter êxito nas operações. Como podemos observar no distanciamento das guerrilheiras curdas e suas famílias, visto que a libertação das obrigações dos assuntos matrimoniais e maternos também é um meio de liberação da mulher na sociedade porque a estrutura familiar ainda está aportada na cultura patriarcal que oprime a mulher, como explicamos no primeiro capítulo.

Com a atuação das guerrilheiras curdas como agentes ativas do conflito, elas deixam de ser somente um membro da família para ser um membro do movimento de libertação curdo, garantindo sua autonomia e liberdade. Desta forma, elas lutam para proteger os civis e o território até o fim da guerra. Para garantir que todas as vidas ceifadas pelo EI sejam vingadas, sobretudo das mulheres e meninas que foram estupradas, assassinadas, vendidas como escravas sexuais, ou as que foram obrigadas a se casar com os terroristas. Ao mesmo tempo, elas estão lutando contra a cultura patriarcal que um dia as aprisoou, e estão desconstruindo as discriminações de gênero e estão concedendo uma nova roupagem ao setor militar.

3.3 As guerrilheiras curdas: a mulher como agente ativo da guerra

Devido ao atual conflito e às ações realizadas pelo Estado Islâmico, o ingresso de mulheres nos grupos militares de guerrilha curdos desenvolve-se de forma diferente, sobretudo quando consideramos o YPJ. A nova configuração do massivo ingresso de mulheres no setor militar é uma consequência direta das barbaridades que os terroristas do EI fazem contra as mulheres, sobretudo as curdas e as do grupo étnico-religioso curdo, as yazidis. As guerrilheiras curdas buscam sua defesa e do povo, vingança pelas vítimas do EI, e também buscam liberar toda mulher que se encontra em situação de opressão.

Todavia, devemos lembrar que, a presença da mulher curda no setor militar, como guerrilheira, é anterior a existência do EI, pois ocorre no âmbito do movimento de libertação curdo. Desta forma, inicialmente a guerrilheira curda ingressa por questões socioculturais, como explicamos no segundo capítulo. Posteriormente, com o advento do EI, existe mulheres que ingressam ao YPJ como forma de sobrevivência. Considerando estes fatores, o ingresso da mulher como guerrilheira é caracterizado por ambas as situações, pois a guerrilheira garante seu espaço na sociedade e aprende a se defender contra qualquer tipo de ameaça e com sua participação ela assegura a defesa dos direitos das mulheres.

Assim, é devido a sua participação como guerrilheira, que a curda se liberta dos mecanismos de opressão social que explicamos no primeiro capítulo, como a violência doméstica, social e a naturalização da opressão que o Estado faz a mulher. Estes fatos impactam diretamente a base da cultura patriarcal que as sociedades do Oriente Médio possuem, assim, muitas mulheres observam nos grupos militares curdos uma forma de garantir autonomia perante a sociedade, em razão disso, elas ingressam ao YPJ.

A partir disso, é importante explicar que este trabalho trata sobre as guerrilheiras curdas, porém, mesmo no âmbito de grupos militares curdos como o YPJ, há mulheres de outras etnias, embora sua maioria seja formada por curdas. Isto se dá porque o grupo tem sua ideologia baseada na defesa dos direitos das mulheres e por isso ser curda não é um requisito para ingressar no grupo, visto que é um espaço aberto a qualquer mulher que deseja se libertar da opressão que sofre por conta da cultura patriarcal.

Devido a expansão do EI, após os constantes ataques realizados contra as vilas e cidades curdas, gerou a necessidade de aumentar o quantitativo de soldados curdos nas linhas para o *front* de batalha. Assim, o ingresso de mulheres tem se ampliado.

Por conta deste episódio, as mulheres curdas estão ganhando um papel de destaque, pois, além de atuarem incisivamente para defesa do território, elas contam com um elemento particular: os *jihadistas* que fazem parte do Estado Islâmico (EI) temem ser abatidos por guerrilheiras curdas, uma vez que eles acreditam que, caso um homem integrante do EI seja morto por uma mulher, ele não vai para o paraíso após sua morte. Esta promessa que os terroristas do Estado Islâmico pregam é fruto de uma interpretação de um segmento da religião islâmica que eles seguem.

Jihadists believe that if they are killed, they go directly to Paradise. “Each of them,” YPJ commander Rûken Jîrik told us, “wears a key to paradise around his neck, and a spoon on his belt in order to eat with Muhammad. [...] “they have no fear of death, as they think they are going to Paradise.” But “if they’re killed by a woman, they think they won’t go to Paradise,” Melsa told us. “They’re afraid of women,” said another fighter. “When we fight, we trill loudly, so they’ll be sure to hear our voices.” (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 112).⁹²

Considerando o temor dos terroristas em serem abatidos por mulheres, é importante destacar que nos *fronts* de batalha as guerrilheiras cantam e falam alto para que os terroristas saibam que são elas que estão lutando. Isso parte do princípio que os *jihadistas* esperam lutar diretamente contra homens, visto que eles pregam a submissão das mulheres. Logo, segundo a ótica dos terroristas, uma mulher jamais deveria estar fora de sua casa e nunca deveria estar lutando com homens e contra homens, pois para eles, a mulher pertence ao homem. Então, quando os terroristas percebem que vão lutar contra mulheres eles ficam com medo de serem mortos por elas, pois temem não ir para o paraíso se forem mortos por uma mulher. Então, as guerrilheiras curdas atuam utilizando o fator gênero como arma do conflito para desestabilizar o inimigo.

Todavia, devemos citar que há guerrilheiras que não acreditam que os terroristas temem ser abatidos por mulheres, porque, mesmo sabendo que a luta será contra elas, os terroristas enviam um número superior de soldados terroristas em comparação ao do pelotão das mulheres, mas ainda assim elas conseguem derrotá-los.

⁹² Os *jihadistas* acreditam que, se forem mortos, vão diretamente ao Paraíso. "Cada um deles", disse a comandante do YPJ, Rûken Jîrik, "usa uma chave para o paraíso ao redor do pescoço e uma colher no cinto para comer com Muhammad. [...] "eles não têm medo da morte, pois pensam que vão para o Paraíso". Mas "se eles são mortos por uma mulher, eles pensam que não irão para o Paraíso", disse Melsa. "Eles têm medo das mulheres", disse outra guerrilheira. "Quando nós lutamos, nós falamos alto, então eles terão certeza que vão ouvir nossas vozes" (Tradução livre).

Devemos explicar que, no início do conflito contra o EI, homens e mulheres de Rojava compunham o mesmo grupo militar, o YPG (União de Proteção Popular), do Curdistão da Síria. O YPG foi criado com objetivo de defender a população, e não tem ligação com os partidos políticos do Curdistão (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 106), desta forma, ele é uma unidade autônoma, diferentemente de como ocorre com o *Peshmerga* que está ligado ao KRG. Então, os grupos militares de Rojava (YPJ e YPG) são autônomos e lutam para defender as pessoas e a Revolução, e não um Partido. Todavia, devemos citar que o YPG é visto como uma força militar diretamente ligada ao PYD (Partido da União Democrática).

Como citado anteriormente, no início dos conflitos contra o EI, homens e mulheres lutavam juntos no mesmo pelotão, o YXG (que um ano depois foi transformado em YPG), mas a presença das mulheres não era vista de forma positiva por toda a população masculina. Isso se deve por conta da cultura patriarcal que sempre esteve enraizada na sociedade sobretudo quando consideramos a opressão da mulher no âmbito familiar como foi exposto no capítulo 1. Contudo, foi estabelecido um diálogo entre as mulheres e suas famílias, que segundo Şilan Karaçox, uma comandante curda, as pessoas foram ensinadas que a liberação da sociedade curda como um todo só poderia ser alcançada através da liberação das mulheres (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 107). A partir disto, mais mulheres curdas se tornaram guerrilheiras para a libertação de outras mulheres que se encontram em situação de opressão.

No contexto do conflito, a guerra foi tornando-se mais sangrenta e atingindo mais mulheres. Este foi um fator que impulsionou o aumento do contingente do grupo militar, porque devido à violação dos direitos das mulheres, com os crimes cometidos pelo EI, uma grande quantidade de mulheres curdas passa a ingressar de forma voluntária ao YPG, como guerrilheiras. Em virtude do alto alistamento de voluntárias e por conta do exemplo do YJA Star, é criado o YPJ (Unidade de Defesa da Mulher), para o ingresso exclusivo de mulheres.

A self-defence mechanism for women, as the most oppressed and suppressed segment of society, is also of vital importance. Under the patriarchal system all rights of women were usurped. Women can circumvent these policies of degradation, harassment, rape and slaughter through the formation of their own self-defence mechanisms. For this reason, they need to learn their history, create their own organisations and institutions, carve out space for themselves in all areas of life and if necessary create their own military forces (ÖCALAN, 2016, p. 56)⁹³.

⁹³ Um mecanismo de autodefesa para as mulheres, como o segmento mais oprimido e reprimido da sociedade, também é de vital importância. Sob o sistema patriarcal, todos os direitos das mulheres foram usurpados. As mulheres podem contornar essas políticas de degradação, assédio, estupro e abate através

Em 4 de abril de 2013, é criado o YPJ como uma ramificação autônoma do YPG (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 108). O YPJ é um pelotão exclusivo para o ingresso de mulheres, tendo com intuito a liberação das mulheres que estão sofrendo opressão, sobretudo no contexto do conflito. O grupo tem o objetivo de libertar as mulheres que ainda estão sendo mantidas em cárcere pelos terroristas do EI, libertar a mulher dos padrões de gênero e defender da Revolução de Rojava, visando criar uma sociedade baseada no respeito aos direitos das mulheres, o que é um marco para uma região.

É importante explicar que, apesar da divisão dos grupos, ainda assim, homens e mulheres lutam lado a lado nos *fronts*. Todavia, quando há operações para libertação de mulheres e meninas mantidas como prisioneiras do EI, é o pelotão de guerrilheiras curdas que é enviado para o local, justamente porque elas ingressam no YPJ para libertar outras mulheres que estão em cativeiro e sofrendo as atrocidades perpetradas pelo EI.

As mulheres curdas que ingressam nos grupos militares devem fazer isso de forma voluntária. Além disso, o YPJ somente aceita mulheres a partir dos 18 anos para atuarem como guerrilheiras, pois somente a partir desta idade elas são enviadas aos *fronts* de batalhas. Dessa forma, as adolescentes não podem se voluntariar para a luta, mas podem solicitar treinamento militar para quando tiverem 18 anos estejam prontas para atuar. O YPJ também não aceita filhas únicas ou mulheres que tiveram muitos de seus familiares mortos (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 118).

No contexto do conflito contra o EI, é importante ressaltar algumas mulheres e adolescentes yazidi⁹⁴ que não foram capturadas, e as que foram libertas ou que conseguiram fugir, também ingressaram nos exércitos curdos, sobretudo no YPJ, com intuito de salvar mais mulheres e meninas yazidi que se encontram na mesma situação de abusos que elas estavam antes. Contudo, é importante destacar que também há mulheres que se tornam membros do YPJ porque participaram diretamente do

da formação de seus próprios mecanismos de autodefesa. Por esse motivo, elas precisam aprender sua história, criar suas próprias organizações e instituições, criar espaços para si mesmos em todas as áreas da vida e, se necessário, criar suas próprias forças militares (Tradução livre).

⁹⁴ Devemos citar que os yazidis criaram seus próprios grupos militares para fazer a segurança de Sinjar após os terroristas do EI serem expulsos das montanhas. Os grupos militares são baseados no YPG e YPJ, então, segundo Knapp; Flach; Ayboga (2016, p. 121) os curdos-yazidis formaram o YBS (Unidade de Resistência de Sinjar), onde existe o pelotão exclusivo para mulheres yazidi que foi nomeado de YJE (Unidade das Mulheres Yazidi). Cabe citar que o YJE também recebe a sigla de YJŞ (Unidade de Proteção das Mulheres de Sinjar).

movimento de resistência em suas cidades para que o EI não a invadisse, como na batalha de Kobani.

Este fato deu impulso a mais curdas ingressarem no YPJ. E podemos confirmá-lo com o relato do entrevistado curdo 01 (ver em anexo), em que ele concedeu o contingente do YPJ. De acordo com curdo 01, em 2014 o número de guerrilheiras atuando no YPJ era de 11 mil mulheres, em 2016 eram 18 mil e em 2017 são 20 mil guerrilheiras no YPJ. Além disso, devemos salientar que não existem somente curdas lutando no YPJ, visto que há mulheres de outras etnias que são da região e há mulheres ocidentais também.

Consideramos que curdo 01 possui essas informações, pois em outra pergunta feita na entrevista (ver em anexo) ele relatou que sua irmã foi voluntária do YPJ entre 2014 e 2015. Assim, mesmo tendo a oportunidade de ingressar no *Peshmerga*, já que de acordo com curdo 01 sua família tem histórico militar no *Peshmerga* e há mulheres no grupo, sua irmã optou ser voluntária no YPJ. Devemos citar que, segundo o curdo 01, sua irmã retornou para casa de sua família em Erbil para se recuperar dos ferimentos que sofreu durante o embate contra o EI.

Antes de serem enviadas aos *fronts*, todos os guerrilheiros devem passar por treinamentos. Os treinamentos do grupo femininos ocorrem em áreas de florestas e nas cidades que estão sob controle curdo, porém em razão dos ataques aéreos que os turcos realizam nas áreas de fronteira. Nestas áreas, são construídos *bunkers* para que o grupo não seja localizado enquanto as aulas teóricas sobre o conflito e sobre o grupo são ministradas. Isso se deve ao fato de que caso estejam em locais abertos o grupo todo pode vir a ser um possível alvo dos ataques aéreos realizados pela Turquia. Além disso os treinamentos de cada turma ocorrem durante 6 meses e são liderados por uma chefe comandante, em que ela ensina preceitos de cooperação e defesa as curdas, envolvendo táticas guerrilha e ensinamentos da ideologia do grupo (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 112).

Durante as aulas teóricas, as guerrilheiras são ensinadas sobre a história do Curdistão, uma vez que agora elas são membros ativos do movimento de libertação curda. Para os ensinamentos teóricos, é utilizada a Jineologia⁹⁵, que é a ciência da mulher. Visto que *jin* em curdo significa mulher, mas segundo Knapp; Flach; Ayboga (2016, p. 66) a palavra *jin* também está ligada ao conceito de *jiyan*, que em curdo

⁹⁵ Öcalan (2013, p. 54-56) expõe considerações sobre a Jineologia.

significa vida. Então, as guerrilheiras em treinamento são ensinadas sobre os direitos das mulheres, a história de opressão delas ao longo dos séculos e a relação desigual entre homens e mulheres.

Devemos explicar que o grupo utiliza de táticas de guerrilha, nas quais em suas atuações, elas atacam rápido e recuam rápido, e há a utilização da tipologia geográfica do local em seu favor (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 199).

[...] é conduzida por forças predominantemente locais, de modo ostensivo e coberto. Fundamenta-se na surpresa, rapidez, ataque a pontos fracos, familiaridade com o terreno, e sobretudo, no apoio da população. Compreende, de um modo geral, as incursões, emboscada, ações de propaganda armada, operações de inquietação, destruição e eliminação. Quando corretamente empregada, a guerra de guerrilhas transcende seu caráter eminentemente militar, produzindo efeitos, também nos campos políticos, econômico e psicossocial (VISACRO, 2009, p. 260).

Nas batalhas no deserto, as táticas de guerrilha são as mais utilizadas, além de ser muito usadas quando as unidades estão se aproximando das cidades. Todavia, devemos citar que a tática de guerrilha não foi muito aplicada na batalha de Kobani, justamente por conta do tipo de terreno, pois a cidade é plana, mas os curdos fizeram passagens nas paredes dos prédios para poderem se movimentar visando não ficar em espaço aberto para não serem atingidos.

Outro ponto importante que foi observado é que os guerrilheiros recorrem mais à tática física, enquanto as guerrilheiras utilizam mais a inteligência e o planejamento no momento em que vão executar suas ações. Entretanto, ainda assim, elas utilizam a força das armas para a defesa.

Com sua atuação, as guerrilheiras curdas buscam desconstruir os preceitos de feminidade e as características de “manliness” (expostas no 1º capítulo), que foram construídos e impostos às mulheres através da cultura patriarcal da sociedade. Seguindo esta linha, é esperado que toda pessoa que ocupe cargos de chefia, sobretudo os do setor militar, possua as características de “manliness”. Estas características são atreladas à figura do homem e da masculinidade, pois, devido a construção social feita sob a ótica masculina, a imagem do homem reproduz os símbolos de coragem, força, proteção (TICKNER, 1992, p. 2). Logo, o setor militar foi construído para ser um ambiente exclusivamente masculino, pois para a sobrevivência do Estado, ele precisava de pessoas fortes promovendo sua defesa, e não pessoas vistas como fracas.

A partir disto, a marginalização e a opressão das mulheres sempre foram legitimadas pelo Estado. Então, é justamente por sua atuação, que as guerrilheiras do YPJ desconstruem nos *fronts* de batalha os preceitos sexistas de que mulheres não

podem ocupar certos cargos, pois, por conta da construção social, elas não reproduzem estes símbolos de “manliness” e são atribuídas como frágeis. Também mostram que uma mulher pode ser agente que promove a segurança de sua localidade sem prejudicar sua sobrevivência, como ocorre onde as guerrilheiras curdas são essenciais para a defesa do território autônomo de Rojava.

Em relação à Rojava, elas também desconstruem os preceitos de masculinidade que o Estado e a sociedade enxergam como correto, uma vez que elas ocupam cargos militares lado a lado aos homens. Com isso, modificam a estrutura das instituições que sempre a excluiu, como o exército. Isto se dá porque Rojava não tem bases na formação do Estado, já que o Estado tem seus pilares na cultura patriarcal que sempre naturalizou e institucionalizou a opressão das mulheres curdas.

Dessa forma, a construção social que está sendo feita pelas guerrilheiras e mulheres civis curdas em Rojava rejeita que sua Revolução de tenha como base a formação dos Estados nacionais como existem em todo mundo. Justamente porque nos Estados (mesmos os que são em tese democráticos) oprimem a mulher das mais variadas formas, uma vez que por terem sido construídos pela ótica masculina, o Estado beneficia a figura do homem (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 70). Além disso, reforça os preceitos de feminilidade para inferiorizar a mulher visando sua submissão perante os homens, e os preceitos de masculinidade deixam os homens em situação de privilégio em relação a mulher, segundo Enloe (2014, p. 30-31): “In a patriarchal society—a society whose relationships and inequalities are shaped by the privileging of particular masculinities and by women’s subordination to and dependence on men—anything that is feminized can be disparaged.”⁹⁶

Cabe salientar que existe uma parte das guerrilheiras que é mãe e esposa, porém elas enxergam o ingresso ao YPJ como uma forma de emancipação na sociedade, considerando que existem guerrilheiras que fogem da violência doméstica. Outro fator é que elas optam em não estar em relacionamento amoroso, pois visam obter êxito em sua luta e na revolução⁹⁷. Desta forma, há guerrilheiras que não desejam se casar, ou ter filhos, com isso elas também desconstruem o costume que é perpetuado até os dias atuais no Oriente Médio, onde a menina deve ser preparada por sua mãe, ou por outra

⁹⁶ Em uma sociedade patriarcal - uma sociedade cujas relações e desigualdades são moldadas pelo privilégio de masculinidades e pela subordinação e dependência das mulheres aos homens - tudo o que é feminizado pode ser depreciado (Tradução livre).

⁹⁷ Este fato foi relatado por uma Comandante curda em uma entrevista em vídeo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sy_Vtqe5IXg. Acesso em: 10 mai. 2017.

mulher de sua família, para que um dia contraia matrimônio com um homem (que o pai dela autorizar). Então, após o casamento, ela deixa de ser propriedade de seu pai ou da figura masculina de sua família e passa a ser propriedade de seu marido, quando a mesma vai cuidar de sua nova casa e dos filhos que vão ser gerados.

Considerando o que foi posto, as guerrilheiras curdas confrontam diretamente as bases em que a sociedade foi estruturada e também os preceitos que a mulher nasceu para ser somente mais um membro feminino da família, passando de filha para esposa e mãe, uma vez que as mulheres que sempre tiveram sua imagem atreladas à família, matrimônio e a maternidade. Então, esta imagem é desconstruída pela participação das curdas no setor militar.

Many women, faced with the choice, decide against their husbands. They leave home to become politically active. Once they get to know freedom, they never want to give it up. Many women who reach this point are rethinking their relationships with their husbands, because of their newfound economic independence (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016, p. 69).⁹⁸

A atuação como agente ativa do conflito que as guerrilheiras desempenham gera uma nova situação que vai de encontro com o que normalmente ocorre com mulheres em guerras, uma vez que, normalmente, a mulher faz parte dos agentes que são passivos aos conflitos (juntamente com crianças e idosos), por conta disto são vistas como membros do grupo mais vulneráveis nos conflitos.

Isto se dá porque por falta de conhecimento militar (a partir disso devemos considerar que desde a formação da sociedade moderna as mulheres são impedidas de realizar atividades que não são vistas como “tarefas de mulher”, como educação dos filhos e assuntos domésticos), ou porque estão em locais onde os ataques à população civil estão intensificados, então, as mulheres (juntamente com idosos e crianças) acabam sendo atingidas de forma mais grave por caracterizar o elo mais fraco do conflito. Por esta razão, em caso da eclosão de conflitos a mulher é um dos grupos mais atingidos, visto os exemplos tanto das curdas e yazidis que sofreram com estupro como arma de guerra, assim como ocorreu na atual Bósnia nos anos de 1990, onde existiram campos de concentração onde o estupro foi utilizado como arma de guerra.

Neste contexto, o fato da mulher ser considerada como membro do elo mais frágil de conflitos está ligado à construção social feita sob a ótica masculina onde o

⁹⁸ Muitas mulheres que tem o poder de escolha, decidem em ser contrárias aos seus maridos. Elas deixam suas casas para serem ativistas políticas. E quando elas conhecem a liberdade, elas nunca querem parar. Muitas mulheres que chega a esse ponto estão repensando seu relacionamento com seu marido, porque elas encontraram a independência econômica (Tradução livre).

hegemônico da sociedade, o homem, constrói uma visão que a situação de conflito é um ambiente perigoso para a mulher viver, então ela deveria ficar em casa enquanto os homens fornecem sua proteção. Seguindo essa interpretação, ela deve ser protegida pela figura do homem, uma vez que o homem construiu sua imagem como os protetores naturais, pessoas que são confiáveis para atuar na defesa, o herói perfeito. Assim a atuação do homem no setor de defesa é naturalizada, e a da mulher é proibida. Logo, a mulher não tem acesso aos mecanismos de defesa, uma vez que, a partir do momento que ela passar a ter acesso, ela conseguiria autonomia, configurando em ameaça ao modelo que os homens criaram para garantir a submissão da mulher, de acordo com Enloe (2014, p. 30-31):

The idea that we live in a dangerous world serves to reinforce the primacy of particular forms of masculinity while subordinating most women and femininity itself. Men living in a dangerous world are commonly imagined to be the natural protectors. Women living in a dangerous world allegedly are those who need protection. Those relegated to the category of the protected are commonly thought to be safe "at home" and, thus, incapable of realistically assessing the dangers "out there."⁹⁹

Assim, a atuação das guerrilheiras curdas como *players* do conflito, revolucionam a história da figura da mulher em guerras, pois elas mostram que os preceitos de que uma mulher não é forte o suficiente para se defender, sua terra e seu povo estão errados. Além de confrontar a ideia que a mulher deve ser submissa ao homem, com isso enfrentando diretamente o EI, uma vez que, os terroristas pregam que as mulheres são inferiores aos homens.

Logo, ingressar no YPJ como guerrilheira, é uma forma da mulher conseguir alcançar sua liberdade. Por conta disso, diversas mulheres, inclusive árabes, estão se juntando as fileiras do YPJ, porque além da defesa, elas percebem que esta é uma forma de garantir sua autonomia, além de lutar para libertação de outras mulheres.

Outro fator importante sobre as guerrilheiras curdas do YPJ é que elas desejam uma saída democrática para a problemática curda na Síria. Como ocorreu quando a população expulsou, de forma pacífica (sem o derramamento de sangue), os soldados do Estado Sírio quando as batalhas da guerra civil da Síria começaram a ficar demasiadamente violentas, como foi explicado anteriormente.

⁹⁹ A idéia de que vivemos em um mundo perigoso serve para reforçar a primazia de formas particulares de masculinidade enquanto subordina a maioria das mulheres e a própria feminilidade. Os homens que vivem em um mundo perigoso são comumente imaginados como protetores naturais. As mulheres que vivem em um mundo perigoso alegadamente são aquelas que precisam de proteção. Os que são relegados para a categoria dos protegidos são comumente pensados para serem seguros "em casa" e, portanto, incapazes de avaliar realisticamente os perigos "lá fora (Tradução livre).

Outro ponto é o respeito pela terra que vivem, pois ela é utilizada para o sustento da população, com isso elas também se pautam na ecologia. Sobretudo há o empoderamento feminino como forma de alcançar a liberdade na sociedade e seus direitos respeitados. Por fim, elas buscam construir uma nova cultura no exército, buscando que a mulher tenha acesso aos setores securitários. Logo, com a atuação revolucionária, as guerrilheiras curdas buscam construir uma sociedade pautada na liberdade e respeito.

Devido a esses preceitos, é importante salientar que eles são base para a fomentação da nova sociedade que as guerrilheiras curdas estão construindo, pois elas atuam tanto como agentes ativos nas batalhas, em que elas lutam contra a tirania dos terroristas do EI, como também constroem uma nova realidade social na Revolução de Rojava. Assim, as guerrilheiras curdas do YPJ estão participando na construção de um novo contrato social formulado em Rojava.

Assim, curdos de ambos os gêneros participam ativamente para formular novas leis sociais para que sejam diferentes das vigentes em sociedades mundiais pautadas em Estados Nacionais. Uma vez que, nesses locais, as mulheres têm seus direitos suprimidos pelo Estado, uma vez que, este foi construído por homens para garantir seu benefício e a opressão e submissão da mulher.

Então, elas também atuam para construir e moldar a sociedade, visando que a nova realidade também tenha sua visão. Para isso, elas buscam fomentar políticas visando o respeito da mulher para que a situação antiga não seja repetida com o fim da guerra. Assim, elas ajudam de forma integral para que os preceitos da Revolução de Rojava sejam permanentes, e que, em sua sociedade, a equidade entre homens e mulheres se faça presente.

Além deste fator discorrido anteriormente, a participação determinante de mulheres nos exércitos e a necessidade de aumento do contingente do exército curdo por elas é de suma importância para a quebra de paradigmas e de padrões de gênero que estão fortemente presentes em organismos militares em todas as partes do mundo. Entre os paradigmas, estão o tipo de atividade que uma mulher deve desempenhar e os espaços que ela nasceu para ocupar, pois segundo as tradições ela nasceu para executá-las, e com isso, não deve ocupar atividades que não as competem.

Outro fator observado é que, na sociedade, sobretudo na da citada localidade, as mulheres são propriedade de seus familiares pertencentes ao sexo masculino. Dessa forma, são tratadas como subalternas e que somente devem obedecer e executar aos

papéis sociais e de trabalho que são impostos a elas. Assim, não é comum que mulheres exerçam atividades que são, segundo a cultura patriarcal revestida de tradição, tarefas para homens, como: segurança do território e do povo. Desta maneira, é observado um determinismo biológico em como a sociedade é dividida e esta divisão impacta nas vidas das pessoas, sobretudo na vida das mulheres.

Portanto, em razão da atuação das guerrilheiras curdas, elas estão ganhando autonomia e voz na sociedade curda, e estão lutando diariamente contra o patriarcalismo, uma vez que ingressam no serviço militar juntamente com os homens e executam as mesmas funções que sempre foram designadas somente a eles. Além de que, elas utilizam o fator do gênero feminino (considerando que os terroristas temem ser mortos por elas) para defesa de seu território e população civil, contra o expansionismo feito pelo EI. Então, as guerrilheiras utilizam o fato de ser mulher para aniquilar o inimigo que tanto prega a submissão da mulher.

Devido à nova configuração que as guerrilheiras curdas estão fornecendo no âmbito de mulher como agente ativo e decisório de conflitos, está ocorrendo a quebra de paradigmas que sempre existiram nas sociedades mundiais e que, sobretudo, estão enraizadas nas sociedades patriarcais presentes no Oriente Médio. Então, as guerrilheiras curdas estão redefinindo o seu papel na sociedade curda, através de sua luta contra do Estado Islâmico, defendendo os civis e o território, conseqüentemente rompendo com a visão de que são supostamente frágeis e que não conseguem tomar decisões de cunho securitário.

Devemos salientar que o grande número de mulheres na batalha reflete a vontade das mulheres em guiarem suas próprias vidas sem a interferência da figura masculina de sua família controlando-a. Logo, elas desconstroem a ideia de que as diferenças entre homens e mulheres são determinadas por fatores biológicos, e trazem à tona a problemática de gênero que envolve a divisão de tarefas entre homens e mulheres, sobretudo pelas sociedades situadas no Oriente Médio.

No final, no âmbito da guerra, as mulheres guerrilheiras realizam o mesmo trabalho que a divisão masculina faz: combater o inimigo, EI, visando a vitória sob os *jihadistas*. Porém, com um nova característica, que é inédita para a sociedade: a utilização de seu gênero como fator decisório do conflito através de sua atuação como agente ativo do conflito nos *fronts* de batalha. Desta forma, fazem a desconstrução da imagem frágil que foi atribuída ao gênero feminino, e trazem um novo olhar sob a participação de mulheres em guerras e conflitos.

Considerações finais

As questões de gênero que sempre impactaram a vida da mulher foram construídas pelo agente dominante, o homem, pois visa a dominação da mulher. Para conseguir realizar isto, ele constrói e impõe preceitos de feminilidade e masculinidade, ditando o que a mulher e o homem podem ou não fazer.

A partir disto, a figura do homem foi construída para ser vista como pessoa forte, influente, inteligente, que fornece proteção, o herói ideal, então, ele seria a pessoa adequada para comandar o setor político e militar do Estado. Enquanto a imagem da mulher foi construída de forma oposta, visto que as características atribuídas a ela foram de pessoa vulnerável, frágil, que necessita de proteção, emocional e somente serve para as atividades do lar e ser devota à família.

Seguindo essa linha, ela passa a imagem de uma figura que não deve ocupar altos cargos na política e jamais deveria ocupar cargos no setor militar, porque um militar deve ser a figura da segurança, sempre racional e jamais emocional, o promotor da força do Estado. Logo, a imagem de pessoa frágil que foi atribuída à mulher, a exclui da participação no setor militar, pois ela colocaria o Estado em grave risco.

Analisando a imposição da agenda do homem, ele utiliza estes mecanismos para consolidar sua figura hegemônica em relação à figura da mulher. Com isso, as instituições da família e do Estado são as que ele usa para legitimar suas ações. E também há a utilização da religião para atingir tal fim.

É importante observar que o homem, independentemente de sua etnia e posição social, sempre vai fazer parte do hegemônico, justamente porque houve a construção para que somente os homens estivessem em posição de privilégio. Então, mesmo que o homem esteja em situação de inferioridade em relação a outro homem, quando consideramos a hierarquização das etnias, sexualidade e posição econômica, ainda assim, ele sempre vai estar em relação de privilégio quando comparamos sua posição com a das mulheres. Isto se dá porque mesmo o homem fazendo parte de minorias, como os curdos, ele aceita o papel desempenhado pelas instituições que foram moldadas pela cultura patriarcal para beneficiar a figura do homem e marginalizar a da mulher.

Quanto aos curdos, devemos levar em consideração a organização patriarcal em que a sociedade curda se desenvolveu, após o do advento o islamismo, quando passou a contar com uma cultura altamente hierarquizada nas relações entre homens e mulheres.

Esses fatores implicam na exclusão da mulher curda, tanto em atuar em sua sociedade quando no âmbito Estatal, visto que nos dois, a mulher curda era vista como minoria. Logo, a mulher curda sofre impactos por ser mulher e curda.

Devemos considerar a questão de movimentos nacionalistas ao redor do mundo, pois é em ambientes assim que preveem a participação e cooperação da sociedade para que juntos atinjam um bem comum, que é a consolidação de sua reivindicação. Então, em movimentos nacionalistas, as mulheres observam que podem se desprender das estruturas dominantes e ajudar a construir uma nova realidade. É na eclosão desses eventos que as mulheres (de uma sociedade que é oprimida) observa um espaço para atuar como *player*.

Considerando isso, temos o caso das mulheres curdas, que, no âmbito do movimento nacionalista curdo, observaram que poderiam atuar (como guerrilheiras) para melhorar a posição de seu povo, e, atrelado a isso, elas finalmente poderiam sair da estrutura de opressão que a instituição da família baseada na cultura patriarcal faziam em sua vida. Então, desde o início a luta da mulher curda como guerrilheira era voltada para combater a posição de aprisionamento e opressão no âmbito social e também era para lutar de forma armada contra a opressão propagada pelos Estados hegemônicos e suas políticas para atacar o povo curdo.

Desta forma, desde o início, a luta da guerrilheira curda desenvolveu-se para defesa dos direitos das mulheres e a desconstrução das imposições feitas ao gênero feminino. Como podemos observar nos exemplos da guerrilheira curda do *Peshmerga*, Margaret George, as guerrilheiras do PKK, a criação do pelotão exclusivo para mulheres YAJK (União das Mulheres Livres do Curdistão), que posteriormente viria se tornar o YJA Star (Unidade da Mulher Livre) e atualmente a criação do YPJ (Unidade de Defesa da Mulher).

Nos dias atuais, devido a Revolução de Rojava que reformulou as bases da sociedade curda no Curdistão ocidental (Rojava), pela primeira vez, por conta da atuação de forma igualitária aos homens, as mulheres curdas podem atuar em qualquer setor da sociedade. Além disso, sua presença é decisória principalmente no setor militar por conta da atuação das guerrilheiras do YPJ para defesa de Rojava.

Paralelamente, surge o Estado Islâmico invadindo cidades, massacrando a população local e atuando para atingir diretamente as mulheres por meio do estupro como arma de guerra. Em razão disto, mais mulheres se voluntariam ao YPJ, pois além do desejo da vingança contra os terroristas e de libertação de mais mulheres que se

encontram em situação de opressão, devemos observar que elas atuam para acabar com os terroristas do EI porque eles são o retrato da opressão, visto que o grupo prega a submissão da mulher perante o homem. Logo, as guerrilheiras lutam para destruir um grupo que é uma ameaça direta para a conquista que as guerrilheiras conseguiram, além disso elas atuam para destruir a figura do opressor que trabalha para aprisioná-la novamente.

Para conceder uma explicação para nossa pergunta de pesquisa que é: como se desenvolve a luta das guerrilheiras curdas considerando os três fatores (luta pelos direitos das mulheres, EI e Revolução de Rojava) que estão ocorrendo de forma simultânea no Curdistão?, nós abordamos os elementos que influenciam e impactam a vida das guerrilheiras curdas. Para isso, consideramos a influência e interligação que os três eventos que estão ocorrendo de forma simultânea. Para explicar devemos considerar que as guerrilheiras lutam em três *fronts*.

O primeiro *front* é destruir a agenda masculina que a oprime, marginaliza e exclui. Para conseguir isto, as mulheres civis e guerrilheiras curdas construíram de forma igual em todas as instituições de Rojava para que elas não tivessem base nas instituições de um Estado, visto que todas as instituições estatais refletem a visão masculina e perpetuam a opressão contra a mulher. Logo, o primeiro *front* é garantir espaço para ser uma agente ativa em todos os âmbitos de sua localidade. Fato que se consolidou quando analisamos a defesa e Rojava e luta contra o EI, então os outros *fronts* dependem do primeiro.

O segundo *front* é como desenvolve a atuação das guerrilheiras contra o EI, pois elas não estão somente matando os *jihadistas* para acabar com o grupo terrorista, como também estão matando a cultura patriarcal, que há anos as oprimiu e que agora ameaça a liberdade conseguida. Então, as guerrilheiras curdas consolidaram sua participação decisória nas batalhas para defender e resgatar outras mulheres, pois sua inserção e destaque no setor militar enfrenta diretamente os preceitos sexistas que moldaram as características da figura feminina como frágil e que nunca seria um agente que promove segurança, e sim o agente a ser protegido.

O terceiro *front* é a defesa da Revolução de Rojava e a defesa da região conta com duas variáveis. A primeira variável é o Estado Islâmico e seu desejo de novamente invadir a região para poder explorar os recursos naturais e utilizá-los como financiamento, além de assassinar, estuprar e sequestrar as pessoas que moram no local.

Avaliamos que a segunda variável é Rojava perder sua posição de autonomia e, mais uma vez o movimento curdo fracassar quanto à liberdade do povo. Quanto a este ponto, entendemos que ele pode se desenvolver de duas formas, a primeira é o governo central sírio (com o fim da guerra civil da Síria) atacar Rojava para acabar com a região autônoma. A segunda pode partir do Estado turco, considerando os constantes ataques para evitar a consolidação da Revolução de Rojava.

Todavia, não são fatos consolidados e a Revolução de Rojava conta com a presença decisória das guerrilheiras curdas para sua defesa, como ocorreu na liberação do cantão de Kobani, onde aproximadamente 80% do contingente que atual era de guerrilheiras curdas.

Ainda de acordo com o terceiro *front*, as guerrilheiras curdas atuam para garantir que elas e nenhuma mulher residente de Rojava voltem a ser oprimidas pela estrutura estatal, devido a isso elas devem defender a Revolução para sua liberdade e de seu povo.

Além disso, sua participação desconstrói por completo a ideia de que uma mulher militar é uma ameaça à sobrevivência do Estado, neste caso da região autônoma, por ser construída como frágil. Logo, por conta de sua atuação decisória nas batalhas contra o Estado Islâmico, para a defesa da Revolução de Rojava e para defesa dos direitos das mulheres (aportados na Jineologia), as guerrilheiras consolidam-se como agente ativo da guerra e fornecedoras de proteção às pessoas que se encontram em situação de opressão. Portanto, a atuação das guerrilheiras curdas é requisitada e necessária para a sobrevivência de Rojava, para destruir o EI e para garantir e propagar os direitos da mulher por todo o mundo.

Referências bibliográficas

60MINUTES - Kurdish Female Fighters YPJ (Rojava) Western Kurdistan. 2015. (1635 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Uv31_NvDBYw>. Acesso em: 17 mai 2017.

A Kurdish Female Fighter's War Story: 'I Don't Know How Many I've Killed in Kobani - I Don't See ISIS as Human'. International Business Times, 23 out. 2014. Disponível em: <<http://www.ibtimes.co.uk/kurdish-female-fighters-war-story-i-dont-know-how-many-ive-killed-kobani-i-dont-see-1471412>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

ADLER, Emanuel. O Construtivismo nos Estudos das Relações Internacionais. **Lua Nova**, n.47, p. 201-252, 1999.

ALLISON, Christine. **The Yezidi Oral Tradition in Iraqi Kurdistan**. Grã Bretanha: Curzon Press. 2001.

Após Mossul, próximo alvo é Raqqa, capital do Estado Islâmico na Síria. G1, 21 out. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/10/apos-mossul-proximo-alvo-e-raqqa-capital-do-estado-islamico-na-siria.html>>. Acesso em 01 mai. 2017.

ARGENTIERI, Benedetta. **Syria's war liberates Kurdish women as it oppresses others**. Reuters, 29 fev. 2016. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/us-mideast-crisis-syria-women-idUSKCN0W20F4>>. Acesso em: 04 mar. 2017.

Battle for Mosul: The story so far. BBC, 2017. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-middle-east-37702442>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

BBC Our World - ROJAVA: SYRIA'S SECRET REVOLUTION. 2014. (2308 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fKhjJfH0ra4>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. França: Éditions Gallimard, 1949. Traduzido por Sérgio Milliet - 2.ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2v. 809 p.

Between Ankara and Rojava. Foreign Affairs, 14 mar. 2016. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/turkey/2016-03-14/between-ankara-and-rojava>>. Acesso em: 30 mai. 2017.

Bombeiros atuam em poço de petróleo incendiado pelo EI no Iraque: Extremistas atearam fogo em poços para frear ofensiva iraquiana. Colunas de fumaça encobrem o céu e contaminam o ar em Qayyarah. 21 nov. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/11/bombeiros-atuam-em-poco-de-petroleo-incendiado-pelo-ei-no-iraque.html>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

BRAUER, Erich. The Jews of the Kurdistan. In: PATAI, Raphael (ED.). **Jewish Folklore and Anthropology Series**. Detroit: Wayne State University Press. 1993.

BUARQUE, Beatriz. The Violence Against Yezidi Women: The Islamic State's Sexual Slavery System. *Malala*, v. 4, n. 6, p. 43-56, 2016.

CARPENTER, Charli. Feminism, Nationalism, and Globalism: Representations of Bosnian "War Babies" in the Western Print Media. In: SJOBERG, Laura; VIA, Sandra (ED.). *Gender, War, and Militarism*. Santa Barbara: ABC-CLIO, LLC. 2010.

Chefe humanitária da ONU pede ao conselho de segurança para salvar a Síria da desesperança: No total, cerca de 12,2 milhões de pessoas, incluindo 5,6 milhões de crianças, precisam de assistência humanitária em toda o país, segundo as Nações Unidas. Nações Unidas no Brasil, 29 maio 2015. Disponível em: <<http://nacoesunidas.org/chefe-humanitaria-da-onu-pede-ao-conselho-de-seguranca-para-salvar-a-siria-da-desesperanca/>>. Acesso em: 29 mai. 2017.

CHMAYTELLI, Maher. **Civilians lack food, water, medicine as Mosul battle mounts:** U.N. 29 mai. 2017. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/us-mideast-crisis-iraq-mosul-idUSKBN18P0RQ>>. Acesso em: 29 mai. 2017.

CLAY, Buck. **Here's how Kurdish guerrilla forces are using dirty tricks against ISIS.** Business Insider, 04 set. 2015. Disponível em: <<http://www.businessinsider.com/heres-how-kurdish-guerilla-forces-are-using-dirty-tricks-against-isis-2015-8>>. Acesso em: 03 abr. 2017.

COCKBURN, Patrick. **The Rise of Islamic State: ISIS and the New Sunni Revolution.** Londres: Verso. 2015. 69 p.

Combatentes curdas querem vingar mulheres vítimas do Estado Islâmico. Istoé, 10 nov. 2016. Disponível em: <<http://istoe.com.br/combates-curdas-querem-vingar-mulheres-vitimas-do-estado-islamico/>>. Acesso em: 08 fev. 2017.

Conflitos na Síria e no Iraque aumentam solicitações de refúgio em dezenas de países. Nações Unidas no Brasil, 24 set. 2014. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/conflitos-na-siria-e-no-iraque-aumentam-solicitacoes-de-refugio-em-dezenas-de-paises/>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

CONGRESS, Kurdistan National. **ISIS Attacks and Kurdish Resistance in Kurdistan.** 2014.

Curdos apoiados pelos EUA dizem que ataque a Raqqa está iminente. Público, 03 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2017/06/03/mundo/noticia/curdos-dizem-que-ataque-a-raqqa-esta-iminente-1774497>>. Acesso em: 03 jun. 2017.

Curdos iniciam ofensiva para libertar Raqqa. DW, 06 nov. 2016. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/curdos-iniciam-ofensiva-para-libertar-raqqa/a-36283016>>. Acesso em: 02 mar. 2017.

DEFENSE, U.s. Department Of. **Department of Defense Press Briefing by Gen. Townsend via teleconference from Baghdad, Iraq.** 2017. Disponível em: <<https://www.defense.gov/News/Transcripts/Transcript->

View/Article/1099469/department-of-defense-press-briefing-by-gen-townsend-via-teleconference-from-ba/>. Acesso em: 07 jun. 2017.

DIRIK, Dilar. **Western fascination with ‘badass’ Kurdish women:** The media frenzy over the women fighting ISIL is bizarre, myopic, orientalist and cheapens an import. Al Jazeera, 29 out. 2014. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2014/10/western-fascination-with-badas-2014102112410527736.html>>. Acesso em: 01 mai. 2017.

DREAMSTIME. **Curdistão, mapa político da terra dos curdos.** Disponível em: <https://pt.dreamstime.com/ilustra%C3%A7%C3%A3o-stock-curdist%C3%A3o-mapa-pol%C3%ADtico-das-terras-curdos-image74860412>. Acesso em: 01 mai. 2017.

ENLOE, Cynthia. **Bananas, Beaches and Bases:** Making Feminist Sense of International Politics. Los Angeles: University of California Press. 2014. 492 p.

Entenda a ‘mini guerra mundial’ que ocorre na Síria. BBC Brasil, 16 fev. 2016. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160216_siria_nova_guerra_tg>. Acesso em: 09 mar. 2017.

Enviado da ONU alerta para risco de massacre em Kobani: Emissário invocou matança em Srebrenica ao pedir ação global para conter avanço do Estado Islâmico em cidade na fronteira com a Turquia. Veja online, 10 out. 2014. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/jihadistas-avancam-sobre-kobani-e-onu-alerta-para-risco-de-massacre> Acesso em 20/05/2015>. Acesso em: 01 mai. 2017.

Exército curdo conta com 45% de mulheres na frente da batalha: As forças militares curdas na Síria, empenhadas no combate ao Daesh, são 45% femininas, e o número de mulheres tende a aumentar, declarou a comandante das Unidades Femininas de Proteção (YPJ), Nesrin Abdalla, neste domingo. Correio do Brasil, 07 fev. 2016. Disponível em: <<http://correiodobrasil.com.br/exercito-curdo-counta-com-45-de-mulheres-na-frente-de-batalha>>. Acesso em: 01 mai. 2017.

FEMALE Fighters of Kurdistan (Part 1/3). Vice News, 23 jul. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h_0kg8VlxkE&list=PLF1EFB9C0A06AE2D2&index=1>. Acesso em: 25 abr. 2017.

FEMALE Fighters of Kurdistan (Part 2/3). Vice News, 23 jul. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cGVkQtMjDk8&list=PLF1EFB9C0A06AE2D2&index=2>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

FEMALE Fighters of Kurdistan (Part 3/3). Vice News, 23. jul. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?annotation_id=annotation_366456&feature=iv&index=3&list=PLF1EFB9C0A06AE2D2&src_vid=cGVkQtMjDk8&v=PLxniHLkMM0>. Acesso em: 25 abr. 2017.

Forças Democráticas da Síria anunciam ofensiva contra Raqqa. Istoé, 06 nov. 2016. Disponível em: <<http://istoe.com.br/forças-democraticas-da-síria-anunciam-ofensiva-contraraqqa/>>. Acesso em: 20 maio 2017.

Forças Democráticas da Síria dizem estar em base aérea controlada pelo Estado Islâmico: Porta-voz diz que combates são travados dentro e nas imediações da base. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/forças-democraticas-da-síria-dizem-estar-na-base-aerea-de-al-tabqa.ghtml>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

GERECKE, Megan. Explaining Sexual Violence in Conflict Situations. In: SJOBERG, Laura; VIA, Sandra (ED.). **Gender, War, and Militarism**. Santa Barbara: ABC-CLIO, LLC. 2010.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. 120 p. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

GHOTBI, Sanna. **The Rojava Revolution: Kurdish women's reclaim of citizenship in a stateless context:** A qualitative study of the autonomous women's movement. 2016. 50 f. TCC (Graduação) - Curso de Global Studies, Institution Of Global Studies, University Of Gothenburg, Gothenburg, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos de Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.a, 2008. 220 p. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

GRAEBER, David. **Why is the world ignoring the revolutionary Kurds in Syria?** The Guardian, 08 out. 2014. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2014/oct/08/why-world-ignoring->>. Acesso em: 15 abr. 2017.

Grupo cria califado no Iraque e na Síria; você sabe o que isto significa? UOL, 30 jun. 2014. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2014/06/30/entenda-o-que-e-um-califado.htm>>. Acesso em: 01 mai. 2017.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. Nação, nacionalismo, Estado. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 22, n. 62, p.145-159, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142008000100010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 04 abr. 2017.

GUNTER, Michael M.. **Historical Dictionary of the Kurds**. 2. ed. Oxford: The Scarecrow Press, 2011. 457 p.

_____. **The Kurds Ascending:** The solution to the Kurdish problem in Iraq and Turkey. Palgrave MacMillan. 2008. 193 p.

HALE, Sondra. Sexual Violence in War and Conflict: Rape as a Marker and Eraser of difference: Darfur and the Nuba Mountains (Sudan). In: SJOBERG, Laura; VIA, Sandra (ED.). **Gender, War, and Militarism**. Santa Barbara: ABC-CLIO, LLC. 2010.

HANNAH, John. **The Kurds Go Broke Its Lights Out for Obama's War on the Islamic State**. Foreign Policy, 02 mar. 2016. Disponível em: <<http://foreignpolicy.com/2016/03/02/if-the-kurds-go-broke-its-lights-out-for-obamas-war-on-the-islamic->>. Acesso em: 01 mai. 2017.

HORN, Denise M. Deployment of Gender and Sexuality in Times of Conflict: Boots and Bedsheets: Constructing the Military Support. In: SJOBERG, Laura; VIA, Sandra (ED.). **Gender, War, and Militarism**. Santa Barbara: ABC-CLIO, LLC. 2010.

Human Rights Watch. **Genocide in Iraq: The Anfal Campaign against the Kurds**. Nova Iorque: Human Rights Watch. 1993. Disponível em: <<https://www.hrw.org/reports/1993/iraqanfal/>>. Acesso em: 01 mai. 2017.

Study Shows Islamic State's Primary Opponent in Syria Is Government Forces, IHS Markit Says: Weakening Syrian government would extend life of the Islamic State's caliphate. IHS Markit, 19 abr. 2017. Disponível em: <<http://news.ihsmarkit.com/press-release/aerospace-defense-security/study-shows-islamic-states-primary-opponent-syria-governmen>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

INTERNATIONAL, Amnesty. **Ethnic Cleansing on a Historic Scale: Islamic State's Systematic Targeting of Minorities in Northern Iraq**. Londres: Amnesty International Ltd. 2014.

Islamic State and the crisis in Iraq and Syria in maps. BBC, 28 abr. 2017. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-middle-east-27838034>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

'ISLAMIC State are afraid to see women with guns'. 2014. (0253 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TGVbpsGmLVo>>. Acesso em: 06 mar. 2017.

JAGUARIBE, Helio. Nação e nacionalismo no século XXI. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 22, n. 62, p.275-279, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142008000100018&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 04 abr. 2017.

Jihadistas Proclamam um Estado Islâmico entre o Iraque e a Síria. Veja online, 30 jun. 2014. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/mundo/jihadistas-proclamam-um-estado-islamico-entre-o-iraque-e-a-siria/>>. Acesso em: 01 mai. 2017.

KNAPP, Michael; FLACH, Anja; AYBOGA, Ercan. **Revolution in Rojava: Democratic Autonomy and Women's Liberation in Syrian Kurdistan**. Londres: Pluto Press. 2016. 206 p.

KOBANI: The City That Stood Up To ISIS. 2014. (1400 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UIQIs1f0gRI>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

Kobani: US drops weapons to Kurds in Syria: Kobani air drops likely to anger Turkish government, which opposes sending arms to Kurdish rebels in Syria. The Guardian, 20 out. 2014. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2014/oct/20/us-drops-weapons-to-kurds-in-syria>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

KURDISH & Yazidi women fighting ISIS. BBC News. (0849 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fQZR6xzDkjc>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

Kurdish-Arab force makes gains against ISIL in Tabqa: Fighting rages on, with US-backed SDF controlling about 40 percent of strategic town near ISIL's stronghold of Raqqa. Al Jazeera, 30 abr. 2017. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/news/2017/04/kurdish-arab-force-gains-isil-tabqa-170430081216169.html>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

KURDISTAN: women at war. 2016. (5306 min.), son. color. Legendado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=csLMrM0vUJw>>. Acesso em 19 mar. 2017.

LETSCHE, Constanze. **Sakine cansiz: 'a legend among PKK members':** Female Kurdish activist shot dead in Paris was present at the foundation of the party and organized women's movement. The Guardian, 10 de jan. 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2013/jan/10/sakine-cansiz-pkk-kurdish-activist>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

Mapas explicam batalha do 'EI' pela Síria e pelo Iraque. BBC Brasil, 16 out. 2014. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/10/141015_mapas_siria_lab>. Acesso em: 02 fev. 2017.

MCDOWALL, David. **A Modern History Of The Kurds.** Londres: I.b.tauris & Co Ltd, 2007. 532 p.

Meet The Kurdish Women Fighting The Islamic State: Battling Isil on the frontline in Northern Iraq are the female peshmerga army - fighting as equals alongside the male Kurdish forces for the future of their country. The Telegraph, 08 set. 2014. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/islamic-state/11216064/Meet-the-Kurdish-women-fighting-the-Islamic-State.html>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

MELLO, Ana Claudia R. Costa D.. As Mulheres na Guerra: Pelo esforço de guerra ou como combatentes. Sim, elas estiveram lá!. **Pré-univesp**, São Paulo, v. 61, p.01-03, jan. 2017. Mensal. Disponível em: <<http://pre.univesp.br/as-mulheres-na-guerra#.WTyQdmjyvIX>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

MONTE, Izadora Xavier do. **Gênero e Relações Internacionais:** Uma crítica ao discurso tradicional de segurança. 2010. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

More than 100 Yazidi women and children saved by SDF in Raqqa: YPJ commander. Kurdish Question, 11 abr. 2017. Disponível em: <<http://kurdishquestion.com/article/3887-more-than-100-yazidi-women-and-children-saved-by-sdf-in-raqqa-ypj-commander>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

MUIR, Jim. **O polêmico acordo feito há 100 anos na raiz de conflitos no Oriente Médio.** BBC, 18 mai. 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-36320891>>. Acesso em: 13 maio 2017.

ÖCALAN, Abdullah. **Democratic Confederalism.** Colônia: Translation: International Initiative, 2011. 48 p.

_____. **Democratic Nation.** Colônia: International Initiative Edition and Mesopotamian Publishers, Neuss, 2016. 76 p.

_____. **Guerra e paz no Curdistão:** Perspectivas para uma solução política da questão curda. Colônia: International Initiative, 2008. 47 p.

_____. **Liberating Life: Woman's Revolution.** Colônia: International Initiative Edition And Mesopotamian Publishers, Neuss, 2013. 67 p.

Operação Fúria do Eufrates: o que se sabe até hoje sobre ofensiva contra Raqqa?. Sputnik News, 07 nov. 2016. Disponível em: <https://br.sputniknews.com/oriente_medio_africa/201611076743283-ofensiva-raqqa-operacao-sdf-eufrates/>. Acesso em: 27 mai. 2017.

PEIXINHO, Maria de Fátima Amaral Simões. **O Curdistão no Iraque, ensaio de uma Nação:** Contexto e Desafios. 2010. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Mundo Árabe e Islâmico, Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2009. Disponível em: <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/2292/3/DM_20744.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2017.

PERRY, Tom. **Exclusive: Syrian Kurdish YPG aims to expand force to over 100,000.** Reuters, 20 mar. 2017. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/us-mideast-crisis-syria-ypg-exclusive-idUSKBN16R1QS>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

Peshmerga vs. the Islamic State: the road to Mosul. Vice News, 12 jun. 2015. Disponível em: <<https://news.vice.com/video/peshmerga-vs-the-islamic-state-the-road-to-mosul-full-length>>. Acesso em 01 mai. 2017.

PETERSON, V. Spike. Gender, Militarization, and Security: Gendered Identities, Ideologies, and Practices in the Context of War and Militarism. In: SJOBERG, Laura; VIA, Sandra (ED.). **Gender, War, and Militarism.** Santa Barbara: ABC-CLIO, LLC. 2010.

PLATT, Gareth. **A kurdish female fighter's war story: 'I don't know how many I've killed in kobani - I don't see ISIS as human'.** International Business Times, 23 out. 2014. Disponível em: <<http://www.ibtimes.co.uk/kurdish-female-fighters-war-story-i-dont-know-how-many-ive-killed-kobani-i-dont-see-1471412>>. Acesso em: 01 mai. 2017.

Profile: Who are the Peshmerga? BBC, 12 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-middle-east-28738975>>. Acesso em: 24 mai. 2017.

RAMOS, Graça Andrade. **Curdos, árabes e cristãos aliam-se na Síria para combater Estado Islâmico.** RTP, 12 out. 2015. Disponível em: <https://www.rtp.pt/noticias/mundo/curdos-arabes-e-cristaos-aliam-se-na-siria-para-combater-estado-islamico_n865431>. Acesso em: 20 abr. 2017.

ROBERTSON, Max. *Women and Kurdish Nationalism*. 2016.

RODRIGUES, Rúbia. **Curdistão: Um Problema de Ontem e Hoje.** Belo Horizonte: PUCMINAS. 2010.

ROMANO, David. **The Kurdish Nascionalist Moviment:** Oportunity, Mobilization and Identity. Nova Iorque: Cambridge University Press. 2006. 291 p.

Segurança dos civis sitiados em ofensiva do Estado Islâmico à cidade síria preocupa ONU. Nações Unidas no Brasil, 07 out. 2014. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/seguranca-dos-civis-sitiados-em-ofensiva-do-estado-islamico-a-cidade-siria-preocupa-onu/>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

Seis gráficos Explicam guerra contra 'Estado Islâmico'. BBC Brasil, 16 fev. 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/02/150216_estado_islamico_>. Acesso em: 01 mai. 2017.

SEN, Amartya. **Identidade e Violência:** A Ilusão do Destino. W.W. Norton & Company Inc, 2006. Traduzido por José Antonio Arantes. São Paulo: Itáu Cultural e Editora Iluminuras, 2015. 105 p.

Síria: 'O genocídio ocorreu e está em curso', diz comissão da ONU sobre yazidis atacados pelo ISIL. Nações Unidas no Brasil, 18 jun. 2016. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/siria-o-genocidio-ocorreu-e-esta-em-curso-diz-comissao-da-onu-sobre-yazidis-atacados-pelo-isil/>>. Acesso em: 01 mai. 2017.

Soldados curdos e sírios libertam barragem de Tabqa das mãos do Daesh. Sputnik News, 10 mai. 2017. Disponível em: <https://br.sputniknews.com/oriente_medio_africa/201705108357641-curdos-americanos-barragem-daesh/>. Acesso em: 11 mai. 2017.

SOUSA, Beatriz. **Conheça os yazidis, povo que está sendo massacrado no Iraque:** Entre 10 mil e 40 mil yazidis estão encurralados entre a sede e as armas dos radicais islâmicos nas montanhas do Iraque. Exame, 07 ago. 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/conheca-os-yazidis-povo-que-esta-sendo-massacrado-no-iraque/>>. Acesso em: 01 mai. 2017.

SPENCER, Richard. **Who are the Kurds? A user's guide to Kurdish politics.** Telegraph, 05 jul. 2015. Disponível em:

<<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/middleeast/syria/11198326/Who-are-the-Kurds-A-users-guide-to-Kurdish-politics.html>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

STEWART, Phil. **U.S. to arm Syrian Kurds fighting Islamic State, despite Turkey's ire.** Reuters, 10 mai. 2017. Disponível em: <<http://mobile.reuters.com/article/idUSKBN18525V>>. Acesso em: 11 mai. 2017.

STOKES, Jaime. **Encyclopedia of the Peoples of Africa and the Middle East.** 2. ed. Nova Iorque: Infobase Publishing, 2009.

Taking female armed rebels seriously. The Washington Post, 11 abr. 2015. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2015/04/11/taking-female-armed-rebels-seriously/>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

TAMKIN, Emily. **Erdogan to Trump: Don't Arm the Kurds.** Foreign Policy, 10 mai. 2017. Disponível em: <<https://foreignpolicy.com/2017/05/10/erdogan-to-trump-dont-arm-the-kurds/>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

Território controlado pelo Estado Islâmico 'encolhe' na Síria e no Iraque, diz estudo. BBC Brasil, 09 out. 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-37601634>>. Acesso em: 06 mar. 2017.

HANNAH, John. **The kurds go broke its lights out for Obama's war on the Islamic State.** Foreign Policy, 02 mar. 2016. Disponível em: <<http://foreignpolicy.com/2016/03/02/if-the-kurds-go-broke-its-lights-out-for-obamas-war-on-the-islamic->>. Acesso em: 01 mai. 2017.

The Time for an Independent Kurdistan Is Now. Foreign Policy, 04 mai. 2016. Disponível em: <<http://foreignpolicy.com/2016/03/04/the-time-for-an-independent-kurdistan-is-now/>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

THE women fighters taking revenge against IS. 2015. Son., color. Legendado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YpesgydG5sQ>>. Acesso em: 02 mar. 2017.

This Is Not The Time for an Independent Kurdistan. Foreign Policy, 22 abr. 2016. Disponível em: <<http://foreignpolicy.com/2016/04/22/this-is-not-the-time-for-an-independent-kurdistan-iraq-barzani/>>. Acesso em: 05 jun. 2016.

TICKNER, Ann. Feminism and Security. In: HUGHES, Christopher W.; MENG, Lai Yew (ED.). **Security Studies: A reader.** Nova Iorque: Routledge, 2011.

_____. **Gender in International Relations: Feminist Perspectives on Achieving Global Security.** Nova Iorque: Columbia University Press. 1992. 211 p.

_____. **Gendering World Politics: Issues and Approaches in the Post-Cold War Era.** Nova Iorque: Columbia University Press. 2001.

TOPALIAN, Nohad. **Une commandante des FDS à la tête des combats pour Al-Raqqa.** Al-Mashareq, 29 mar. 2017. Disponível em:

<http://almashareq.com/fr/articles/cnmi_am/features/2017/03/29/feature-01>. Acesso em: 01 mai. 2017.

Turkey air strikes on Kurds in Syria and Iraq spark US concern. BBC, 25 abr. 2017. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-middle-east-39708909>>. Acesso em: 02 mai. 2017.

Turkey targets Kurdish fighters in Iraq and Syria: At least 70 killed in Iraq and Syria, Turkish officials say, in blow against Kurdish forces battling ISIL in the region. Al Jazeera, 25 abr. 2017. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/news/2017/04/turkey-targets-kurdish-fighters-iraq-syria-170425081224935.html>>. Acesso em: 02 mai. 2017.

Turkey v Syria's Kurds v Islamic State. BBC, 23 ago. 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-middle-east-33690060>>. Acesso em: 02 mai. 2017.

Turkish warplanes bomb Kurdistan Region's Bradost region. Rudaw, 04 jun. 2017. Disponível em: <<http://www.rudaw.net/english/kurdistan/04062017>>. Acesso em: 04 jun. 2017.

VAN BRUINESSEN, Martin. **Agha, Shaikh and State:** The Social and Political Structures of Kurdistan. Londres: Led Books. 1992. 386 p.

VIA, Sandra. Gender, Militarism, and Globalization: Soldiers for Hire and Hegemonic Masculinity. In: SJOBERG, Laura; VIA, Sandra (ED.). **Gender, War, and Militarism.** Santa Barbara: ABC-CLIO, LLC. 2010.

VISACRO, Alessandro. **Guerra Irregular:** Terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história. São Paulo: Editora Contexto. 2009. 376 p.

WES, Enzinna. **A Dream of a Secular Utopia in ISIS' Backyard.** The New York Times, 24 nov. 2015. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/11/29/magazine/a-dream-of-utopia-in-hell.html?_r=0>. Acesso em: 13 mai. 2017.

Who are the Kurds?. 15 mar. 2016. Disponível em: <<http://blogs.ft.com/the-world/2014/10/a-short-history-of-the-kurds/>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

WOMEN fighters in kurdistan 2013 (documentary). 2013. (1858 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PK_XEz-uZYY>. Acesso em: 02 fev. 2017.

WOOD, Elisabeth Jean. Sexual Violence during War: Toward an Understanding of Variation. In: SJOBERG, Laura; VIA, Sandra (ED.). **Gender, War, and Militarism.** Santa Barbara: ABC-CLIO, LLC. 2010.

YAR, Cengiz. **'The Peshmerga Isn't Afraid of ISIS':** Fighting on the front lines, Kurdish Peshmerga soldiers have joined the Iraqi Army in a bloody battle against the Islamic State. But sharing a common enemy doesn't make them easy allies. Foreign Policy, 24 maio 2016. Disponível em: <<http://foreignpolicy.com/2016/04/12/the>>

peshmerga-isnt-afraid-of-islamic-state-iraqi-army-makhmour/>. Acesso em: 01 mai. 2017.

YPJ. 2016. (1706 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sy_Vtqe5IXg>. Acesso em: 02 fev. 2017.

YPJ: The Kurdish feminists fighting Islamic State. The Week, 07 out. 2014. Disponível em: <<http://www.theweek.co.uk/middle-east/islamic-state/60758/ypj-the-kurdish-feminists-fighting-islamic-state>>. Acesso em: 01 mai. 2017.

ZAMAN, Amberim. **How the kurds became Syria's new power brokers:** And why Edorgan's war against them threatens to undermine his relationship with the United States and spark a civil war in Turkey. Foreign Policy, 18 fev. 2016. Disponível em: <<http://foreignpolicy.com/2016/02/18/how-the-kurds-became-syrias-new-power-brokers/>>. Acesso em: 01 mai. 2017.

Anexo I- Entrevista

No dia 06 de junho de 2017, foi realizada uma entrevista com o curdo ex-soldado do *Peshmerga*, residente da cidade de Erbil, localizada no território autônomo do Curdistão do sul (Iraque). Para proteger a identidade do entrevistado decidimos poder modificar seu nome e nomeá-lo pelo codinome “curdo 01”.

A entrevista deu-se por ligação telefônica pelo aplicativo WhatsApp e teve duração de 53 min 45s. Além disso, ela foi realizada em inglês, porém traduzimos as perguntas e respostas feitas em anexo para este trabalho.

Durante a entrevista, “curdo 01” trouxe considerações viáveis para esta pesquisa, pois além de explicar sobre a história do Curdistão como um todo, ele respondeu questionamentos sobre a situação atual do Curdistão.

Pergunta 1 – Por quanto tempo você lutou no *Peshmerga*? E por qual razão você lutou?

Curdo 01 – “Eu venho de uma família onde há histórico militar e por conta disto há pessoas de minha família que morreram em combate. Eu lutei no *Peshmerga* entre 2011 e 2012, antes do EI surgir.”

Pergunta 2 – Os guerrilheiros do *Peshmerga* recebem por sua atuação?

Curdos 01 – “Sim, os soldados do *Peshmerga* recebem aproximadamente 2 mil dólares por mês para atuarem, porém caso não sejam remunerados eles buscam outra atividade e não lutam. O que é diferente de Rojava, porque os curdos de lá lutam pelo que acreditam.”

Pergunta 3 – Qual é o contingente de militares do *Peshmerga*?

Curdo 01 – “O *Peshmerga* é formado por 200 mil militares, onde 90% é de curdos. E aproximadamente 2 mil perderam suas vidas na batalha contra o EI.”

Pergunta 4 – Há mulheres atuando no *Peshmerga*?

Curdo 01 – “Sim, o número se encontra entre 10 e 12 mil.”

Pergunta 5 – Para que os curdos lutam?

Curdo 01 – “Os curdos lutam por sua identidade, e não por religiões. Lutamos por nossa terra. Pois, por que um país deve controlar uma terra que é nossa? Além disso defendemos os direitos humanos então os homossexuais têm seus direitos respeitados na sociedade curda, diferentemente de outros locais do Oriente Médio.”.

Pergunta 6 – Como é a questão da divisão social no Curdistão do sul (Curdistão do Iraque), levando em consideração sua cidade, Erbil?

Curdo 01 – “Aqui a sociedade é dividida em 80% atuação dos homens e 20% das mulheres, então é muito diferente de Rojava, uma vez que é tudo dividido, é 50% mulher e 50% homem.”.

Pergunta 7 – “Como é a relação do KRG com Rojava?

Curdo 01 – “A relação é boa, mas Barzani que ter controle em Rojava e o YPJ não permite.”.

Pergunta 8 – Por quanto tempo sua irmã lutou no YPJ?

Curdo 01 – “Minha irmã se voluntariou ao YPJ e lutou de 2014 a 2015, mas ela se machucou em uma batalha e voltou para casa para se recuperar.”.

Pergunta 9 – Qual é o contingente do YPJ?

Curdos 01 – “Em 2014 eram 11 mil, em 2016 eram 18 e em 2017 até agora são 20 mil. Mas o YPJ não tem somente curdas, já que têm mulheres de outras povos que vivem na região e estrangeiras.”.

Pergunta 10 – Quantos guerrilheiros e guerrilheiras morreram em combate até agora?

Curdo 01 – “No *Peshmerga* morreram 2 mil, no YPG 3000 e YPJ 800.”.